

CENTRO MATERNO INFANTIL – CMI –

PLANEJAMENTO FAMILIAR

CENTERS FOR DISEASE CONTROL – CDC –

INVESTIGAÇÃO SOBRE SAÚDE REPRODUTIVA DO JOVEM NA CIDADE DE SÃO PAULO

RELATÓRIO FINAL

SÃO PAULO – SP – BRASIL, 1988



Printed by
U.S. DEPARTMENT OF HEALTH & HUMAN SERVICES
Public Health Service
Centers for Disease Control
Atlanta, Georgia 30333
April 1991

AUTORES:

CECÍLIA POLESÍ MAYER SAKAMOTO

HELOÍSA SOARES FREIRE

LEO MORRIS

CAPA:

LÚCIA POLESÍ MAYER OLIVEIRA

ROSANA MARGARETH TICH LACK SILVA

REALIZAÇÃO DA PESQUISA:

. CENTRO MATERNO INFANTIL - C M I - PLANEJAMENTO FAMILIAR

PROF. DR. MILTON S. NAKAMURA

EXECUÇÃO DA PESQUISA:

- DR. JOÃO CARLOS DE MOURA VACCARELLI

Diretor

- CECÍLIA POLESI MAYER SAKAMOTO

Coordenadora de Campo e Analista de Dados

- HELOÍSA SOARES FREIRE

Analista de Dados

- EUDS ANDRADE JARDIM

Secretaria e Administração Geral

SUPERVISORES DE CAMPO:

HELOÍSA SOARES FREIRE

SILVANA LUCCHI MAYER

FRANCISCO CÉSAR PINTO DA FONSECA

WAGNER ALVES PIRES

ENTREVISTADORES:

ADRIANA MACCAPANI CÔRTEZ

ANDRÉ LUIZ BARBOSA ROSA

CARLOS JOSÉ GONÇALVES DO PRADO ADÃO

DALTA NICODEMOS DE JESUS

FERNANDO DE ALMEIDA SANTOS

FLÁVIA ROSA DE ALMEIRA PRADO

LUIZ CARLOS PUNTONI

MARCOS MONTEIRO DA SILVA

MARIA ISABEL VERGUEIRO PUPO

MARISA GONÇALVES RIBEIRO

NILZA MARIA DE LIMA

PAULO AUGUSTO MACEDO

SÉRGIO ALVES PIRES

SILVIA DE SOUSA
SONIA MARIA PORFIRIO
WILSON BATISTA DE BARROS JÚNIOR

PROGRAMADORES:

CARLOS ROBERTO CLEMENTE
JOSÉ CARLOS DA COSTA PEREIRA

DIGITADORES:

IRONILDO BOTTON
WALTER BLAIDE DA SILVA

. CENTERS FOR DISEASE CONTROL (CDC) - DIVISÃO DE SAÚDE REPRODUTIVA

- LEO MORRIS, PhD
Assessoria Técnica
- STEVE KINCHEN
Programação e Processamento de Dados
- LISA WHITTLE
Treinamento

APOIO FINANCEIRO:

- . THE PATHFINDER FUND
- . FAMILY HEALTH INTERNATIONAL (FHI)
- . LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA (L B A)
- . BERLIMED - PRODUTOS QUÍMICOS, FARMACÊUTICOS E BIOLÓGICOS LTDA

<u>C A P Í T U L O</u>	<u>P Á G I N A</u>
I - INTRODUÇÃO	1
II - METODOLOGIA	
2.1. Objetivos	5
2.2. Material e Método	6
2.3. Nota sobre a Apresentação dos Resultados...	11
III - CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS	
3.1. Número de Entrevistas Realizadas.....	13
3.2. Estado Civil, Nível Educacional, Condição de Atividade e Nível Sócio-Econômico.....	14
3.3. Religião	18
3.4. Origem e Tempo de Permanência.....	18
3.5. Escolaridade Desejada pelo Jovem.....	20
3.6. Ocorrência do Tabagismo nos Jovens.....	20
IV - EDUCAÇÃO SEXUAL.....	23
V - EXPERIÊNCIA SEXUAL E ANTICONCEPÇÃO	
5.1. A Primeira Relação Sexual.....	32
5.2. Atividade Sexual Atual.....	38
VI - DADOS SOBRE FECUNDIDADE, PRÉ-NATAL E AMAMENTAÇÃO DAS JOVENS PAULISTAS.....	43
VII - ALGUMAS ATITUDES E OPINIÕES DOS JOVENS	
7.1. Problema mais Comum entre os Jovens da Cida de de São Paulo.....	49
7.2. Método Anticonceptivo que o Jovem considera mais Adequado para a sua Idade.....	51
7.3. Parceiros com quem os Jovens poderiam ini ciar e manter Relações Sexuais.....	52
7.4. Conhecimentos e Atitudes frente a Sexualidade .	56
7.5. Opiniões sobre a Medida a ser Adotada em Caso de Gravidez Indesejada.	59
7.6. Atitudes e Opiniões frente a Vida Familiar.	62
7.7. Concepções frente aos Papéis Masculino/Feminino	66
VIII - CONHECIMENTO E ATITUDES DO JOVEM FRENTE A AIDS...	73

IX - O JOVEM, SEU CONHECIMENTO E OPINIÕES SOBRE MACONHA E DROGAS QUÍMICAS	85
X - RESUMO E COMENTÁRIOS	89
BIBLIOGRAFIA	107
ÍNDICE DAS TABELAS.....	111

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A Adolescência é considerada pelos cientistas do desenvolvimento humano, como um período crítico.

O que caracteriza o início da adolescência, são as condutas psicológicas reativas às mudanças físicas da puberdade. O seu término é impreciso na medida em que há uma dependência dos aspectos sócio-culturais que incidem na bagagem psicológica do jovem.

Segundo Sandström (1975) , e Mussen, Conger e Kagan (1977), um aspecto fundamental para adquirir um amadurecimento que caracteriza a vida adulta, é o desenvolvimento de uma identidade própria que significa a integração adequada das necessidades, motivos e padrões de resposta. A problemática da aquisição desta identidade se torna mais aguda na adolescência devido principalmente às rápidas transformações físicas e a um aumento das exigências sociais sobre o jovem.

Para Knobel (1988), esse desenvolvimento de uma identidade adulta, ocasiona no jovem um período de "turbulência" (variável segundo seu ecossistema sócio-familiar) onde comportamentos usualmente considerados fora dos padrões tidos como normais, e até patológicos em outras fases do desenvolvimento, devem ser encarados como normais durante esta transição para a vida adulta. Estes comportamentos devidamente agrupados e analisados, fizeram com que o autor propusesse a existência de uma verdadeira "síndrome da adolescência normal".

As mudanças que ocorrem na adolescência, nem sempre são adequadamente internalizadas pelo jovem, fato este que traz muitas vezes como consequência, um prejuízo no desenvolvimento da maturidade para a vida adulta, na medida em que quando chega a adolescência há uma confusão de papéis pois o jovem, não sendo mais a criança dependente dos pais e não sendo ainda adulto, encontra dificuldades em se posicionar frente as diversas situações e exigências advindas do meio, tal como a busca de um emprego, a ocorrência de uma gravidez precoce, etc.

Ultimamente vem aumentando o interesse dos segmentos governamentais e dos setores ligados à Saúde, com esta problemática relacionada a adolescência uma vez que, segundo cálculos das Nações Unidas, no Brasil em 1980, aproximadamente um quarto da população tinha de 10 a 19 anos de idade (26,8 milhões de adolescentes), sendo que 49,5% eram do sexo masculino e 50,5% do feminino. Porém, de acordo com as projeções da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e

do Centro Latinoamericano de Demografia (CELADE), haverá 36,1 milhões de adolescentes no ano 2000. Ao se considerar apenas a região Sudeste, sabe-se ainda que 42% de todos os jovens brasileiros de 15 a 19 anos, vivem nesta região.

De acordo com estes índices, nos deparamos com uma carência de dados estatisticamente representativos que nos ofereçam um conhecimento mais aprofundado desta população, uma vez que os poucos dados existentes limitam-se a estudos realizados em algumas clínicas, hospitais e escolas.

Porém, já em 1978, Nakamura e cols. demonstraram interesse sobre a prevalência de métodos anticoncepcionais, realizando um estudo junto às mulheres em idade fértil (15-49 anos) no Estado de São Paulo, no qual também as adolescentes foram investidas sobre o tema.

Também uma pesquisa de âmbito nacional realizada por Arruda e cols (1986), revelou que 36,5% das mulheres brasileiras entre 20-24 anos tiveram experiência sexual pré-marital. Nesta faixa etária, o índice mais elevado ocorreu no Estado de São Paulo, com um percentual de 41,5%. Ao se levar em consideração as demais regiões do Brasil, observa-se que 84,6% das mulheres que tiveram sua primeira experiência sexual pré-marital, o fizeram antes dos 20 anos de idade e somente 14,9% referiram que elas ou seus parceiros tinham usado algum método anticoncepcional nesta primeira experiência sexual pré-marital. Entre outros dados esta pesquisa revelou ainda, que 34,1% dos primeiros filhos foram frutos de concepções pré-maritais.

De acordo com os dados estatísticos acima relatados, pode-se imaginar inevitáveis intercorrências na área clínica, social e psicológica, para esta população.

Considerando a América-Latina, as pesquisas representativas que investigam a experiência sexual, o uso de métodos anticoncepcionais pelos jovens, os conhecimentos adquiridos sobre educação sexual e as atitudes e opiniões dos jovens frente a estes temas, são escassas. Por esta razão, recentemente o Centers for Disease Control (C D C) de Atlanta, nos Estados Unidos, vem proporcionando assistência técnica a várias instituições da América Latina que tem interesse em conduzir este tipo de investigação científica.

Diante da falta de dados estatísticos abrangentes sobre a real condição do jovem adulto na Cidade de São Paulo, o Centro Materno Infantil-CMI-Planejamento Familiar, também com apoio técnico do Centers for Disease Control (C D C) se propôs a desenvolver, implementar e analisar dados sobre uma pesquisa domiciliar com jovens na faixa etária compreendida entre 15-24 anos, residentes na Cidade de São Paulo. A pesquisa intitula-se "Investigação sobre Saúde Reprodutiva do Jovem na Cidade de São Paulo".

A proposta dos resultados encontrados nesta investigação, é que deles se extraiam relevantes informações no que diz respeito a futuras condutas relacionadas à Saúde e Educação do Jovem Adulto.

As informações colhidas trarão maiores dados sobre o conhecimento dos jovens em relação à Educação Sexual, Anticoncepção, Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids, Drogas, assim como as Atitudes e Opiniões deles sobre esses temas, além de auxiliarem no desenvolvimento de novas diretrizes políticas e de programas relativos aos problemas de saúde dos jovens.

Os resultados e conclusões desta investigação poderão ainda, ser úteis no desenvolvimento de outras investigações de âmbito nacional, para o mesmo grupo etário, assim como a de servirem como base sólida para a criação de serviços especializados no atendimento ao jovem, apoiados agora, em dados estatísticos consistentes, abrangentes e fidedignos.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

2.1 - Objetivos

A - Filosóficos:

Esta investigação se propõe a obter informações importantes sobre os jovens adultos, no que tange a dados relacionados à sua caracterização sócio-econômico-cultural; aos seus comportamentos e valores pessoais; à sua educação e informação sexual; aspectos reprodutivos; gravidez; conhecimentos, práticas e atitudes frente a anticoncepção; e informações sobre doenças sexualmente transmissíveis, inclusive AIDS ; e drogas.

B - Gerais:

1) - Os resultados e informações obtidos através desta investigação, poderão estimular novos estudos relacionados à população de jovens adultos.

2) - Através dos resultados desta investigação, poderá ser criada uma metodologia que abranja as reais necessidades de informações relacionadas à educação sexual do jovem.

3) - Os resultados e informações desta investigação, proporcionarão o embasamento e a experiência para a criação de serviços especializados, integrados no atendimento e assistência ao jovem.

C - Específicos:

1) - Determinar o nível de conhecimento reprodutivo do jovem adulto;

2) - Estudar o nível e conteúdo da Educação Sexual nas escolas, bem como, fora dela;

3) - Delimitar a porcentagem de jovens sexualmente ativos;

4) - Delimitar a porcentagem de jovens adultos que praticam a anticoncepção;

5) - Definir o tipo e a fonte dos métodos anticonceptivos utilizados pelos jovens com atividade sexual;

6) - Dimensionar os fatores que influenciam o comportamento sexual dos jovens;

7) - Precisar a expectativa de "status" sócio-econômico-cultural do jovem;

8) - Identificar tabus e preconceitos dos jovens com relação a valores culturais, sexualidade e anticoncepção;

9) - Especificar conhecimentos, práticas e atitudes com relação a doenças sexualmente transmissíveis;

10) - Avaliar os conhecimentos e atitudes com relação a AIDS;

11) - Avaliar os índices de paridade, concepções pré-maritais e gravidezes não desejadas;

12) - Delimitar a época da primeira gestação, relacionando-a com a gravidez de alto risco;

13) - Dimensionar os conhecimentos que os jovens têm sobre drogas em geral.

2.2 - Material e Método

Passamos agora, a tecer considerações a respeito da metodologia e estratégia de ação usadas na implantação e execução da investigação. Foram considerados os seguintes aspectos:

A - Desenvolvimento do Questionário;

B - Desenvolvimento do Manual do Entrevistador;

C - Aplicação do Pré-Teste;

D - Amostragem;

E - Treinamento dos Entrevistadores;

F - Trabalho de Campo;

G - Análise dos Dados e Relatórios;

H - Divulgação do Estudo.

A - Desenvolvimento do Questionário:

Um questionário foi desenvolvido conjuntamente entre as equipes técnicas do Centro Materno Infantil-CMI-Planejamento Familiar (CMI/PF) e Centers for Disease Control (CDC), para ser utilizado como instrumento do estudo. Investigações prévias sobre Saúde Reprodutiva em jovens adultos, já haviam sido efetuadas na Cidade do México, Cidade da Guatemala, Jamaica e Cidade de Salvador (BA) por ocasião da elaboração do questionário e embora os itens constantes dos instrumentos sejam semelhantes em sua essência e objetivos, para a finalização do questionário utilizado na Cidade de São Paulo, foram levadas em consideração as idiossincrasias culturais e locais.

O questionário incluiu módulos sobre: Características Sócio-Demográficas-Culturais; Religião; Avaliação sobre Vida Familiar; Educação Sexual; Reprodução; Conhecimento sobre Métodos Anticoncepcionais; Experiência Sexual e Uso de Anticonceptivos; Atitudes e Intenções em relação à Anticoncepção e Sexualidade; Conhecimento sobre AIDS e um módulo introduzido apenas para a Cidade de São Paulo, na ocasião, sobre conhecimento de Drogas.

B - Desenvolvimento do Manual do Entrevistador:

O entrevistador foi devidamente preparado e treinado para conduzir a entrevista de tal forma, a não contaminar as respostas dos entrevistados. No sentido de estandarizar as condutas, foi criado um Manual do Entrevistador onde se intentou conscientizar o entrevistador da importância de seu papel dentro do contexto mais amplo da pesquisa, também houve uma preocupação em explicar a formulação de cada pergunta do questionário, e qual deveria ser o procedimento para compilar a resposta. Outro aspecto incluído no bojo deste manual foi o procedimento técnico da entrevista, e as possíveis soluções para problemas que eventualmente pudessem surgir no decorrer da mesma.

C - Aplicação do Pré-Teste:

O instrumento foi pré-testado em áreas da Grande São Paulo que não faziam parte da amostragem prevista para a aplicação final do questionário. Para tanto, foram selecionados e treinados 10 entrevistadores experimentais (5 homens e 5 mulheres), sendo que os homens entrevistaram jovens do sexo masculino e mulheres entrevistaram jovens do sexo feminino. Cada um dos entrevistadores procedeu de 10 a 12 entrevistas, perfazendo um total de 100 a 120 questionários realizados.

Os resultados deste pré-teste, foram cuidadosamente analisados pela equipe técnica e baseados nos resultados obtidos, foram efetuadas as mudanças apropriadas no questionário.

D - Amostragem:

De acordo com os procedimentos padronizados para as pesquisas domiciliares, foram selecionados 77 setores censitários fornecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que se baseou numa sub amostragem da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 1985, atualizada em 1988 (IBGE, 1988). A PNAD foi criada com a finalidade de fornecer informações para o estudo de planejamento do desenvolvimento sócio-econômico da população do país. É realizada através de uma amostra de domicílios entruturada por processos estatísticos-matemáticos, de forma a garantir a representatividade dos resultados.

A seguir, foram selecionados os domicílios dentro dos setores censitários, através de procedimento probabilístico e dividiu-se o setor em duas partes equitativas, no sentido de caracterizar a amostra masculina e feminina. Desta maneira, cumprimos o objetivo de obter uma amostra independente para homens e mulheres.

Finalmente, foi utilizada a tabela de números aleatórios onde foi identificado o domicílio inicial, a partir do qual delimitaram-se os seguintes, até completar o número de domicílios previstos para aquele setor, tanto na amostra feminina como na amostra masculina.

O tamanho da amostra foi baseado na precisão necessária para estimativas confiáveis das características a serem estudadas e analisadas. Determinou-se que 2.000 entrevistas (1.000 masculinas e 1.000 femininas), seriam suficientes para estudar os resultados das variáveis envolvidas neste estudo, de tal forma a terem poder de generalização.

Teoricamente, baseados em estimativas, deveriam ser visitados três domicílios em média para que um jovem entre as idades de 15-24 anos fosse identificado assim sendo, seriam visitados 3.150 domicílios para cada sexo, perfazendo um total de 6.300 domicílios visitados (0,33 jovens por domicílio), resultando numa média de 41 domicílios em cada setor censitário, para cada sexo.

No decorrer do trabalho porém, foram encontrados menos de 0,33 jovens por domicílio (0,29 para mulheres e 0,27 para homens), verificou-se que as estimativas iniciais seriam insuficientes para atingir as metas propostas daí, usando o mesmo procedimento utilizado para a escolha anterior dos domicílios, foram acrescentados quatro domicílios a cada setor, para cada amostra. Foram visitados portanto, 6.872 domicílios sendo 3.436 para a amostra feminina e 3.436 para a amostra masculina.

O principal objetivo da pesquisa é o de fornecer estimativas para conhecimento do comportamento de jovens e um número de variáveis demográficas, de planejamento familiar e de saúde, através de entrevistas domiciliares, usando-se uma amostra cientificamente selecionada de uma população definida: a população de jovens entre 15-24 anos.

As estimativas para estas variáveis entretanto, estão sujeitas a dois tipos de erros: erros relacionados à amostra e erros não-relacionados à amostra. O erro total, é o erro resultante destes dois tipos de erros mencionados acima, e a diferença entre a estimativa da variável e o valor real.

Os erros que não são procedentes da amostragem, são aqueles que persistiriam mesmo que toda a população fosse coberta. Estes erros podem ser devidos a problemas nas atividades do trabalho de campo durante a pesquisa. Como exemplo, podemos citar a não localização e não visi-

ta ao domicílio selecionado, problema no preenchimento do questionário pelo entrevistador, erros de codificação e digitação, etc. Estes tipos de erros só podem ser controlados por um bom esquema de supervisão aplicado às atividades de campo (vide próximas seções do capítulo).

Os erros de amostragem são aqueles que resultam da seleção da amostra da população em estudo, através de um desenho de amostra específico. Estes erros, fornecem uma estimativa de como se obter resultados do comportamento de uma variável específica, repetindo a pesquisa por amostragem, com o mesmo desenho. Como o erro de amostragem é uma função do desenho da amostra, ao contrário dos erros não-relacionados à amostra, ele pode ser medido.

Por exemplo, podemos estimar que a variável "experiência sexual pré-marital" para mulheres entre 15-24 anos (38,2%), tem um erro de amostragem de 4,0%, relativo a um coeficiente de confiança de 95%, incluindo o "efeito de desenho da amostra". Para os homens entre 15-24 anos (82,3%), seria 3,4%. Quer dizer que o valor real para as mulheres deve ser entre 34,2% e 42,2%. Estimativas dos erros de amostragem, segundo o valor da variável e número de casos selecionados, são apresentadas na tabela 2.1.

E - Treinamento dos Entrevistadores e Supervisores de Campo:

Para minimizar os erros oriundos do processo de coleta de informações, foram estabelecidos mecanismos de treinamento e acompanhamento dos entrevistadores e dos supervisores, antes, durante e após a realização das entrevistas.

Foram selecionados e treinados 20 entrevistadores (10 homens e 10 mulheres), dos quais 16 foram escolhidos sendo que os demais, foram mantidos para retaguarda no sentido de preencher eventuais necessidades. Os 16 entrevistadores foram divididos em 4 grupos de 4 membros cada um e para dirigir cada grupo, foram selecionados e treinados 4 supervisores de campo (2 homens e 2 mulheres).

O treinamento foi realizado em 5 dias (40 horas) de trabalho teórico e prático, cujo conteúdo programático consistiu no seguinte:

- 1º dia - exposição teórica sobre os objetivos da pesquisa, considerações preliminares sobre o questionário, leitura e discussão do Manual do Entrevistador;
- 2º dia - exposição teórica sobre técnicas de entrevista e prática de entrevista (role-playing).
- 3º dia - revisão de cada uma das perguntas do questionário e discussão de dúvidas;
- 4º dia - prática de campo (fora da amostragem escolhida), de

aplicação do questionário;

5º dia - discussão sobre os problemas encontrados na aplicação do questionário e orientações adicionais.

F - Trabalho de Campo:

a) - Todos os jovens com idades entre 15-24 anos, nos domicílios selecionados, foram elegíveis para serem entrevistados.

b) - Cada grupo de entrevistadores efetuou aproximadamente 1.719 entrevistas domiciliares, completando cerca de 500 entrevistas individuais, por grupo.

Todo o trabalho de campo, teve a duração de 90 dias, sendo que as semanas foram de 6 dias. Devido à dificuldade de se encontrar os jovens nas residências na primeira visita, foram efetuadas em alguns casos, até 5 re-visitas aos domicílios.

c) - Cada grupo de 4 entrevistadores, teve um supervisor, que solucionava os eventuais problemas surgidos em campo e, na impossibilidade de fazê-lo recorreu à coordenadora de campo que por sua vez, foi responsável por todas as atividades de campo.

Após a realização das entrevistas, o supervisor da equipe realizava uma primeira revisão da entrevista e, num segundo momento, a coordenadora do trabalho de campo fazia uma nova revisão da qualidade dos dados coletados. Por esta ocasião, foram codificadas as respostas relativas às questões abertas.

d) - Foram alugadas 2 Kombis com motoristas para transportar 2 equipes (uma masculina e outra feminina), para seus respectivos setores.

G - Análise de Dados e Relatórios:

O "software" para entrada e limpeza de dados (data entry/edit software), foi elaborado pelo Centers for Disease Control (CDC), e o programador daquela entidade, treinou 2 digitadores para proceder à digitação dos questionários e fichas domicílio. Após a entrada dos dados, foram efetuadas as frequências de todas as variáveis o que possibilitou então, o cruzamento entre algumas variáveis, através da rotina CROSSTABS, e posterior análise dos dados.

Esta análise de dados é dividida em duas etapas, a primeira é um Relatório Preliminar que caracteriza o jovem da Cidade de São Paulo, de uma forma abrangente porém, generalizada (CMI/PF, 1989). Em uma segunda etapa é elaborado o Relatório Final, com análises mais aprofundadas dos temas abordados.

H - Divulgação do Estudo:

Este trabalho será divulgado aos diferentes segmentos da área de saúde, que trabalham ou pretendem trabalhar com o jovem, através de Seminários, Congressos, Cursos e Palestras. Serão divulgados também junto aos órgãos governamentais a nível Municipal, Estadual e Federal, no sentido de fornecer substratos para a criação e/ou implementação de serviços ligados ao atendimento de jovens.

Até o presente momento, a divulgação está sendo feita basicamente, através de apresentação de trabalhos, em Congressos. Estes trabalhos versaram sobre "Conhecimento e Atitude do Jovem da Cidade de São Paulo frente a AIDS"; "Prática Sexual e uso de Anticoncepcionais" e "Educação Sexual".

Tais temas foram apresentados na: 10^a Conferência Americana de Programas Integrados (CAPRI X) em Acapulco-junho de 1989; no Congresso Latinoamericano de Planejamento Familiar no Rio de Janeiro-agosto de 1989; no Congresso Norteamericano de Saúde Pública nos Estados Unidos - novembro de 1989; na 11^a Conferência Americana de Programas Integrados (CAPRI XI) em São Paulo- julho de 1990 e no Simpósio Interamericano de Educação para a Saúde no Rio de Janeiro-julho de 1990.

Finalmente, foi realizado em junho de 1990, um Seminário em São Paulo onde os idealizadores desta pesquisa, tiveram a oportunidade de comunicar às pessoas representativas da comunidade científica, os principais resultados obtidos pelo estudo.

2.3 - Nota sobre a apresentação dos Resultados

As tabelas estão numeradas separadamente, em cada capítulo. Para facilitar a leitura, as frequências são apresentadas como números inteiros, e as porcentagens, com um decimal. Devido a arredondamentos, é possível que as porcentagens não somem exatamente cem. Nas tabelas com distribuições percentuais ou médias, o tamanho da amostra está indicado somente para os totais e não para a categoria simplificando assim, a leitura. Em muitos casos, o leitor pode deduzir o tamanho da amostra, de uma tabela anterior. Foram suprimidos das tabelas, os dados estatísticos baseados em menos de 25 casos.

CAPÍTULO III

CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS

3.1 - Número de Entrevistas

Neste capítulo a população alvo é caracterizada segundo idade, nível de escolaridade, estado civil, condição de atividade, religião, nível sócio-econômico, origem e ocorrência do tabagismo.

Foram escolhidos e visitados 3.436 domicílios para a amostra feminina e 3.436 domicílios para a amostra masculina totalizando 6.872 domicílios. Em 23,5% dos domicílios da amostra de mulheres encontra-se pelo menos uma jovem entre 15-24 anos, já na amostra de homens há um decréscimo no percentual para 19,9% (tabela 3.1).

Com estes percentuais, foram identificados 999 mulheres e 938 homens. Ao se comparar estes valores aos índices encontrados no mesmo estudo realizado na Cidade de Salvador (BA), a percentagem de jovens identificados por domicílio na Cidade de São Paulo (SP), é inferior aos índices encontrados naquele estudo, ou seja 28,6% para a amostra feminina e 24,3% na masculina (Bastos e cols, 1989).

Ainda na tabela 3.1 observam-se resultados referentes às entrevistas individuais realizadas que foram 804 (80,5%) para a amostra feminina e 750 (80,0%) para a masculina. Para o código "ausência do jovem na casa" encontram-se índices de 3,5% para mulheres e 4,5% para os homens.

Surpreendentemente, para o código "recusa total" os percentuais foram insignificantes tanto na amostra de mulheres (2,5%) quanto para a amostra de homens (1,8%).

Ao se comparar estes dados aos obtidos em estudos semelhantes realizados em outros países, nota-se que para o código "ausência do jovem no domicílio" não ocorrem diferenças percentuais importantes para a amostra feminina tanto para a Cidade do México (4,9%) (Nuñez e cols, 1987), quanto para Santiago do Chile (4,1%) (Valenzuela e cols, 1989) porém, para a Cidade de Salvador (BA) este percentual atinge o índice de 10,5%. Já com relação a amostra masculina, nos estudos citados, os percentuais para este código ficam acima de 6,4%. Em todos os estudos comparados, para o código "recusa total" os percentuais são sempre ligeiramente mais elevados para a amostra feminina. Este dado pode significar que as mulheres tem mais reservas frente ao tema abordado pelo questionário.

A categoria "outros" que chegou a 13% nas entrevistas individuais, in

dicam mudança de domicílio e jovens fora da faixa etária entre 15-24 anos de idade. Estas situações ocorreram porque a listagem de domicílios fornecida pelo IBGE foi efetuada de 1 até 3 meses antes da realização das entrevistas individuais.

A duração média para a aplicação da entrevista foi de 22,8 minutos para mulheres e de 25,5 minutos para homens.

3.2 - Estado Civil, Nível Educacional Condição de Atividade e Nível Sócio-Econômico

A tabela 3.2 demonstra que na amostra feminina, a grande maioria é solteira (74,4%) enquanto que 22,3% são casadas ou vivem com companheiro porém, quando se leva em conta a faixa etária percebe-se que entre as idades de 20-24 anos este índice de solteiras cai para 56,2% ao passo que 39,4% já se casaram ou vivem com companheiro. A idade média dos maridos ou companheiros é de 26 anos de idade como demonstram dados não constantes em tabelas.

Na amostra masculina, o índice de solteiros é de 90,0% e o índice de casados ou que vivem com companheira é de 8,1% e tal índice não sofre grandes modificações quando se considera a faixa etária de 20-24 anos onde o índice de solteiros permanece alto (81,5%) e apenas 15,0% são casados ou vivem com companheira, demonstrando que os homens casam-se mais tarde do que as mulheres. Dados não revelados em tabelas demonstram que a idade média das esposas ou companheiras é de 20 anos.

Também na tabela 3.2, pode-se observar alguns dados sobre nível de escolaridade. Na amostra feminina a grande maioria está situada entre o 1º grau nível II incompleto e 2º grau incompleto (72,7%), valor que decresce sensivelmente quando se considera a porcentagem de mulheres que tem o 2º grau completo ou universidade onde o índice é de apenas , 19,3%.

A situação da amostra masculina não apresenta diferenças significativas com relação à amostra feminina sendo 75,3%, aqueles que tem o 1º grau nível II incompleto ou 2º grau incompleto. Com 2º grau completo ou universidade, encontra-se somente 16,4% da amostra.

É interessante notar que, dos jovens que tem 2º grau completo ou universidade, a amostra masculina apresenta um ligeiro decréscimo com relação à feminina. Importante ressaltar ainda que, enquanto 7,0% das mulheres entre 15-19 anos tem o 2º grau completo ou universidade, apenas 4,5% dos homens na mesma faixa etária completaram este grau de escolaridade, enquanto que no mesmo estudo realizado na Cidade de Salvador, o percentual para os homens foi maior (9,6%) do que para as mulheres (6,9%).

Na faixa etária de 20-24 anos, 34,3% das jovens paulistas completaram o 2º grau ou universidade enquanto que o índice para os homens é de 29,8%. Em Salvador os índices foram de 33,9% e 35,1% respectivamente ou seja, a amostra feminina na Cidade de São Paulo apresenta uma consistência percentual com os dados encontrados em Salvador, já na amostra masculina há uma discrepância importante entre os índices encontrados.

Dados não revelados em tabelas demonstram que na Cidade de São Paulo, 77,3% das mulheres e 75,5% dos homens estudaram pela última vez ou estudam atualmente em escolas públicas porém ao se considerar o nível de escolaridade destes jovens, o acesso à escola privada tem uma correlação positiva com o grau de escolaridade, chegando a um equilíbrio percentual entre escola pública e privada, para aqueles jovens de ambos os sexos que tem o nível universitário.

Foi investigada a escolaridade dos pais destes jovens e ainda em dados não constantes de tabela, sabe-se que para a amostra feminina, a maioria dos pais cursaram o 1º grau completo (48,2%); 11,4% nunca foram à escola e um percentual de 26,1% das jovens não se lembram ou não sabem a escolaridade do pai. Com relação às mães, existem algumas diferenças importantes já que há um aumento no percentual para aquelas que cursaram o 1º grau completo (58,0%); também é mais elevado o percentual para aquelas mães que nunca foram à escola (17,5%), em contrapartida, o percentual de jovens que não sabem a escolaridade da mãe diminui consideravelmente para 13,1% se comparado ao índice encontrado para os pais.

Para a amostra masculina, são encontrados dados similares e também, a maioria dos pais cursaram o 1º grau completo (49,6%); 14,4% nunca foram à escola e 22,3% dos jovens não lembram ou não sabem a escolaridade do pai. Para as mães, 61,4% cursaram o 1º grau completo, 13,5% nunca foram à escola e 13,7% dos jovens não lembram ou não sabem a escolaridade da mãe.

Ainda na tabela 3.2, avalia-se a Condição de Atividade dos jovens e para a amostra feminina, observa-se que 31,0% do total não estudam nem trabalham sendo que este percentual mantém uma correlação positiva com a faixa etária, chegando a um índice de 38,8% para as jovens entre 20-24 anos de idade, fator que pode ser explicado pelos índices de casamentos ou uniões assumidos nesta faixa etária pela maioria das jovens.

Considerando a amostra geral, 27,2% das jovens so trabalham. É importante observar o percentual elevado (21,2%) de jovens entre 15-19 anos de idade que so trabalham. O percentual global encontrado para as jovens que so estudam é de 25,6% e como esperado, este índice é maior na faixa etária de 15-19 anos (37,2%).

Para a amostra masculina, a maioria dos jovens so trabalham (46,5%). Tal como observado na amostra feminina é importante notar o aparecimento de um alto índice de jovens na faixa etária entre 15-19 anos, que so trabalham (32,4%). Os que so estudam perfazem um índice de apenas 17,3%.

Analisando-se a condição de atividade das mães dos jovens, dados não constantes em tabelas, revelam que a maioria delas não trabalha (64,8% para a amostra feminina e 69,2% para a amostra masculina).

Bastos e cols., 1989, encontraram índices com diferenças percentuais importantes na Cidade de Salvador, frente a estes mesmos dados em ambas as amostras, e para o item so estuda, foram encontrados percentuais globais de 40,7% para as mulheres e 36,3% para os homens, enquanto que os percentuais gerais para os jovens que so trabalham foi de 22,5% para mulheres e 32,3% para homens.

Com estes dados, algumas hipóteses podem ser aventadas com relação ao baixo número de jovens que so estudam na Cidade de São Paulo. A migração dos vários pontos do país se dá com as camadas mais carentes do ponto de vista sócio-econômico-cultural dos demais estados, e quando chegam à Cidade de São Paulo, tem que lutar pela sobrevivência através de sub-empregos que são abundantes nesta cidade. Por outro lado, as oportunidades de continuarem a vida escolar, tanto para os migrantes quanto para os que sempre viveram em São Paulo, são dificultadas por muitas variáveis que independem da disponibilidade e expectativa do jovem em continuar seus estudos, já que em sua maioria (44,9% para mulheres e 39,9% para homens), almejam concluir a universidade, segundo dados não constantes em tabela.

As oportunidades do jovem no mercado de trabalho, do ponto de vista econômico, são bastante precárias já que dados não constantes em tabela revelam que dos homens que trabalham, 33,3% recebem de um a dois salários mínimos, 44,6% de dois a cinco e somente 10,2% recebem mais de cinco salários mínimos. Com relação às mulheres, a mesma porcentagem (34,1%) recebem de um a dois salários mínimos havendo porém, um de crescimo significativo tanto na faixa de dois a cinco salários mínimos (35,0%), quanto na faixa de mais de cinco salários mínimos (4,0%), se comparados aos índices da amostra masculina. Sabe-se ainda que o nível de escolaridade mantém uma correlação positiva com a obtenção de melhores salários para ambos os sexos.

A tabela 3.3 revela dados sobre a condição sócio-econômica dos jovens. As categorias sócio-econômicas são construídas a partir dos seguintes bens disponíveis na residência, e seu quantitativo (rádio, TV, automóvel, máquina de lavar roupa, aspirador de pó), número de banheiros, número de empregados e instrução do chefe da família (ABIPME, 1984).

Quanto a escolaridade, nota-se que os jovens de ambos os sexos menos favorecidos economicamente (nível baixo e médio baixo), em sua grande maioria, não chegaram a completar o 1º grau, atingindo um percentual de 72,1% para as mulheres e 66,6% para os homens.

Na classe média há uma distribuição equitativa entre aqueles que cursaram o 1º grau completo e/ou 2º grau incompleto sendo que para as mulheres o percentual atinge 70,0% e para os homens o percentual é de 82,3%. É interessante notar que há uma diferença percentual significativa entre os sexos para aqueles que completaram o 2º grau ou universidade ficando os percentuais em 26,6% para mulheres e 15,4% para homens.

Para a classe média alta e alta há uma consistência percentual entre os sexos e a grande maioria cursou o 2º grau ou universidade (42,5% para mulheres e 42,6% para homens).

Conclui-se portanto que como esperado, há uma correlação positiva entre o nível de escolaridade dos jovens e sua condição sócio-econômica.

Com relação à condição de atividade, na amostra feminina os percentuais para aquelas que só estudam são maiores para as classes média alta e alta (42,9% e 60,4% respectivamente), enquanto que para a amostra masculina o maior percentual é encontrado somente na classe alta (48,6%). A maior concentração de jovens que só trabalham está entre as classes baixa, média baixa e média porém, há uma diferença percentual acentuada entre homens e mulheres, já que os percentuais para a amostra feminina ficam abaixo de 34% e para a amostra masculina estes percentuais estão acima de 43%.

Para os jovens que estudam e trabalham, entre as mulheres não há uma predominância percentual em nenhuma classe sócio-econômica e todos os índices ficam abaixo de 23,5%. Já entre os homens, os que estão situados na classe média alta tem a maior concentração percentual para esta categoria (40,5%).

Situação inversa é observada para os jovens que não estudam e nem trabalham onde para a amostra masculina, não há diferenças percentuais importantes entre as classes sócio-econômicas porém, há um ligeiro predomínio desta situação entre os jovens da classe baixa (18,2%). Para a amostra feminina esta situação é muito mais frequente nas classes baixa e média baixa (57,1% e 43,3% respectivamente).

Nota-se que em relação à condição de atividade, o homem continua no seu papel tradicional de provedor, do ponto de vista financeiro e há uma exigência social maior no que tange ao exercício de seu papel profissional, a demonstrar isto, verifica-se que de forma geral o percentual

tual de homens que trabalham é significativamente maior do que para as mulheres (73,2% e 43,4% respectivamente). Ainda a apoiar esta conclusão nota-se que o percentual global para jovens que não estudam e nem trabalham é consideravelmente maior para as mulheres (31,0%), enquanto que para os homens este índice é de 9,5%.

Com relação à condição de atividade dos jovens baianos, Bastos e cols., 1989 encontraram resultados bastante diferentes em todas as categorias investigadas, e considerou-se digna de nota a oportunidade que os jovens de ambas as amostras das classes sócio-econômicas menos favorecidas (média-baixa e baixa) daquela Cidade, terem por condição de atividade somente estudar, chegando a uma média percentual de 42,5% para mulheres e 27,9% para homens, enquanto que na Cidade de São Paulo a média percentual encontrada não ultrapassa índices de 13,2% para as mulheres e 6,3% para os homens.

Talvez esta diferença entre os percentuais encontrados nestas Cidades, se deva ao fato de que no Estado da Bahia as universidades se concentram na Cidade de Salvador portanto, os jovens que chegam à universidade, independente de sua classe sócio-econômica, devem afluir à Capital para cursá-la. Situação inversa ocorre no Estado de São Paulo onde existem universidades espalhadas por todo o interior, desta forma, o jovem que migra para a Cidade, em geral, vem em busca de uma colocação profissional.

3.3 - Religião

Considerando a religião professada pelos jovens, a tabela 3.4 demonstra que a grande maioria deles é católica (76,0% para mulheres e 75,9% para homens), seguido da religião protestante/crente com percentuais de 14,6% para mulheres e 9,6% para homens. O percentual de jovens que não tem religião é maior para os homens do que para as mulheres (12,4% e 7,2% respectivamente).

Em comparação com estudos similares efetuados em Santiago do Chile e Cidade de Salvador encontraram-se percentuais semelhantes aos da Cidade de São Paulo quanto a religião professada porém, quanto aos jovens que não tem religião, os índices encontrados para estes dois estudos foram maiores do que os da Cidade de São Paulo e mais uma vez os percentuais para a amostra masculina foram maiores do que os encontrados para a amostra feminina atingindo percentuais de até 25,8%.

Ao considerar aqueles que frequentam as cerimônias de sua religião pelo menos uma vez por mês, nota-se de forma geral, que as mulheres paulistas frequentam mais as cerimônias do que os homens (49,5% e 39,7% respectivamente). Em ambas as amostras, aqueles que professam a religião protestante/crente, frequentam mais assiduamente às cerimônias, com percentuais de 83,8% para mulheres e 66,7% para homens. Entre os católicos os percentuais são sensivelmente menores ficando em 42,2% para o grupo feminino e 36,0% para o grupo masculino.

3.4-Origem e tempo de Permanência

Como se observa na tabela 3.5, tanto na amostra feminina quanto na mas

culina, a maioria dos jovens sempre viveu na Cidade de São Paulo (65,6% para mulheres e 65,1% para homens). Das 34,4% das mulheres que migraram, a maioria (36,5%) está residindo nesta cidade de 0 a 4 anos, o mesmo ocorre com os 34,9% de migrantes da amostra masculina onde 33,7% destes, residem na Cidade de São Paulo de 0 a 4 anos.

Quanto a caracterização dos jovens que sempre viveram na Cidade de São Paulo, a tabela 3.6 demonstra que entre aqueles jovens que tem entre 15-19 anos, encontra-se o maior contingente de jovens que sempre viveram nesta cidade, em ambos os grupos (71,1% para mulheres e 72,4% para homens). Na faixa etária entre 20-24 anos, 58,7% das mulheres e 56,8% dos homens nasceram nesta cidade.

Com relação ao estado civil, nota-se que das jovens solteiras 69,9% nasceram na Cidade de São Paulo; entre as jovens que vivem com companheiro, 44,2% sempre viveram em São Paulo. Já entre as casadas este percentual sofre um acréscimo, atingindo o índice de 56,9%.

Na amostra masculina 66,1% dos jovens solteiros sempre viveram na Cidade de São Paulo e entre os casados, 62,8% nasceram nesta cidade. Não é possível tecer comentários sobre os jovens que vivem com companheira já que o número de casos identificados é estatisticamente desprezível.

Nota-se portanto, que o percentual entre os solteiros de ambos os grupos não apresentam diferenças importantes, enquanto que para os casados há uma ligeira diferença de 6 pontos percentuais entre homens e mulheres.

Ainda na tabela 3.6 analisa-se a condição de atividade dos jovens que sempre viveram na Cidade de São Paulo e verifica-se que entre os jovens que estudam e trabalham, o percentual é de 80,0% para as mulheres e 71,5% para os homens. Daqueles que só estudam, um percentual de 76,2% do grupo feminino e 83,1% do grupo masculino, nasceram nesta cidade. Já entre os jovens que só trabalham, não há diferenças percentuais entre os grupos (53,4% para mulheres e 53,3% para homens) porém, é digna de nota a diminuição percentual deste índice, se comparado com as condições de atividade citadas acima.

Um percentual elevado daqueles jovens que não estudam nem trabalham, sempre viveram na Cidade de São Paulo (59,8% para mulheres e 71,8% para homens). É interessante notar a diferença percentual entre os sexos.

Quanto ao nível sócio-econômico, nota-se que daqueles jovens pertencentes às classes média, média alta e alta a grande maioria sempre viveu na Cidade de São Paulo, fato este observado tanto para os homens quanto para as mulheres.

Chama a atenção porém, a diferença percentual encontrada entre os jovens de ambos os sexos pertencentes à classe alta, onde há um acréscimo de 16 pontos percentuais para o grupo masculino.

Nota-se que os jovens pertencentes à classe baixa são predominantemente migrantes, já que o percentual para os jovens que sempre viveram em São Paulo é de 28,6% para o grupo feminino e 25,0% para o masculino.

Na classe média-baixa, a tabela mostra que há um equilíbrio percentual entre os migrantes e não migrantes.

3.5- Escolaridade Desejada pelo Jovem

Neste tópico foi investigado junto aos jovens o nível de escolaridade de que os mesmos almejam alcançar.

Estabeleceu-se um paralelo entre o nível de escolaridade atual e o desejado e tal como demonstra a tabela 3.7, de uma forma geral, a maioria dos jovens de ambas as amostras desejam completar o 2º grau ou universidade (72,0% para mulheres e 67,9% para os homens). Entre aqueles que tem o 1º grau nível I incompleto, a expectativa é chegar ao 2º grau em ambas as amostras. Já para os jovens que estão situados nos demais níveis de escolaridade a expectativa é de completar a universidade, com percentuais acima de 61% para as mulheres e acima de 58% para os homens.

Nota-se que entre os universitários, um percentual de 15,5% da amostra feminina e 18,7% da masculina, almejam cursar a pós-graduação.

Em termos gerais, é possível observar uma correlação positiva entre a escolaridade desejada e o nível de escolaridade atual, fato este que ocorre em ambas as amostras.

3.6-Ocorrência do Tabagismo nos Jovens

Neste item, o questionário investigou o hábito de fumar cigarros entre os jovens, e a tabela 3.8 caracteriza aqueles jovens que alguma vez fumaram cigarros. De uma forma geral, o percentual para a amostra feminina é menor do que a masculina (39,7% e 50,7% respectivamente).

Ao se considerar a faixa etária de 15-17 anos, encontra-se aproximadamente um terço de jovens que já experimentaram cigarros em ambos os grupos (32,6% para mulheres e 34,7% para homens). Observa-se também que a medida que aumenta a idade, os percentuais encontrados são mais altos para os homens.

Com relação a escolaridade, nota-se uma correlação negativa para ambos os sexos, até o 2º grau incompleto. A porcentagem de jovens

que já fumaram, aumenta novamente no grupo com maior nível de instrução.

A tabela 3.9 mostra que dois terços dos jovens que já fumaram de ambos os sexos, continuam fumando atualmente (66,1% para mulheres e 66,6% para homens). Um percentual maior de adolescentes, pararam de fumar, se comparados com os adultos jovens (20-24 anos). Há que se notar que, entre os jovens de 15-17 anos que já fumaram, há uma incidência maior de mulheres que continuam fumando atualmente.

No que tange à escolaridade, não foi encontrada uma tendência clara, para ambos os sexos.

Quanto a prevalência atual frente ao hábito de fumar cigarros, a tabela 3.10 demonstra que ao se levar em conta a amostra geral dos jovens, a prevalência fica em 26,2% para as mulheres e 33,7% para os homens e como se pode observar, não há uma diferença importante entre os sexos.

Ao se considerar porém a idade, surgem alguns dados interessantes e percebe-se que para a amostra feminina, a incidência do tabagismo para as jovens entre 15-17 e 18-19 anos é igualitária (20,7% e 24,7% respectivamente). O mesmo não ocorre com a amostra masculina, onde os percentuais entre estas duas faixas etárias são sensivelmente diferentes (19,6% e 32,7% respectivamente). A prevalência mais alta recai para os jovens entre 20-24 anos em ambas as amostras, ocorrendo porém um aumento no índice, de 13 pontos percentuais para o sexo masculino.

Enfocando-se a escolaridade, a prevalência do hábito de fumar é maior para aqueles jovens com 1º grau nível II incompleto de ambas as amostras. Observa-se entretanto, que entre aqueles jovens que tem 2º grau completo ou universidade a prevalência de fumantes é maior para a amostra masculina.

Dados não incluídos em tabela, demonstram que a maioria dos jovens fumam meio maço de cigarros ou menos por dia, ficando os percentuais em 61,1% para o grupo feminino e 60,1% para o grupo masculino.

Finalmente, observa-se nesta tabela, que os percentuais masculinos são sempre maiores do que os femininos. Outro fator importante, é que se atentarmos novamente para a variável idade, nota-se que o percentual mantém uma correlação positiva ou seja, o índice de tabagistas aumenta com a idade em ambos os sexos, fato que poderia sensibilizar os segmentos governamentais ligados à área de saúde, para tentar minorar ou inverter estas tendências através de campanhas de esclarecimento sobre os efeitos deletérios do fumo.

CAPÍTULO IV

EDUCAÇÃO SEXUAL

Este módulo diz respeito à participação dos jovens em cursos, aulas ou palestras sobre Educação Sexual dentro e/ou fora da escola.

Na tabela 4.1 observa-se que quase a metade dos jovens não participou de nenhuma orientação formal sobre educação sexual, não havendo diferença importante tanto no que diz respeito ao sexo (46,3% para mulheres e 48,0% para homens), quanto ao aspecto da faixa etária onde os jovens de 15-19 anos e os de 20-24 anos, mantêm um percentual equivalente.

Dos jovens que tiveram alguma informação sobre Educação Sexual, a maioria recebeu esta informação só na escola (40,3% para mulheres e 42,5% para homens).

Dados não incluídos em tabela revelam que, tanto os homens quanto as mulheres receberam esta informação entre a 4ª e 7ª séries do primeiro grau (73,2% e 75,8% respectivamente).

Em se considerando a faixa etária, os jovens de 15-19 anos de ambos os sexos apresentam um percentual mais elevado (45,8% para mulheres e 49,2% para homens), se comparados com os de 20-24 anos (33,5% para mulheres e 34,9% para homens).

Nota-se que "fora da escola", o acesso que o jovem tem a este tipo de informação é insignificante para ambos os sexos (5,4% para as mulheres e 5,2% para os homens); o mesmo ocorrendo entre aqueles que obtiveram este tipo de informação "dentro e fora da escola" (8,1% para mulheres e 4,3% para homens). Neste particular é interessante notar que os percentuais para quem recebeu informação sexual em ambos os locais, os índices são mais elevados para as mulheres.

A despeito destes resultados acima, dados não apresentados em tabelas, demonstram que os jovens anseiam por receberem informação sobre Educação Sexual na escola (97,1% para mulheres e 92,9% para homens).

Ao se comparar nossos resultados globais àqueles encontrados em estudos similares realizados na Cidade de Salvador (1987), Guatemala (1986), México (1985) e Chile (1988), notam-se algumas diferenças entre os sexos no que se refere aos jovens que receberam orientação sexual só na escola, já que na Cidade de Salvador os percentuais encontrados para as mulheres (38,5%) são bastante semelhantes aos encontrados no presente estudo porém, há uma diferença percentual importante com relação a amostra masculina já que na Cidade de Salvador é encontrado um índice de apenas 32,5%. Fenômeno inverso ocorre na Guatemala onde para as mulheres o índice encontrado é de 34,3% e para os homens o percentual é de 40,1%. Entretanto, ao se comparar nossos re

sultados gerais àqueles encontrados no México e no Chile percebe-se que os índices são bastante elevados naquelas cidades onde para as mulheres, foram encontrados percentuais acima de 62,8% e para os homens, percentuais acima de 64%.

Com relação à Cidade do México, estes altos índices podem ser explicados porque a Educação Sexual foi inserida como matéria curricular nas escolas públicas daquela cidade, em 1974. No que diz respeito ao Chile, não temos dados para justificar os altos percentuais encontrados naquela cidade.

Inserido no conteúdo abordado nestes cursos, aulas ou palestras proferidas para os jovens paulistas dentro da escola, para o grupo feminino, observa-se na tabela 4.2 que o tema mais enfatizado foi Ciclo Menstrual (94,3%) enquanto que entre os homens, o tema Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) foi o mais enfatizado (87,2%).

É interessante notar que no tema Métodos Anticoncepcionais há uma diferença significativa entre os sexos, onde os homens apresentam um índice bastante elevado de 74,1% em relação às mulheres (57,8%). Também há uma diferença significativa entre os sexos para o tema Ciclo Menstrual onde as mulheres, atingem índices de 94,3% e os homens, atingem o percentual de 83,5%; e o tema Masturbação, onde os homens chegam a um percentual de 72,9% e para as mulheres há um decréscimo acentuado deste percentual para 59,4%.

Levando-se em conta o nível de escolaridade, observa-se que para as mulheres alguns temas foram mais abordados junto às jovens que receberam esta primeira informação após o primeiro grau incompleto, chegando a ultrapassar 10 pontos percentuais ou mais, para os temas: Desenvolvimento na Puberdade, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Métodos Anticonceptivos.

Com os homens, os percentuais permanecem equivalentes, independente da série escolar em que receberam a primeira aula sobre Educação Sexual, exceção feita, ao tema Desenvolvimento na Puberdade onde o percentual maior é encontrado para aqueles que receberam esta informação até a 7ª série (70,9%). É interessante notar que para o tema Desenvolvimento na Puberdade, as mulheres apresentam o índice global de 75,8% e os homens 68,7% porém, a despeito de terem tido este tema na escola, dados não incluídos em tabela revelam que 18,2% das mulheres e 24,5% dos homens da amostra geral, acreditam que uma mulher não engravida durante sua primeira relação sexual.

Considerando que normalmente estas aulas, cursos ou palestras são proferidas em classes mistas, a diferença nestes índices pode ser atribuída provavelmente, à prontidão do jovem dependendo do seu sexo, frente aos temas que vem de encontro às suas necessidades naquele momento específico de amadurecimento e que o fará apreender mais um te-

ma em detrimento de outro. Outra hipótese que pode explicar estas diferenças percentuais entre os grupos com relação a série escolar em que estes temas são transmitidos, é o fato de que, para a maioria dos professores e pais, transmitir alguns conteúdos como Métodos Anticoncepcionais para as jovens do sexo feminino "muito cedo", pode significar o estar criando condições para que estas jovens passem a exercer sua sexualidade precocemente. Já para os homens, é esperado que eles iniciem sua atividade sexual mais cedo. Entretanto, em dados não constantes de tabelas neste capítulo, sabe-se que a idade média da primeira relação sexual para as mulheres é de 16,8 anos e para os homens, 14,7 anos (ver capítulo V), demonstrando que a diferença de idade não é tão discrepante a ponto de justificar tal diferença - ção por parte dos pais e professores.

Analisando-se o contingente de jovens que tiveram aula de Educação Sexual fora da escola, dados não incluídos em tabela revelam que os temas mais abordados junto ao sexo feminino são: D.S.T (90,7%), Métodos Anticonceptivos (89,8%) seguido de Ciclo Menstrual (84,3%). Com relação ao sexo masculino, os temas que aparecem com percentuais mais elevados são: D.S.T. (88,7%), Métodos Anticonceptivos (81,7%) e Homossexualidade (78,9%).

Há que se notar, a diferença na ênfase dada aos temas fornecidos dentro e fora da escola.

Ainda para aqueles jovens que tiveram alguma aula curso ou palestra sobre Educação Sexual fora da Escola, também dados não incluídos em tabelas revelam que 50,0% das mulheres receberam este tipo de informação na Igreja/Centro Espírita, sendo que o conteúdo foi ministrado por Médicos ou Religiosos. Quase a metade dos homens (49,3%) receberam esta informação na Igreja ou Grupo de Jovens e tal conteúdo foi proferido predominantemente por Orientador(a) Educacional/Psicólogo(a).

Ao se investigar se o jovem conhece ou ouviu falar sobre os métodos anticonceptivos, observa-se na tabela 4.3 que em geral, a amostra feminina demonstra ter um conhecimento maior sobre os métodos do que a amostra masculina, em todos os níveis de escolaridade exceto, no que diz respeito ao Coito Interrompido. Outro fator observável é que de maneira geral, o conhecimento sobre os métodos aumenta proporcionalmente com o nível de escolaridade dos jovens, independente do sexo, com exceção feita ao Método Injeções Mensais onde, na amostra masculina o conhecimento sobre este método é menor no 2º grau completo ou universidade.

Na amostra feminina destacam-se como métodos mais conhecidos, o Condom (98,4%), a Pílula (97,9%) e o Ritmo (82,7%). Para os homens, os métodos mais conhecidos são o Condom (98,4%), a Pílula (93,2%) seguido do Coito Interrompido (81,6%).

Os métodos menos conhecidos por ambos os sexos são os Métodos Vaginais e Billings, ficando um percentual de 33,3% e 22,6% respectivamente para as mulheres e 22,8% e 15,5% para os homens.

No método de Billings, nota-se que para a mulher, o nível de escolaridade influi sensivelmente no conhecimento dele, ao contrário do que ocorre com a amostra masculina onde o incremento do conhecimento não é significativo.

Com relação aos resultados globais obtidos por Bastos e cols., 1989 na Cidade de Salvador, nota-se que para os jovens baianos, a Pílula e o Condom são também os métodos anticonceptivos mais conhecidos entre os jovens de ambos os sexos, revelando percentuais acima de 90%. Entre as mulheres daquela cidade porém, o terceiro método anticonceptivo mais conhecido é a Esterilização Feminina (88,4%) e na Cidade de São Paulo a terceira opção é o Rítmo (82,7%). Já para os homens tanto baianos como paulistas o terceiro método mais conhecido é o Coito Interrompido (77,5% e 81,6% respectivamente).

Ainda a respeito do conhecimento sobre métodos anticonceptivos, na tabela 4.4 é estabelecido um paralelo entre os jovens que tiveram ou não aula, curso ou palestra sobre Educação Sexual na escola e se neste curso foi abordado o tema "Métodos Anticonceptivos" de tal forma a verificar se estas variáveis influem neste conhecimento.

Com exceção dos Métodos Condom e Pílula, que são os anticonceptivos mais conhecidos pelos jovens paulistas de ambos os sexos, nota-se que, como esperado o fato de terem ou não recebido aula sobre Educação Sexual na escola influi no conhecimento dos demais métodos, de forma significativa principalmente para o sexo masculino. O incremento deste conhecimento sofre um acréscimo de pelo menos 10 pontos percentuais para aqueles jovens que tiveram Educação Sexual na Escola.

Entre aqueles jovens do grupo masculino que tiveram curso e no contexto deste curso estava incluído o tema Métodos Anticonceptivos, há um incremento importante no conhecimento para todos os métodos citados. No entanto, no grupo feminino surpreendentemente para alguns métodos, há uma discreta diminuição nos percentuais para aquelas que tiveram o tema inserido no curso recebido.

Ainda no sentido de medir conhecimentos sobre os aspectos da Educação Sexual, questionou-se a respeito de algumas doenças sexualmente transmissíveis que os jovens conhecem ou ouviram falar.

Desta forma, a tabela 4.5 revela que, de uma forma geral, a D.S.T mais conhecida pelos jovens é a Gonorréia com percentuais de 75,5% para as mulheres e 92,5% para os homens.

É interessante notar que esta é a única doença que apresenta diferenças percentuais entre os sexos, enquanto que as demais apresentam per

centuais igualitários.

A escolaridade influi de forma marcante neste conhecimento e também para ambos os sexos, observa-se uma correlação positiva entre o nível de escolaridade do jovem e conhecimento das doenças.

Novamente, verifica-se na tabela 4.6, que aqueles jovens que receberam curso, aula ou palestra de Educação Sexual na escola, detêm um maior conhecimento a respeito das D.S.T. consideradas, se comparados aos jovens que não tiveram curso na escola. Este fato é observado para ambos os sexos e não há diferenças marcantes entre os percentuais de ambos os grupos, exceção feita à Gonorréia onde os percentuais masculinos para aqueles que tiveram curso ou não, são igualitários e sensivelmente maiores que os femininos.

Para aqueles jovens que tiveram o curso, e neste estava incluído o tema D.S.T. nota-se um incremento de aproximadamente 10 pontos percentuais no conhecimento, em ambos os sexos. Este fenômeno só não ocorre no grupo feminino em relação a Herpes, onde não se verifica tal variação percentual.

A tabela 4.7 demonstra o percentual de jovens que conhecem o período fértil, entre aqueles que tiveram ou não curso, aula ou palestra de Educação Sexual na escola, por sexo e escolaridade.

Observa-se na amostra geral, que o índice dos jovens que conhecem a fase correta do período fértil (duas semanas depois do início da menstruação), é bastante reduzida ficando em níveis de 18,3% para as mulheres e 15,6% para os homens.

Cabe ressaltar que, o grau de escolaridade é um fator importante na aquisição deste conhecimento para ambos os sexos entretanto, é mais marcante para o grupo feminino já que entre aquelas que tem o 2º grau completo ou universidade há um incremento importante no percentual (33,6%), se comparado com os demais níveis de escolaridade. O mesmo não ocorre para o grupo masculino onde não há grandes variações nos índices encontrados.

Powell e cols, 1988 encontraram na Jamaica resultados globais similares para as mulheres (19,3%). Já para os homens daquela cidade, o percentual encontrado para eles (21,0%) é maior do que para as mulheres jamaicanas e também mais elevado do que para os homens brasileiros apresentando uma diferença de 5 pontos percentuais.

Ainda na tabela 4.7 nota-se que na amostra feminina, não há diferença significativa quanto a este conhecimento, entre as que tiveram Educação Sexual na escola e aquelas que não tiveram (19,5% e 17,1% res-

pectivamente). Porém, no caso da amostra masculina esta diferença é marcante (22,2% para os que tiveram Educação Sexual na escola e 9,8% para os que não tiveram).

Verifica-se que a inclusão do tema "Ciclo Menstrual" no curso de Educação Sexual na escola, não influi na aquisição deste conhecimento para ambos os sexos. Há que se notar no grupo masculino, um leve rebaixamento percentual para aqueles que referem ter recebido este tema como fazendo parte do curso, o que nos leva a questionar, a qualidade dos conteúdos ministrados nas escolas com relação à Educação Sexual.

Conclui-se portanto, que um curso na escola é um fator importante na aquisição de conhecimento deste tema, somente para os homens porém, para as mulheres, este conhecimento é adquirido na mesma proporção com ou sem curso na escola.

Ainda com relação ao conhecimento sobre o período fértil a tabela 4.8 demonstra que a escolaridade da mãe, exerce uma influência significativa no conhecimento que o jovem tem sobre este assunto. Esta influência é muito mais marcante para a amostra feminina onde é nítida a ocorrência de uma correlação positiva entre escolaridade da mãe e conhecimento adequado do período fértil.

É interessante notar que para os jovens do sexo masculino cujas mães cursaram o 1º grau incompleto, o percentual de respostas corretas é maior do que para as jovens do sexo feminino (18,5% e 10,9% respectivamente).

A tabela 4.9 mostra o percentual das jovens que conversaram com suas mães até os 15 anos de idade sobre menstruação, e se a escolaridade da mãe influencia na transmissão dessa informação.

De uma forma geral, nota-se que somente 57,5% das jovens recebeu esta informação de suas mães. Ao se considerar a escolaridade materna, a tabela demonstra que esta, mantém uma clara correlação positiva com a transmissão desta informação, de tal forma que as mães que nunca foram à escola atingem o menor percentual de 37,6%, subindo constantemente até 96,4% para aquelas com nível universitário.

Como pode ser visto na tabela 4.10, um contingente elevado de jovens acredita que a masturbação faz mal à saúde e nota-se, uma diferença de 10 pontos percentuais entre os sexos ficando as mulheres, com o índice de 27,2% e os homens, com 37,3%. Ao se dividir estes jovens entre aqueles que tiveram curso, aula ou palestra sobre Educação Sexual na escola e aqueles que não tiveram, há evidência de que o fato de terem tido influência neste conhecimento em ambos os sexos. Assim,

para as mulheres um percentual de 33,2% daquelas que não tiveram curso de Educação Sexual na escola, acreditam que a masturbação faz mal à saúde e para os homens, o percentual é de 43,1%. Daqueles jovens que tiveram curso de Educação Sexual na escola, um percentual de 20,8% das mulheres e 30,8% dos homens, acredita que a masturbação faz mal à saúde.

Ao se considerar aqueles jovens que dentro do conteúdo programático destes cursos, estava incluído o tema masturbação, nota-se que para o grupo masculino a inclusão deste tema nos cursos é um fator importante na aquisição do conhecimento de que, a masturbação não faz mal à saúde.

Outro fator digno de nota é que para todas as variáveis consideradas nesta tabela, exceto para os jovens que tiveram o tema na escola, onde os percentuais são igualitários entre os sexos, os índices masculinos são sempre superiores aos femininos em pelo menos 10 pontos percentuais.

Diante das evidências da falta de conhecimento do jovem a respeito de assuntos relacionados à vida sexual, foi-lhe perguntado se ele tem interesse em receber através de cursos na escola, informações sobre esse assunto e 97,1% das mulheres e 92,9% dos homens respondem afirmativamente, em dados que não constam de tabela.

Neste contexto a tabela 4.11 apresenta a série escolar que estes jovens consideram mais apropriada para iniciar tal curso, e em ambos os grupos os percentuais mais elevados situam-se na 5ª e entre a 6ª e 8ª séries do 1º grau (42,2% e 33,8% para mulheres; 37,6% e 37,0% para homens respectivamente).

Ao se considerar a faixa etária nota-se que esta, não exerce influência nos percentuais em ambos os sexos e os índices mais elevados ainda ocorrem entre 5ª e 8ª séries.

Com relação a escolaridade, nota-se que para aqueles jovens que tem o 1º grau nível I incompleto, desejam receber aula sobre Educação Sexual até a 4ª série do 1º grau em ambos os sexos (40,3% para mulheres e 49,0% para homens).

Considerando que a população alvo do presente estudo são jovens entre 15-24 anos, e se um jovem desta população tem ou está cursando este grau de escolaridade, é natural que sinta a necessidade de obter tais conhecimentos na série escolar que estava ou está cursando, a despeito de estar defasado sob o ponto de vista de seu desenvolvimento escolar.

Verifica-se que o fato de o jovem ter recebido ou não aula de Educação Sexual na escola e/ou fora da escola não influencia nesta resposta, como evidenciado por dados não incluídos em tabela.

Também em dados não constantes em tabelas é demonstrado que, há uma pe

quena porcentagem de jovens que não acham que deveria ser dado um curso, aula ou palestra sobre Educação Sexual na escola (2,9% para mulheres e 7,1% para homens). As principais razões alegadas por estes homens para não considerarem adequado transmitir estas informações na escola é que "escola é só para ensinar coisas de escola" (29,2%); "os jovens iriam aprender mais cedo" (22,9%) e "esta informação deve partir dos pais" (20,8%). Já para estas mulheres que não desejam tal informação na escola, 40,0% alegam que "todo mundo já está informado sobre sexo".

Em estudo semelhante realizado na Cidade de Salvador, Bastos e cols. , 1989, encontraram resultados algo diferentes daqueles demonstrados no presente estudo, e concluíram que as mulheres desejam receber aula de Educação Sexual na 4^a e/ou 5^a séries, enquanto que os homens desejam receber este tipo de informação entre a 5^a e 8^a séries do 1º grau.

CAPÍTULO V

EXPERIÊNCIA SEXUAL E ANTICONCEPÇÃO

Este capítulo focalizará a conduta sexual do adolescente paulista con-
frontando dois momentos: a primeira relação sexual e a atividade sexual atual.

Antes de apresentar os dados sobre a conduta sexual do jovem, conside-
ramos relevante citar, quem forneceu a primeira informação sobre re-
lações sexuais, e a idade em que os jovens receberam esta primeira
informação (tabela 5.1).

Nota-se que a maioria das mulheres recebeu esta primeira informação,
através de amigas(os) (30,4%); de suas mães (28,1%) e de professores
(as) com um percentual de 14,6%. Para os homens há algumas diferen-
ças percentuais importantes e é evidenciado nesta tabela que a gran-
de maioria deles, recebeu a primeira informação sobre relações sexuais
de seus amigos(as) (46,3%), seguido com um percentual bastante infe-
rior de seus pais (11,3%) e de professores(as) com um índice de 9,9%.

Com relação a idade do jovem ao receber esta primeira informação, no-
ta-se na amostra feminina que, para aquelas que receberam aos 13 anos
ou menos de idade (54% do total) obtiveram esta informação predomina-
mente de suas mães com uma média percentual de 35,2%.

Sabe-se que a idade média da menarca é de 12,5 anos de idade (tabela
6.1) e talvez este período justifique que esta primeira informação so-
bre relações sexuais seja dada pelas mães. A partir desta idade ,
as amigas(os) passam a ser os informantes principais para este assun-
to.

Já para os homens, um percentual elevado é encontrado para aqueles que
receberam a primeira informação sobre relações sexuais dos amigos(as)
para todas as idades.

Diante do exposto é preocupante o fato de que os "educadores" desta
primeira informação, para a maioria dos jovens de ambas as amostras
sobre este assunto, sejam seus próprios companheiros que podem ser
tanto ou mais desinformados do que eles próprios.

É digno de nota que 8,3% das mulheres e 3,6% dos homens referem nunca
terem recebido informação sobre relações sexuais, como demonstram da
dos não incluídos em tabela.

Com relação a iniciação sexual, esta será analisada, levando em conta

a ocasião em que ocorreu (pré ou pós-casamento), a idade do(a) jovem, o(a) parceiro(a) escolhido(a) e os sentimentos vivenciados nessa experiência. Quanto a abordagem da atividade sexual atual do jovem, será estabelecido um paralelo entre casados e não casados, tanto em relação à primeira relação sexual quanto às relações atuais. Analisar-se-á a incidência de uso de métodos anticonceptivos, quais os mais adotados e onde são obtidos.

5.1 A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

a) Relações Sexuais Pré-Maritais

Como pode ser visto na tabela 5.2, as relações sexuais pré-maritais são muito mais frequentes entre os homens (82,9%), do que entre as mulheres onde este índice está em 40,5%. Dados semelhantes foram encontrados na mesma pesquisa realizada na Cidade de Salvador (BA) onde para os homens, o índice foi de 82,0% e para as mulheres foi de 36,3% .

Entre as mulheres, as que estão incluídas na faixa etária entre 15-19 anos, perfazem um índice de 26,6% enquanto que este percentual é acrescido para 57,6% entre as jovens de 20-24 anos . Estes valores são baixos, se comparados à amostra masculina onde os jovens entre 15-19 anos apresentam um percentual de 72,9 e os de 20-24 anos, 94,3%. O aumento mais significativo ocorre entre os grupos de 15-17 anos e 18-19 anos para ambos os sexos. O índice para as mulheres continua aumentando depois dos 20-21 anos mas, o índice para os homens se estabiliza no subgrupo entre 20-24 anos.

Ao confrontar estes resultados àqueles encontrados na Pesquisa Nacional (Arruda et al., 1987), no que se refere às mulheres, o percentual daquelas jovens com experiência sexual pré-marital encontrado na Cidade de São Paulo é superior aos resultados encontrados naquela pesquisa ficando em 24,5%. Tal superioridade é encontrada tanto na faixa etária entre 15-19 anos (13,9% e 26,6%), como na faixa entre 20-24 anos (36,5 e 57,6). O índice encontrado na Cidade de São Paulo supera também aquele encontrado para o Estado de São Paulo, na mesma pesquisa citada.

A tabela 5.3 demonstra o percentual de coito pré-marital por grau de instrução. Observa-se que na amostra feminina 50,8% das que tem 1º grau nível I incompleto, tiveram relações sexuais pré-maritais enquanto que, para os outros níveis de escolaridade estes índices não ultrapassam 45%. Entretanto, para a amostra masculina, os índices ficam acima de 79,0% em todos os níveis de escolaridade. É interessante notar , que os índices mais elevados de coito pré-marital aparecem na

amostra feminina, entre as jovens que têm o 1º grau nível I incompleto e 2º grau completo ou universidade, enquanto que para a amostra masculina o percentual aumenta somente para os homens com 2º grau completo ou universidade.

Na tabela 5.4 , observa-se que a religião influi na prática da relação sexual pré-marital já que no grupo feminino, os índices mais altos de relação sexual pré-marital são encontrados entre as jovens que referem não ter religião (53,4%) ou que são católicas mas frequentam as cerimônias menos de uma vez por mês (47,0%), o percentual mais baixo fica para as que professam a religião protestante/crente (26,3%). Já no grupo masculino, a religião não altera de forma significativa estes índices, exceto entre os que professam a religião protestante/crente, onde o percentual cai acentuadamente para 58,7%.

A tabela 5.5, refere-se a idade em que os jovens tiveram sua primeira relação sexual, considerando-se o grupo daqueles que tiveram relação sexual pré-marital. Nota-se que para as mulheres, o percentual mais elevado recai na faixa etária entre 15-18 anos (66,6%), ficando a idade média da primeira relação sexual aos 16,9 anos, com parceiros cuja idade média é de 21,6 anos.

Já para os homens, a faixa etária onde houve uma frequência maior do primeiro coito, foi entre as idades de 14-16 anos, cujo percentual é de 50,9% e onde a idade média é de 14,9 anos, com parceiras cuja idade média é 16,9 anos.

Vale ressaltar que no grupo masculino, a frequência dos jovens que tiveram sua primeira relação sexual com menos de 13 anos é mais de 10 por cento (10,8%). Conclui-se portanto que como esperado, o homem inicia sua atividade sexual mais precocemente do que a mulher.

A idade média da primeira experiência sexual pré-marital das jovens paulistas (16,9 anos) coincide com a identificada em pesquisa nacional realizada recentemente com mulheres, onde se identificou a idade média de 16,6 anos (Arruda et al., 1987) e a pesquisa de Salvador (17,0 anos).

Há uma tendência dos entrevistados em escolher parceiros mais velhos para a primeira relação sexual. Essa diferença na idade média dos parceiros é também observada na Guatemala , no México e em Salvador , Bahia.

Ao se considerar a idade do jovem por ocasião dessa primeira relação sexual, algumas especificidades cabem ser apontadas (Tabela 5.6).

As mulheres de menos de 15 anos, em sua totalidade, tiveram essa expe

riência sexual com parceiros mais velhos, dos quais 62,2% tinha uma diferença de idade de mais de 6 anos. Os homens entretanto, nessa faixa etária, apesar de em sua maioria, terem tido parceiras mais velhas, 30,6% deste contingente teve relação sexual com mulheres mais jovens ou da mesma idade. A escolha de parceiras mais jovens se torna mais frequente com o aumento da idade, ocorrendo a partir dos 18 anos, uma inversão da tendência geral de escolher parceiras mais velhas.

Essa tendência dominante se mantém para as mulheres com uma diminuição gradativa da diferença da idade do parceiro, à medida que aumenta a idade em que a jovem teve a primeira relação sexual. Entre as mulheres de 20-24 anos a diferença de idade do parceiro apresenta uma variação maior, distribuindo-se os percentuais pelas diversas faixas etárias, com 20% de casos em que o parceiro tinha idade inferior ou igual a da jovem. Porém, no cômputo geral, os mais elevados percentuais são de parceiros com diferença de idade acima de dois anos.

Com relação aos parceiros para esta primeira relação sexual pré-marital, a grande maioria das mulheres, (92,4%) disseram que o parceiro foi seu noivo ou namorado (Tabela 5.7). Em contrapartida, 61,2% dos homens indicam que a primeira relação sexual pré-marital foi com uma amiga, e somente 23,9% referem que foi noiva ou namorada. Quase dez por cento (9,6%) dos homens, tiveram a primeira relação sexual com uma prostituta.

Também foram obtidas informações sobre o local onde ocorreu a primeira relação sexual pré-marital. Os dados referentes a este aspecto estão expressos na Tabela 5.8. Observa-se nesta tabela, que as mulheres utilizam com maior frequência, a casa do parceiro (37,7%), seguidas de hotel/motel (27,0%) e sua própria casa (17,8%) para essa primeira experiência sexual. A utilização de hotel/motel aumenta na medida em que o primeiro coito se deu depois dos 17 anos de idade (46,2%). Os homens, mais frequentemente, também mencionam a casa da parceira (35,8%) como o local utilizado para o primeiro coito. Em seguida, citam a sua própria casa (21,2%). Apenas o uso da sua casa tende a diminuir com o aumento da idade. Para os demais locais, o percentual de uso varia de forma irregular em relação à idade menos para hotel/motel que aumenta com a idade, especialmente depois dos 17 anos.

b) Sentimentos Associados à Primeira Relação Sexual Pré-Marital

Com o objetivo de captar o significado psicológico da primeira relação sexual, os jovens puderam informar, dentre alguns es

tados subjetivos oferecidos no questionário, aqueles que se aplicaram à sua primeira experiência. Entre os homens há algumas diferenças importantes, quando comparados às mulheres, como pode ser visto na Tabela 5.9.

A Dor (80,1%), o Amor (73,0%) e o Medo (72,7%), foram os sentimentos mais frequentemente citados pelas mulheres. Somente 54% delas associam o sentimento de Prazer a esta primeira relação sexual pré-marital.

Já para os homens, os percentuais mais elevados aparecem para os sentimentos de Prazer (87,3%) seguido de Medo (51,1%). Os demais sentimentos foram relatados por contingentes bem menores de adolescentes homens, desta forma Dor, Vergonha e Amor aparecem com percentuais entre 27 e 40%, e finalmente, Culpa é referida por pouco mais de 10% deles.

Ao se considerar os fatores idade e sexo, nota-se ainda na tabela 5.9, algumas tendências que merecem destaque para ambos os sexos. A citação do Amor e Prazer como um dos sentimentos presentes na primeira relação sexual pré-marital, aumenta com a idade, enquanto que a citação de Medo e Vergonha apresentam-se de modo inverso.

Quanto à sensação de Dor e aos sentimentos de Culpa, constata-se tendências diferentes entre as respostas masculinas e femininas. No que se refere à Dor, para as mulheres não se observa uma relação entre esta sensação e a idade, enquanto que para os homens há uma queda nos percentuais chegando a 18% para aqueles com faixa etária entre 18-24 anos.

O sentimento de Culpa, no caso das mulheres, decresce à medida em que aumenta a idade, já no que se refere aos homens, há um aumento nos percentuais para aqueles que tiveram a primeira relação sexual pré-marital entre as idades de 18-24 anos.

Tais dados podem ser indicadores de que a primeira relação sexual se reveste, para as mulheres, de uma carga de emoção e sentimentos mais fortes e contraditórios, o que pode ser creditado também, às pressões de ordem moral que incidem mais fortemente sobre a sexualidade feminina.

Entre as mulheres, Culpa, Medo e Vergonha são referidos mais frequentemente entre aquelas que tiveram sua iniciação sexual antes dos 15 anos de idade.

C) Uso de Métodos Anticonceptivos

A porcentagem de jovens que usaram algum método anticoncepcional na primeira relação sexual pré-marital que pode ser observada na Tabela 5.10, é baixo.

De uma forma geral, nota-se que o uso de anticonceptivos na primeira relação sexual é maior para o grupo feminino, atingindo uma prevalência de 31,6% enquanto que para o grupo masculino, este percentual é de 21,9%.

Para os homens, nota-se que o percentual de uso de método anticoncepcional cresce proporcionalmente com a idade da primeira relação sexual do jovem. Também para as mulheres, o uso de métodos anticoncepcivos para aquelas com menos de 15 anos, é o mais baixo (16,2%), aumentando para aproximadamente 1/3 delas quando a primeira relação sexual ocorre depois dos 15 anos.

Observa-se que o uso de métodos anticoncepcivos na primeira relação sexual pré-marital é bastante reduzido para ambos os grupos, a despeito de 77,1% das mulheres e 76,4% dos homens, do total de jovens entrevistados, afirmarem que poderia ocorrer gravidez, quando da primeira relação sexual, como demonstra a Tabela 7.7 (Capítulo VII).

Comparando-se os dados obtidos na Cidade de São Paulo com os mesmos dados obtidos em estudo similar na Cidade de Salvador (BA), percebe-se que o uso de anticoncepcivos na primeira relação sexual pré-marital entre as mulheres é maior para as jovens da Cidade de São Paulo (31,6%) se comparado com o uso na Cidade de Salvador (BA), (21,3%). Porém, entre os homens, a prevalência de uso, é muito similar (21,9% para São Paulo e 19,5% para Salvador).

Ao se relacionar o uso de anticoncepcivo e conhecimento da fase correta do período fértil, observa-se na tabela 5.11 que o percentual de mulheres e homens usuários de anticoncepcivos que conhecem a fase correta do período fértil, é superior ao daqueles que não detêm tal conhecimento. A diferença para mulheres atinge 18,5% pontos percentuais e para os homens, 10,5 pontos percentuais.

Para os jovens que referem o uso de métodos anticoncepcivos na primeira relação sexual pré-marital, observa-se na tabela 5.12, a distribuição percentual dos métodos anticoncepcivos usados pelos jovens. No grupo feminino, o método mais prevalente foi o Coito Interrompido cujo índice atinge 45,6%, seguido pelo Condom com o índice de 23,3%, e a Pílula Anticoncepcional com o índice de 21,4%. Nos três métodos, não se observa diferença significativa entre as distribuições etárias consideradas.

Já no estudo realizado em Salvador (BA), observa-se que o método mais usado pelas mulheres foi a Pílula Anticoncepcional (38,0%), seguido de Tabela e Coito Interrompido com índices idênticos de 24,1%. O uso dos métodos referidos, não sofrem alterações significativas com a idade, exceto quanto ao método Coito Interrompido que foi o mais

usado pelas jovens baianas com menos de 18 anos.

Quanto ao grupo masculino, nota-se que também o método anticoncepcional mais usado foi o Coito Interrompido (44,1%) seguido da Pílula Anticoncepcional (30,9%) e Condom (18,4%). Não foi possível estabelecer comparações quanto ao uso de métodos anticoncepcionais entre as distribuições etárias consideradas já que o número de homens que tiveram a sua primeira relação sexual entre 18-24 anos foi inexpressivo.

Ao se comparar tais dados com os similares encontrados em Salvador, observa-se que lá os jovens dão preferência ao Condom como método de escolha para a primeira relação sexual, com índice de 46,8%, seguido pela Pílula Anticoncepcional (32,4%) e Coito Interrompido que fica com o índice de 16,5%, onde a diferença para os homens paulistas, é digna de nota.

Embora reduzido o quantitativo dos que usaram métodos anticoncepcionais na primeira relação sexual, obteve-se dados acerca da tomada de decisão com relação ao método adotado. A decisão quanto a adoção de um método anticoncepcional, conforme pode ser visto na Tabela 5.13, se deu mais frequentemente a dois, no caso das mulheres (62,1%).

A distribuição para os homens, é percentualmente mais homogênea porém, nota-se que estes jovens enfatizam mais, a decisão tomada a nível individual.

Dentre as razões alegadas para o não uso de anticoncepcionais na primeira relação sexual pré-marital, encontramos na tabela 5.14 a distribuição percentual nos grupos feminino e masculino, por idade da primeira relação sexual.

Para as mulheres, o item "não esperava ter relações sexuais naquele momento", atinge o maior percentual (41,4%), e não há diferença significativa entre as distribuições etárias consideradas.

A segunda razão que aparece com maior frequência é, "não se preocupou com isso", com o índice de 22,5%. Neste item, as jovens na faixa etária entre 18-24 anos apresentam um índice maior (29,1%), do que as jovens com menos de 15 anos e entre 15-17 anos, onde o índice é de apenas 19 e 18% respectivamente. Cabe ressaltar que das jovens paulistas, 9,0% delas referem que desejam engravidar.

O item "não conhecia nenhum método", é a terceira razão mais frequentemente alegada pelas jovens, com um índice de 17,6%.

Para os homens, a primeira razão em termos percentuais, apresentada pelos jovens para o não uso de anticoncepcionais na primeira relação se

xual pré-marital é, "não conhecia nenhum método" (37,6%). Este índice decresce acentuadamente com a idade e o total global é o dobro da porcentagem encontrada para as mulheres. Este dado é influenciado pela distribuição da idade da primeira relação sexual pré-marital que ocorre mais precocemente para os homens.

O item "não se preocupou com isso" atinge o índice total de 31,9% e tal índice cresce surpreendentemente com a idade, chegando a um percentual de 70,0% para a faixa etária entre 18-24 anos, ao contrário do que foi obtido no estudo de Salvador, onde os índices decrescem com a idade, chegando a 3,0% para a faixa etária entre 18-24 anos.

A terceira razão mencionada para o não uso de anticoncepcionais na primeira relação sexual é, "não esperava ter relações sexuais naquele momento" onde o índice global encontrado é de 23,7%.

Ao contrário das mulheres, a faixa etária influencia de forma importante este percentual, atingindo 34,8% para os jovens que tiveram sua primeira relação sexual entre 15-17 anos e decrescendo acentuadamente tanto para os jovens que tiveram esta primeira relação sexual antes dos 15 anos (15,9%), como para aqueles que a tiveram entre 18-24 anos (20,0%).

Outro fator a ressaltar é que enquanto 9,0% das mulheres referem não ter usado método anticoncepcional na primeira relação sexual pré-marital porque desejavam engravidar, somente 1,3% dos homens deixaram de usar métodos porque desejavam engravidar a sua parceira.

Pesquisas similares realizadas no México, Guatemala, Equador e Chile, confirmam que a não utilização de anticoncepcional quando da primeira relação sexual pré-marital se deve prioritariamente, ao jovem não esperar ter relações sexuais naquele momento, seguido do desconhecimento dos métodos anticoncepcionais existentes.

Embora não conste da tabela pelo seu reduzido quantitativo, é interessante afirmar que entre as mulheres cuja primeira relação foi após o casamento, 48% usaram anticoncepcional. Trata-se de 21 casos, dos quais 19 usaram pílulas. Das 23 que não usaram 14 (61%) queriam engravidar.

5.2 - ATIVIDADE SEXUAL ATUAL

Outro aspecto abordado nesta pesquisa foi a atual vivência sexual do adolescente paulista, tendo sido considerado como sexualmente ativo o jovem que teve relação sexual no mês anterior à entrevista.

A Tabela 5.15, apresenta o percentual de jovens não casados, que tive

ram relações sexuais nos últimos 30 dias anteriores à entrevista, e deles, os que usaram métodos anticoncepcionais por idade.

No grupo feminino, observa-se que das jovens não casadas que têm experiência sexual, apenas 42,6% estão ativas sexualmente ou seja, tiveram relações sexuais nos últimos 30 dias anteriores à realização da entrevista. Deste total, uma alta porcentagem (75,3%), usaram algum método para evitar a gravidez. Nota-se que o uso de métodos anticoncepcionais aumenta com a idade (65,7% entre 15-19 anos e 82,6% entre 20-24 anos). Esta prevalência de uso de métodos anticonceptivos, é mais alta do que os índices encontrados em Salvador (67,0%).

Para os homens não casados que tem experiência sexual, 34,8% tiveram relações sexuais nos últimos 30 dias anteriores à entrevista e destes, 82,2% usaram métodos anticonceptivos. Ao contrário do que ocorre para as mulheres, o uso de anticonceptivos mantém uma diferença menor entre as faixas etárias consideradas.

É interessante notar, que o índice de mulheres que tiveram relações sexuais nos últimos 30 dias anteriores à entrevista, é consideravelmente maior do que o índice para os homens na faixa etária de 15-19 anos. Um aspecto que pode explicar este fato, é que estas adolescentes tem parceiros entre 20-24 anos e estes, tem uma prevalência de relações sexuais no último mês anterior à entrevista, de 44,9%.

O fato de que menos da metade dos jovens de ambos os sexos com experiência sexual, serem sexualmente ativos, indica que os programas de orientação sexual devem se preocupar também, em atingir com material apropriado, os jovens com vida sexual esporádica.

A prevalência elevada de uso de métodos anticonceptivos na última relação sexual, não deve mascarar o fato de que o jovem conhece pouco a forma correta de utilização destes métodos, a demonstrar isto temos no Capítulo VI (Tabela 6.10), a alta incidência de gravidez não desejada que ocorre entre as jovens não casadas.

Na tabela 5.16 observa-se a distribuição percentual da frequência de relações sexuais praticadas nos últimos 30 dias anteriores à realização da entrevista. Os dados indicam que a maioria das mulheres, tiveram de 1 a 3 relações sexuais por mês, sendo que a maioria delas mantém duas relações sexuais mensais (30,9%).

Para os homens, há uma distribuição mais constante do número de relações sexuais por mês, ficando entre 1 e 3 (67,5%).

Quanto ao número de parceiros, considerados 30 dias antes da realização da entrevista, todas as mulheres declararam ter um só parceiro em todas as faixas etárias consideradas enquanto que para os homens, 13,7% declararam ter mais de uma parceira, índice que aumenta com a idade atingindo o percentual de 16,5% entre as idades de 20-24 anos. Estes dados podem significar que as mulheres têm uma preferência por relações afetivas mais estáveis do que os homens. Mesmo assim, os homens também não tem uma vida sexual muito promíscua, já que 86,3% de les afirmam ter tido apenas uma parceira.

O uso de métodos anticonceptivos pelos jovens casados ou em união consensual, que tiveram relações sexuais no último mês pode ser observado na Tabela 5.17, onde a prevalência de uso, é bastante elevada para as mulheres (80,3%), aumentando de 57,1% para as adolescentes entre 15-19 anos, até 83,8% para as jovens entre 20-24 anos de idade.

Os homens atingem uma prevalência de 62,3%. Este percentual pode estar refletindo a idade de suas mulheres, em geral mais jovens, que tem uma prevalência de uso de anticonceptivos menor.

Ao se analisar a distribuição percentual dos métodos anticonceptivos usados pelos jovens na última relação sexual expressa na Tabela 5.18, observa-se que independente do estado civil, a Pílula é o método adotado por grande parte das mulheres (45,9% das não casadas e 64,9% das casadas ou unidas) destacando-se dos demais métodos de forma significativa. A Pílula também é o método mais usado pelas parceiras dos homens casados ou unidos (75,8%). Os métodos mais referidos pelos homens solteiros são Condom, um terço deles (34,6%) e a Pílula (33,3%). O Coito Interrompido é também usado pelos homens e mulheres não casados. Outro método referido frequentemente pelas mulheres não casadas, é a Tabela (14,8%).

Dados não incluídos em tabela revelam que daqueles jovens que referem o uso de Pílula na última relação sexual, 18,0% usaram a Microvlar, 9,9% a Triquilar, 9,3% a Neovlar, 9,3% a Microdiol sendo que as demais marcas citadas, aparecem com percentuais abaixo de 8,7%. Quase a metade dos jovens do sexo masculino que referiram o uso da Pílula pelas suas parceiras, não souberam mencionar a marca da Pílula usada.

Ao se estabelecer uma comparação entre o método anticoncepcional usado pelos jovens na primeira relação sexual pré-marital e o método anticoncepcional usado na última relação sexual, conclui-se que a escolha do método atual recai sobre meios mais seguros para evitar a gravidez. Enquanto que, na primeira relação sexual, jovens de ambos os sexos usaram em sua maioria o método Coito Interrompido, que não necessita de preparação prévia, na relação sexual atual, as mulhe

res deram preferência à Pílula Anticoncepcional, e os homens, ao Condom e à Pílula.

A explicação da diferença entre os sexos quanto ao método anticoncepcional adotado na última relação sexual pode residir em dois fatores distintos, quais sejam: para as mulheres talvez a preocupação maior seja evitar a gravidez enquanto que para os homens, a escolha do Condom pode estar relacionada tanto para evitar a gravidez, como se prevenir das D.S.T. especialmente a AIDS, já que quase 14% deles declararam ter mais de uma parceira sexual e 40% deles referem que a última parceira sexual era uma amiga, demonstrando uma instabilidade na escolha das parceiras, o que reforça o cuidado e a preocupação com as D.S.T.

Conforme pode ser visto na Tabela 5.19 o anticonceptivo é obtido predominantemente, na Farmácia, por homens e mulheres, independente do estado civil. Para as mulheres, o Médico/Hospital Particular é o segundo local mais apontado por elas tanto entre as casadas ou unidas, quanto entre as não casadas.

A segunda fonte mais citada pelos homens é Amigos/Parentes, associados com o uso de Condons, especialmente entre os não casados.

Esta tendência mostrou-se como esperado, diretamente relacionada à prevalência do método adotado (Ver Tabelas 5.18). A Pílula e o Condom, que foram citados como os mais usados, estão acessíveis ao público em qualquer farmácia. Quanto a métodos como o DIU, a Injeção Mensal e a Esterilização Feminina ou Masculina, pela sua própria natureza, estão mais sujeitos ao acompanhamento médico ou hospitalar.

No que se refere à adequação do uso de anticoncepcionais pelos jovens, pode-se supor que a Pílula, pela facilidade de aquisição e o alto índice de adoção, seja um método que tem possibilitado uma incidência relativamente alta de uso indevido.

CAPÍTULO VI

DADOS SOBRE FECUNDIDADE, PRÉ-NATAL E AMAMENTAÇÃO DAS JOVENS PAULISTAS *

Este capítulo apresenta resultados sobre a Fecundidade, o Pré-Natal e a Amamentação das jovens que integram a amostra; quando possível, resultados dessa pesquisa são comparados aos resultados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde, realizada em 1986.

Os resultados demonstrados na tabela 6.1 revelam que a idade média da menarca das jovens entre 15-24 anos é de 12,5 anos, sendo que 74,8 % delas referem que o primeiro período menstrual ocorreu antes dos 14 anos de idade.

A tabela revela ainda que a idade da menarca é estável para todas as faixas etárias consideradas.

Quanto às porcentagens de jovens que já engravidaram, nota-se na tabela 6.2 que do total das jovens entrevistadas, 27,6% já engravidaram, porém ao se considerar apenas as jovens com experiência sexual por ocasião da entrevista, este percentual cresce substancialmente, atingindo um percentual de 60,0%.

Nos dois grupos o índice de gravidezes aumenta com a idade, e no grupo das jovens com experiência sexual, este índice chega a 67,9% para as jovens entre 20-24 anos.

Com relação a amostra geral das jovens, a tabela 6.3 demonstra que a escolaridade influencia no índice de gravidez, de tal forma a estabelecer uma correlação negativa entre essas duas variáveis ou seja, quanto maior o percentual de gravidez, menor o nível de escolaridade. Há que se notar os percentuais elevados que ocorrem para as jovens entre 20-24 anos em todos os níveis de escolaridade, se comparados às outras faixas etárias consideradas, fato que pode ser explicado principalmente, devido ao aumento do número de jovens nesta faixa etária com experiência sexual, tal como demonstra o capítulo anterior (tabela 5.2).

Das jovens que já engravidaram 58,1% tiveram uma gravidez, 27,9% duas e apenas 14,0% engravidaram três ou mais vezes (tabela 6.4). Como esperado, o número de gestações aumenta com a idade. Desta forma 80,0%

* Os autores agradecem a colaboração de CHARLES H.C.CHEN, PhD, Demógrafo do CDC, pelas tabulações especiais usadas neste capítulo.

das jovens entre 15-19 anos que já engravidaram, tiveram somente uma gravidez. Das jovens entre 20-24 anos, pouco mais da metade engravidaram apenas uma vez, enquanto que 16,8% referem três ou mais gestações.

Ainda sobre as jovens que engravidaram alguma vez, dados não revelados em tabela demonstram que 19,8% delas referem já terem sofrido pelo menos um aborto.

Bastos e cols. (1989) encontraram resultados semelhantes na Cidade de Salvador, exceto quanto ao percentual encontrado para três ou mais gestações entre as jovens com 20-24 anos que supera o índice paulista em 10 pontos percentuais.

Em relação a idade média das jovens, quando do nascimento do primeiro filho vivo, a tabela 6.5 revela que esta idade é 18,7 anos. Entre as jovens que atualmente têm entre 15-19 anos a média de idade encontrada para o nascimento do primeiro filho vivo é de 16,7 anos; sendo que 21,0% tiveram este filho antes dos 16 anos de idade. Para as jovens com atualmente 20-24 anos, a idade média para o nascimento do primeiro filho vivo é de 19,1 anos.

A taxa específica de fecundidade (TEF), para as jovens entre 15-19 e 20-24 anos de idade é estimada em 45 e 130 nascimentos por 1000 mulheres respectivamente (tabela 6.6). As mesmas cifras para o Estado de São Paulo no período 1986-1987 atingem 75 por 1000 e 150 por mil respectivamente (Wong, 1987). A estimativa da pesquisa nacional DHS de 1986, foi 86 por 1000 para as jovens entre 15-19 anos nas áreas rurais e urbanas juntas. O Estado de São Paulo vem acompanhando a tendência geral de queda da fecundidade do total do país, com um declínio de 25 por cento na década de 80. A idade média da fecundidade era de 28,5 anos no Estado em 1970 e reduziu-se para 26,8 anos em 1987. Tais valores estão indicando que a fecundidade está se concentrando cada vez mais, entre as mulheres jovens. Nos anos setenta as jovens entre 15 - 19 anos contribuíam menos de 10% para o total de fecundidade e hoje, sua contribuição fica próxima de 14%.

Um dado digno de nota é revelado na tabela 6.7 onde, das jovens alguma vez casadas e que já tiveram o primeiro filho nascido vivo, 45,1% deles foi concebido pré-maritalmente. Nota-se que este fator leva em geral, ao casamento já que 31,7 % destas jovens, tiveram o primeiro filho nascido vivo nos primeiros sete meses de união e apenas ,134% se casaram após o nascimento do filho.

As jovens que se casaram entre 11 e 17 anos de idade e tiveram uma concepção pré-marital, provavelmente sofreram mais pressões sociais e familiares para contraírem o matrimônio, até por razões legais já que eram menores de idade. Neste sentido, 32,7% delas se casaram antes do nascimento da criança e apenas 7,3% o fizeram depois disso.

Entretanto, as jovens que contraíram matrimônio entre 20-24 anos, possivelmente têm mais autonomia para decidir seu posicionamento frente a concepção pré-marital e época do casamento já que, percentuais iguais de 27% são encontrados tanto para quem se casou antes como depois do nascimento da criança.

A escolaridade da jovem exerce leve influência apenas para o grupo de jovens que se casaram antes do nascimento do filho, concebido pré-maritalmente, estabelecendo uma correlação positiva entre as duas variáveis.

Investigou-se ainda se o primeiro filho nascido vivo foi desejado ou não e a tabela 6.8 demonstra que 24,3% das jovens referem que não foi desejado.

A idade da jovem quando do nascimento do primeiro filho vivo não promove diferenças nos percentuais de filhos não desejados, tal como ocorre com a variável escolaridade.

A porcentagem global das últimas gestações referidas como não desejadas, é de 34,7% não havendo diferenças importantes entre as faixas etárias consideradas.

É interessante notar a invariância nos percentuais, ao se considerar o número de gestações (tabela 6.9).

Entretanto, considerando o estado civil destas jovens, nota-se na tabela 6.10 que entre as jovens solteiras 52,7% não desejaram a última gravidez. Este percentual é consideravelmente elevado se comparado com o índice das jovens atualmente casadas ou unidas e que não desejaram a última gravidez (28,6%).

O percentual mais baixo entre as jovens atualmente casadas ou unidas ocorre com a primeira gestação (25,0%), ao contrário do percentual encontrado para a primeira gestação das jovens solteiras, onde o percentual chega a 56,8%.

Daquelas jovens que em sua última gravidez tiveram filhos nascidos vi

vos, a tabela 6.11 demonstra o percentual das que fizeram consulta pré natal.

Nota-se que a grande maioria das jovens (81,8%), submeteram-se ao acompanhamento de pré-natal. Das jovens que procuraram pela consulta pré-natal 88,5% o fizeram até o 4º mês de gestação.

Observa-se que a procura pelo acompanhamento pré-natal, não sofre influência importante da idade da mãe por ocasião do parto, porém determina a época em que a jovem procura por este tipo de serviço já que, as jovens com até 19 anos em sua maioria, procuram pelo pré-natal entre o 3º e 4º meses de gestação (55,7%), enquanto que as jovens entre 20-24 anos, iniciam o pré-natal numa fase mais precoce da gravidez (55,1%), se comparadas àquelas com menos de 20 anos de idade (32,9%).

Já com relação a escolaridade da jovem, ainda na tabela 6.11, verifica-se que entre aquelas que tem menor nível de escolaridade (1º grau incompleto), recorrem menos a esse tipo de assistência, se comparadas com as jovens de maior nível educacional (76,7% e 91,8% respectivamente). No que diz respeito a época em que elas procuram pela consulta pré-natal, verifica-se que metade das jovens com maior escolaridade procuraram por esse cuidado até o 2º mês de gestação enquanto que as de menor escolaridade levam até quatro meses.

O fato de ter sido a última gestação, fruto de uma concepção pré-marital ou não, revela ser uma variável que não influencia a jovem na procura pelo pré-natal mas determina a época em que procura por tais cuidados visto que, apenas 33,9% das jovens com concepção pré-marital recorrem ao pré-natal entre o 1º e 2º meses de gestação, enquanto que mais da metade das jovens com concepção pós-marital (51,1%), o fazem neste período.

Neste contexto, é importante comentar que as jovens estão tendo acesso a esta assistência pré-natal porém como se sabe, os serviços especializados no atendimento global às jovens adultas é escasso na Cidade de São Paulo donde se conclui que, a partir do momento que engravidam, o atendimento oferecido é aquele preconizado para as mulheres que já ultrapassaram a fase da adolescência.

Ao se investigar o local do último parto com filho nascido vivo, a tabela 6.12 demonstra de maneira geral, que a grande maioria (72,4%) das jovens tiveram este parto em Hospital do Governo/Inamps e apenas 25,4% em Hospitais ou Maternidades Privadas. Observa-se que a idade da jovem por ocasião do nascimento não altera este quadro.

Já com relação a escolaridade da jovem, nota-se que os partos efetuados em Hospitais do Governo/Inamps guardam uma correlação negativa com o grau de escolaridade, ao contrário do que se verifica para os Hospitais ou Maternidades Privadas onde o que se observa, é um aumento importante no percentual para as jovens com 8 ou mais anos de escolaridade.

Das jovens cuja concepção foi pré-marital, 66,7% delas fizeram o parto através de Hospital do Governo/INAMPS, índice este, mais baixo do que o encontrado para as jovens cuja concepção foi pós-marital, em aproximadamente 10 pontos percentuais, porém devido ao número de casos, esta diferença não é estatisticamente significativa.

Outra variável investigada junto às jovens refere-se ao tipo de parto a que foram submetidas por ocasião do último filho nascido vivo. A tabela 6.13 demonstra o alto índice de cesarianas praticadas na Cidade de São Paulo cujo índice global chega a 30,4%.

Ao se considerar a idade das jovens ao ter o filho, verifica-se uma relação positiva da idade com o parto cesariana de tal forma que as jovens de até 19 anos perfazem um percentual de 23,6% enquanto que para as de 20-24 anos este percentual é de 37,0%.

As variáveis: escolaridade da jovem; se a concepção foi pré ou pós-marital; se a jovem fez pré-natal ou não e o local do último parto, não influenciam nos percentuais de parto cesariana.

Quanto à amamentação, verifica-se na tabela 6.14 que a grande maioria das jovens (82,9%), amamentaram o último filho nascido vivo, porém em dados não constantes desta tabela, sabe-se que o período médio de amamentação é de apenas 4,8 meses (vide tabela 6.15).

Nota-se que as variáveis: idade da jovem quando do nascimento do filho, escolaridade e o fato de ter feito ou não pré-natal, não exerce influência nos índices percentuais de amamentação.

Verifica-se porém, que o fato de ter sido ou não uma concepção pré-marital, interfere ligeiramente nos percentuais de tal forma, que para as jovens que conceberam seus filhos antes do casamento este índice de amamentação é levemente mais alto do que para aquelas que conceberam pós-maritalmente (87,0% e 80,4% respectivamente).

O percentual de jovens que amamentaram e tiveram este filho em Hospital do Governo/INAMPS, apesar de elevado, é 9 pontos percentuais mais baixo do que as jovens que amamentaram e tiveram o último filho em Hospital ou Maternidade Privada (80,2% e 89,1% respectivamente).

Na pesquisa, perguntou-se a todas as jovens que tiveram pelo menos um filho, se na época da entrevista estavam amamentando. Essa afirmação pode ser usada para se estimar a duração da amamentação para os nascimentos mais recentes. Os resultados constantes da tabela 6.15 são estimativas da condição atual da amamentação, baseadas na situação atual da mãe e da criança no momento da entrevista, ao invés da

duração do aleitamento referido. A experiência demonstra que perguntando-se a respeito da duração, as respostas apresentam uma considerável frequência por três, seis ou doze meses (Anderson J.E., 1985). As tabulações baseadas na condição atual são, de uma maneira geral, mais confiáveis. Se a mulher teve mais de um filho pressupõe-se que ela não esteja mais amamentando o filho anterior.

A segunda coluna da tabela 6.15 mostra o percentual de crianças que estão sendo amamentadas desde o seu nascimento (em meses), até um ano. Essa coluna foi construída a partir da experiência de mulheres que, tiveram nascimentos em períodos sucessivos no passado e são análogas à coluna $l(x)$ em uma tábua de mortalidade. A amamentação nesta análise inclui a amamentação total ou parcial. Os resultados mostram que a maioria das jovens (98%), amamentam seus filhos durante o primeiro mês de vida. Entretanto, a proporção que segue amamentando, declina rapidamente. Mais da metade das jovens, deixam de amamentar 4 meses após o parto, e somente 23,6% delas, amamentam por mais de um ano.

A duração média da amamentação é também apresentada na tabela 6.15. Estas estimativas foram calculadas usando-se o método de prevalência/incidência, técnica muito utilizada em Epidemiologia e bastante semelhante à média de uma tábua de mortalidade. No método prevalência/incidência a duração média de uma doença é a prevalência dividida pela incidência. O fenômeno neste caso é a amamentação. A prevalência é o número total de crianças que estavam sendo amamentadas no momento da pesquisa. A incidência é o número médio de nascimentos por mês baseado no número de nascimentos reportados como tendo ocorrido nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Observa-se uma duração média de 4,8 meses, ligeiramente superior a duração mediana de menos de 4 meses (a duração mediana é aquela em que 50,0% das mulheres já deixaram de amamentar seus filhos). A duração média é aumentada em consequência de longos períodos de amamentação de algumas mulheres. O resultado para as jovens no Município de São Paulo pode ser comparado aos resultados recentes das pesquisas de jovens em Recife e Rio de Janeiro (BEMFAM, 1989). Nestas pesquisas, também de jovens entre 15-24 anos, a duração média de amamentação foi de 5,0 meses em Recife e 5,7 meses no Rio de Janeiro.

CAPÍTULO VII

ALGUMAS ATITUDES E OPINIÕES DOS JOVENS

Este capítulo trata do mundo subjetivo do jovem e nos dá a noção de seus posicionamentos frente a alguns temas tais como: Problemas mais comuns entre os jovens, segundo a opinião dos mesmos; Método Anti-conceptivo mais apropriado para eles; Parceiros com quem poderiam iniciar sua vida sexual; Seu conhecimento e atitude frente a sexualidade; Opiniões sobre as medidas a serem adotadas em caso de gravidez indesejada; Atitudes frente a vida familiar; e as Concepções frente aos papéis masculino/feminino.

A seguir serão expostos os dados quantitativos encontrados sobre estes temas.

7.1 -Problema mais comum entre os jovens da Cidade de São Paulo

De acordo com a tabela 7.1, os jovens da Cidade de São Paulo consideram que o problema mais comum para os jovens entre 15-24 anos refere-se ao "Uso de Drogas" não havendo porém, diferença entre os sexos (40,9% para mulheres e 40,4% para homens). O segundo problema mais citado pelas mulheres é a "Falta de relacionamento com os pais/falta de estrutura familiar" (13,3%), enquanto que para os homens é "Crise financeira/desemprego (11,7%).

Ao se considerar a faixa etária, nota-se que para o item "Drogas" os percentuais mantêm uma correlação positiva com a idade para o sexo feminino, atingindo o percentual de 41,6% para as jovens entre 20-24 anos. Para o sexo masculino entretanto, observa-se que há um decréscimo nos percentuais apenas para a faixa etária entre 20-24 anos (37,5%), fator que pode ser explicado através do alto percentual que aparece no item "Crise financeira/desemprego" que para eles atinge, o percentual elevado de 17,0%, enquanto que para as mulheres este item não atinge índices tão elevados.

É interessante notar a diferença entre os sexos no que tange ao item citado "Falta de relacionamento com os pais/falta de estrutura familiar" onde, entre as idades de 18-19 anos os percentuais obtidos por homens e mulheres são bastante igualitários (10,1% e 9,2% res

pectivamente. Já para a faixa etária entre 20-24 anos os percentuais masculinos são bastante inferiores se comparados com as mulheres da mesma faixa etária (6,5% e 12,2% respectivamente). Esta diferença denota uma menor preocupação destes jovens em relação à falta de estrutura familiar/falta de relacionamento com os pais.

Os outros itens citados pelos jovens não atingem níveis percentuais acima de 6%. Cabe citar que 11,6% das mulheres e 10,3% dos homens não souberam ou não quiseram responder a esta questão.

Considerando a escolaridade a tabela 7.2 demonstra que, frente ao item "Drogas" os percentuais femininos não sofrem grandes variações para os níveis de escolaridade considerados, exceto para aquelas jovens com 1º grau nível I incompleto (26,2%). O contingente mais elevado de jovens com este grau de escolaridade, não soube ou não quis responder a este item (30,8%). Já para o segundo item citado pelas mulheres (falta de relacionamento com os pais/falta estrutura familiar), a escolaridade não exerce influência nos percentuais.

Para os homens, os percentuais mais baixos encontrados para o item "Drogas" aparecem entre os jovens com 1º grau nível I incompleto e os com 2º grau completo ou universidade (32,3% e 33,3% respectivamente). Tal como para as mulheres, os homens com o menor nível de escolaridade também não souberam ou não quiseram responder a esta questão (27,4%).

Quanto ao segundo problema mais citado (crise financeira/desemprego), os percentuais mais altos ocorrem entre os jovens com o menor e o maior nível de escolaridade (17,7% e 15,4% respectivamente).

O "Uso de Drogas" também foi o problema mais frequentemente apontado pelos jovens em estudos realizados na Cidade de Salvador (34,5% para mulheres e 41,9% para homens), no Chile (45,1% entre as mulheres e 49,6% para homens) e na Guatemala com percentuais não tão elevados para a amostra feminina (24,4%) e similares ao do presente estudo, para a amostra masculina (41,8%).

O item "Desemprego" foi citado como segundo problema mais comum entre os jovens do sexo masculino na Cidade de Salvador (15,7%) e Cidade da Guatemala (11,4%), já para Santiago este lugar coube ao item "Falta de comunicação com os pais e problemas familiares" (9,6%).

Para a amostra feminina, o segundo problema mais citado foi diferente entre os três estudos comparados e o único que guarda uma similaridade com a Cidade de São Paulo é Santiago do Chile onde o percentual mais elevado recaiu sobre o item "Falta de comunicação com os pais e problemas familiares" (19,7%). Para a Cidade de Salvador o item que ocupou este lugar foi "Desemprego" (8,8%) e na Cidade da Guatemala foi o item "Problemas psico-sociais da adolescência" (11,9%).

7.2- Método Anticonceptivo que o jovem considera mais apropriado para a sua idade

Os jovens tiveram oportunidade de emitir sua opinião com relação ao método anticonceptivo mais apropriado para aqueles que mantêm relações sexuais e de uma forma geral na tabela 7.3, encontramos para as mulheres a Pílula (62,8%) e o Condom (16,4%). Para os homens há uma inversão e o método mais citado é o Condom (50,8%) seguido da Pílula (28,3%).

Há que se notar a relação existente entre o método escolhido e a quem cabe a responsabilidade pelo seu uso. Provavelmente a escolha da Pílula pela amostra feminina e a escolha do Condom pela masculina, venha a corroborar esta relação. Os outros métodos anticonceptivos aparecem com percentuais abaixo de 7 % para ambos os sexos.

Nota-se que a escolha destes métodos sofre uma variação percentual entre as faixas etárias consideradas, onde a escolha pela Pílula sofre um acréscimo para os jovens entre 20-24 anos, de aproximadamente 11 pontos percentuais para ambos os sexos. Fenômeno inverso ocorre com o método Condom onde a diminuição do índice para os jovens entre 20-24 anos chega a 9 pontos percentuais para ambos os sexos.

Esta situação pode retratar que os jovens desta faixa etária, ao opinarem sobre a escolha do método anticonceptivo mais apropriado para jovens que mantêm relações sexuais, o fizeram sobre a Pílula baseados provavelmente, na confiabilidade e efetividade do método.

Considerando-se o nível de escolaridade, a tabela 7.4 demonstra que com relação ao método Pílula Anticoncepcional, o grau de escolaridade não influencia nesta resposta de forma importante, para as mulheres. Para os homens, os percentuais se mantêm igualitários em todos os níveis de escolaridade.

Para o Condom, nota-se que na amostra feminina os percentuais não sofrem influência consistente, do nível de escolaridade porém, para aquelas jovens que tem o 2º grau incompleto ocorre um percentual atípico e elevado de 25,7%. Já para a amostra masculina a escolaridade favorece a escolha do Condom exercendo influência nos percentuais que aumentam a medida em que cresce o grau de escolaridade, com uma diferença de aproximadamente 21 pontos percentuais entre o 1º grau nível I incompleto e o 2º grau completo ou universidade (33,9% e 55,3% respectivamente).

Como esperado, os maiores percentuais para aqueles jovens que não souberam emitir sua opinião a respeito deste tema são encontrados entre aqueles que tem o 1º grau nível I incompleto em ambas as amostras. Há porém uma diferença percentual entre as amostras neste nível de escolaridade, que denotam uma falta de opinião sobre o método "mais apropriado", por parte dos homens (15,4% para a amostra feminina e 25,8% para a amostra masculina).

Quando se perguntou quem deve tomar a iniciativa de usar um método anticonceptivo, em dados não revelados nestas tabelas, sabe-se que homens e mulheres, em sua grande maioria alegam que esta decisão cabe ao casal (83,6% e 90,2% respectivamente). Considerando-se o nível de escolaridade sabe-se também que este exerce leve influência apenas para os índices da amostra masculina já que, para aqueles com até 1º grau nível I incompleto o percentual é de 72,6% e para os demais níveis de escolaridade os percentuais ficam acima de 83,4%. Vale ainda ressaltar que entre os jovens da amostra masculina com 1º grau nível I incompleto encontra-se um contingente de 12,9% deles que consideram que a decisão pelo uso de um método anticonceptivo cabe somente à mulher.

Bastos e cols, 1989 encontraram resultados semelhantes com relação à escolha do método, aqueles encontrados na Cidade de São Paulo e para as mulheres os métodos mais citados como ideais para jovens que mantêm relações sexuais foram a Pílula e o Condom com percentuais de 54,9% e 11,6% respectivamente, enquanto que para os homens foi o Condom e a Pílula (60,3% e 23,2% respectivamente)

7.3- Parceiros com quem os jovens poderiam iniciar e manter Relações Sexuais

Todos os jovens tiveram a oportunidade de emitir suas opiniões sobre com quem um jovem poderia iniciar e manter relações sexuais. Esta pergunta foi incluída no bojo do questionário com o objetivo de verificar até que ponto as posturas a respeito deste assunto estão mais conservadoras ou mais liberais e também comparar esta opinião geral com o comportamento dos jovens com experiência sexual, frente a este tema.

De uma forma geral portanto, a tabela 7.5 demonstra que as mulheres tem uma postura mais conservadora do que os homens uma vez que, 42,8 % delas não concordam em iniciar sua vida sexual antes do casamento ; 32,2% concordam em ter relações sexuais somente se houver uma relação de noivado com o parceiro; 23,3% manteriam relações sexuais com um namorado, sem que esta jovem tenha planos de se casar ou viver com o par

ceiro e apenas 0,8% afirmam que manteriam relações sexuais com amigos ou conhecidos. Para os homens, somente 13,7% admitem que não teriam relações sexuais antes do casamento. A grande maioria (dois terços), dizem que poderiam iniciar e manter relações sexuais com sua noiva (30,8%) ou sua namorada (35,7%). Quase um quinto (18,5%) admitem que poderiam iniciar e manter relações sexuais com amigas ou conhecidas.

A idade do jovem demonstra ser um fator que afeta neste seu posicionamento uma vez que, quanto maior a idade do jovem mais liberal é a sua postura com relação a este tema, para ambos os sexos.

Na amostra feminina, entre aquelas que disseram que poderiam ter relações sexuais com o noivo, encontram-se percentuais estatisticamente homogêneos para todas as faixas etárias consideradas. O mesmo fenômeno estatístico ocorre entre os homens que disseram que poderiam manter relações sexuais com namorada ou então com uma amiga/conhecida.

É interessante notar na amostra feminina que os dois grupos mais afetados pela variável idade, são aquelas jovens que referem "marido", onde se verifica um declínio nos percentuais; e aquelas que citam "namorado" onde ocorre um aumento nos percentuais, conforme aumenta a idade. Para os homens, um aumento nos percentuais para a resposta "noiva", acompanha o declínio da porcentagem daqueles que dizem que se deve casar virgem, a medida em que há um aumento da idade do jovem.

A escolaridade demonstra ser um fator que também afeta esta opinião de tal forma que na amostra feminina, aquelas que tem até o 2º grau incompleto dizem em sua maioria, que poderiam iniciar sua vida sexual somente depois de casadas, com percentuais acima de 42%.

Aquelas que tem o 2º grau completo ou universidade mostram-se com uma postura mais liberal frente a este tema e percentuais semelhantes são encontrados entre aquelas que teriam relações sexuais com marido, noivo ou namorado (30,3% , 30,3% e 36,8% respectivamente).

Na amostra masculina, verifica-se uma correlação negativa com o grau de instrução, para aqueles jovens que consideram que se deve chegar virgem ao casamento, tal como ocorre com a variável idade. Uma correlação positiva com a escolaridade , é observada entre os jovens que iniciariam sua vida sexual com namorada ou amiga.

Com relação àqueles que tem 2º grau completo ou universidade, um elevado percentual de 49,6% dizem que poderiam ter relações sexuais com

namorada demonstrando, tal como na amostra feminina, uma maior liberalidade neste nível de escolaridade.

No que tange a opinião do jovem sobre manter relações sexuais com amigos/conhecidos, os percentuais masculinos são consideravelmente maiores do que os femininos. Há que se notar porém, que para a amostra feminina admitir tal tipo de relacionamento, mantém uma correlação negativa com o grau de escolaridade enquanto que para a amostra masculina, nota-se uma correlação positiva, demonstrando que as relações afetivas consideradas menos estáveis são mais aceitas entre as mulheres com menor grau de escolaridade e para os homens é mais aceitável manter este tipo de relação entre aqueles com maior grau de escolaridade.

A opinião dos jovens frente a este tema também sofre a influência da crença religiosa professada por eles. Ainda na tabela 7.5, observa-se na amostra feminina que para as protestantes/crentes a relação citada como mais aceitável é com o marido (65,3%). Entre as católicas, percentuais elevados são encontrados para aquelas que manteriam relações sexuais somente após o casamento (40,3%) e também, entre aquelas que o fariam dentro de uma relação de noivado (34,0%).

Percentuais semelhantes aos encontrados entre as católicas são verificados para as jovens que alegam não ter religião e que iniciariam sua vida sexual, somente depois de casadas (43,1%). Porém elas demonstram uma maior liberalidade uma vez que um índice de 32,8% é encontrado para aquelas que manteriam um relacionamento sexual com o namorado enquanto que o índice para as católicas é de 23,9%.

Entre as jovens que professam as outras religiões (espírita e religiões orientais), também se observam posturas mais liberais, uma vez que 40,0% declaram que poderiam manter relações sexuais com namorado e 32,5% com noivo enquanto que, o percentual para aquelas que iniciariam sua vida sexual somente após o casamento é o mais baixo, se comparado com os índices encontrados para as demais religiões (27,5%).

Para a amostra masculina observa-se que somente entre os protestantes / crentes é encontrado o maior percentual para aqueles que declaram que iniciariam suas relações sexuais somente depois de casados (52,2%), se comparados com os índices encontrados para as demais religiões.

Entre os jovens que não tem religião, os maiores percentuais são encontrados para aqueles que admitem iniciar um relacionamento sexual com a namorada ou com uma amiga/conhecida (34,4% e 24,7% respectivamente).

Já para os católicos as opiniões ficam divididas entre aqueles que manteriam tal relacionamento com namorada (37,6%) e noiva (34,4%). É in-

interessante notar que, o menor índice encontrado para aqueles jovens que manteriam relações sexuais somente depois de casados, ocorre entre os católicos (9,1%).

É digno de nota observar, que as únicas religiões que realmente fazem com que seus adeptos tenham posicionamentos mais conservadores frente a este tema, são as religiões protestante/crente.

Dados similares foram encontrados por Bastos e cols, 1989 na Cidade de Salvador, revelando talvez uma coerência de posicionamento sobre este tema, do jovem brasileiro.

Ao se considerar entretanto, somente os jovens com experiência sexual por ocasião da entrevista, a tabela 7.6 demonstra a coerência entre a opinião emitida sobre os parceiros com quem poderiam iniciar ou ter relações sexuais e com que parceiros efetivamente tiveram a primeira relação sexual.

A grande maioria das jovens do grupo feminino tiveram sua primeira relação sexual com namorado (66,8%).

Observa-se que entre as mulheres, 50,0% daquelas que dizem que se casariam virgens, tiveram sua primeira relação sexual com o namorado e apenas 30,2% realmente tiveram como seu primeiro parceiro sexual, o marido. Para aquelas que declaram que teriam relações sexuais dentro de uma relação de noivado, 68,9% tiveram sua primeira experiência sexual, também com namorado e somente 19,2% são coerentes em relação à opinião emitida sobre a escolha do primeiro parceiro sexual. Um contingente de 77,8% dizem que teriam relações sexuais com o namorado, e efetivamente o fizeram.

Conclui-se portanto que as mulheres, tanto em suas opiniões quanto em suas atitudes, preferem iniciar e manter relações sexuais desde que, as relações afetivas com os parceiros guardem uma configuração de compromisso. Outro fator a ressaltar é a diferença acentuada que se observa entre as opiniões emitidas e as atitudes assumidas por estas jovens.

Para os homens, nota-se que independente das parceiras com quem poderiam iniciar ou ter relações sexuais eles, em sua maioria tiveram efetivamente sua primeira relação sexual com amiga/conhecida (60,8%) demonstrando, que diferente das mulheres, uma relação afetiva mais profunda não é condição fundamental para o início do relacionamento sexual, nesta fase.

É digno de nota, o percentual de 13,6% de jovens que opinam que só teriam relações sexuais após o casamento e tiveram sua primeira relação sexual com prostituta, demonstrando que para alguns segmentos da socie

dade, ainda persiste o padrão de conduta em que a iniciação sexual do homem deve ocorrer com uma prostituta, a despeito dos riscos atuais que podem advir neste tipo de relação.

A tabela 7.6 ainda mostra que 88,2% do grupo feminino e 99,2% do grupo masculino com experiência sexual, tiveram sua primeira relação sexual pré-maritalmente, nos levando a enfatizar a necessidade de iniciar programas de Educação Sexual nas escolas de tal forma a evitar, entre outros problemas, as gravidezes indesejadas.

7.4- Conhecimentos e Atitudes frente a Sexualidade

No decorrer do questionário, foram efetuadas afirmações no sentido de avaliar o conhecimento sobre alguns assuntos específicos e importantes para o exercício responsável da sexualidade. Para efeito de clareza na análise dos dados, foram considerados apenas os jovens que responderam afirmativamente às proposições.

Nota-se na tabela 7.7 que como esperado, o nível de escolaridade influencia de forma acentuada na maioria das proposições.

Diante da afirmação "Pode-se ter relações sexuais durante a gravidez", há uma diferença acentuada entre as amostras sendo que, as mulheres demonstram estarem mais cientes da veracidade desta afirmação (77,5% para as mulheres e 60,4% para homens).

Para a afirmativa "A mulher pode engravidar durante sua primeira relação sexual", o percentual entre homens e mulheres é igualitário (77,1% e 76,4% respectivamente).

Verifica-se que há um contingente ainda elevado de jovens que julgam ser esta afirmativa inverídica. Este fato é preocupante visto que, a gravidez indesejada e suas consequências são passíveis de ocorrer para uma faixa relativamente extensa da população jovem investigada neste estudo. Vale ressaltar ainda que, surpreendentemente há um percentual de 11,6% das mulheres e 17,1% dos homens com 2º grau completo ou universidade que acreditam que a gravidez não pode ocorrer por ocasião da primeira relação sexual.

Ainda avaliando o conhecimento, diante da assertiva "A masturbação deve ser praticada de vez em quando" a tabela evidencia uma diferença acentuada nos percentuais entre as amostras (45,9% para mulheres e 74,8% para homens), demonstrando que o homem encara o ato da masturbação com maior naturalidade. A corroborar este fato, dados não constantes de tabela demonstram que esta diferença entre os percentuais masculinos e femininos também persistem para aqueles jovens que responderam afirmativamente a esta questão e tiveram Curso de Educação Sexual na escola onde era incluído o tema "Masturbação" (52,4% para mulheres e 77,7% pa

ra homens).

Há um aspecto comum nestas três afirmativas que é a correlação positiva encontrada entre a escolaridade e a resposta dada corretamente a estas proposições.

Por outro lado, as demais afirmativas avaliadas nesta tabela demonstram uma correlação negativa com o grau de escolaridade dos jovens logo quanto maior o nível de escolaridade, menores os índices de respostas errôneas.

Assim, a frase "A masturbação faz mal à saúde" apresenta percentuais globais de 27,2% para a amostra feminina e 37,3% para a masculina. Há uma diferença importante de aproximadamente 10 pontos percentuais entre os índices femininos e masculinos, que é uma diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$), demonstrando um desconhecimento maior por parte da amostra masculina.

Diante da assertiva "Os sintomas da gonorréia são sempre visíveis nas mulheres", os homens também demonstram ter um menor conhecimento sobre a inveracidade que representa esta afirmação, apresentando percentuais de 33,2% enquanto que para as mulheres o índice é de 25,6%.

Vale ressaltar que como pode ser verificado na tabela 4.5 (Capítulo IV), 92,5% dos homens e 75,5% das mulheres afirmam conhecer ou ter ouvido falar sobre esta doença porém, diante da presente tabela, onde se averigua um conhecimento mais específico, nota-se que um percentual elevado de jovens desconhece detalhes sobre a sintomatologia da doença.

Pode-se imaginar as implicações desta falta de informação, sobre a atividade sexual do jovem na medida em que a disseminação desse tipo de D.S.T. poderia ser controlada, se o jovem recebesse orientação adequada sobre o assunto.

Percentuais igualitários para ambas as amostras são encontrados para a afirmativa "O desenvolvimento físico dos homens e mulheres ocorrem na mesma idade" ficando em 25,2% para mulheres e 24,9% para os homens.

Para a afirmação "A mesma camisinha pode ser usada mais de uma vez", também são encontrados percentuais semelhantes entre as amostras (3,2% para mulheres e 3,6% para homens). Apesar destes percentuais serem muito baixos ainda assim vale ressaltar, o grau de desinformação encontrada para os jovens que tem 2º grau completo ou universidade (2,6% para mulheres e 2,4% para homens) e um percentual de 10,8% para as mulheres com 1º grau nível I incompleto.

Foram introduzidas ainda no bojo do questionário duas assertivas que tinham por objetivo medir a atitude do jovem frente a Sexualidade.

Sendo assim, para a frase "Relação sexual com camisinha diminui o prazer", são encontrados percentuais bastante discrepantes entre homens e mulheres (67,3% e 35,3% respectivamente). Os altos percentuais encontrados para os homens, refletem a situação de que para eles o condom

realmente diminui a sensação prazerosa durante o ato sexual, já que dois terços da população masculina entrevistada confirma este fato, independente do grau de escolaridade. Para as mulheres o nível de escolaridade influencia cabalmente nesta resposta na medida que, conforme aumenta a escolaridade diminui o percentual daquelas que consideram que há uma diminuição do prazer sexual quando se usa o condom.

A segunda assertiva "Você poderia ter amizade com uma pessoa homossexual", apresenta percentuais divergentes entre as amostras, pois para as mulheres o índice é de 68,3%, enquanto que entre os homens é de apenas 42,7%, demonstrando haver um maior preconceito em relação aos homossexuais por parte dos homens.

A escolaridade é um fator que influencia nesta atitude, já que o maior tabu é encontrado entre os jovens que tem até o 1º grau nível II incompleto, em ambas as amostras.

O fato de o jovem ter ou não recebido aula, curso ou palestra de Educação Sexual na escola afeta na dimensão deste preconceito. Assim, em dados não constantes de tabela, para o sexo feminino o percentual para aquelas que poderiam ter amizade com uma pessoa homossexual e tiveram curso de Educação Sexual na escola é de 75,3%, enquanto que o índice para aquelas que não tiveram tal curso é de 61,7%. Para o sexo masculino a diferença percentual encontrada é muito mais flagrante, uma vez que o índice para aqueles que tiveram este curso na escola é de 51,8%, e para os que não tiveram, este índice está em 34,6%.

Tal discrepância percentual demonstra que o fato de os jovens receberem informações sobre Educação Sexual, determina mudanças de atitudes importantes sobre este assunto, independente destas aulas, cursos ou palestras enfocarem ou não o tema Homossexualismo.

Ao se considerar o nível sócio-econômico, a tabela 7.8 demonstra que este fator não afeta a todas as afirmações mencionadas na tabela 7.7. Julgamos interessante comentar apenas aquelas assertivas onde esta variável influencia de forma significativa. Sendo assim, para a afirmação "A masturbação faz mal à saúde", nota-se que o desconhecimento maior incide sobre aqueles jovens que se encontram entre as classes sócio-econômicas menos favorecidas (baixa e média-baixa), em ambas as amostras.

Para a assertiva "Os sintomas da gonorréia são sempre visíveis nas mulheres", o grau de conhecimento entre os jovens da classe alta é consideravelmente maior do que para as demais classes sociais, uma vez que, apenas 14,6% das mulheres e 8,6% dos homens respondem afirmativamente a esta proposição. Um aspecto que se considera grave, é que mais da metade dos homens que tem nível sócio-econômico baixo desconhecem que a mulher pode estar contaminada e não apresentar sintomas visíveis da gonorréia.

Também um maior grau de desconhecimento é encontrado entre os jovens das classes baixa e média-baixa para a afirmação "O desenvolvimento físico dos homens e mulheres ocorre na mesma idade", com índices acima de 33% para mulheres e 34% para homens.

Para a afirmação "A mesma camisinha pode ser usada mais de uma vez", também são encontrados os maiores percentuais nas classes menos favorecidas social e economicamente. Porém, um percentual de 5,7% é encontrado para os homens da classe alta, que pode ser resultado do pequeno número de casos, neste grupo.

Com relação aos itens que avaliam as atitudes do jovem nesta tabela, o nível sócio-econômico influencia em ambas as assertivas. Assim para a afirmação "Relação Sexual com camisinha diminui o prazer", o nível sócio-econômico determina uma diferença acentuada nos percentuais apenas para os jovens do sexo feminino na medida em que, as jovens pertencentes às classes menos favorecidas realmente consideram que a camisinha diminui a sensação prazerosa durante o ato sexual.

Para a frase "Você poderia ter amizade com uma pessoa homossexual", o nível sócio-econômico influencia em ambas as amostras de forma importante de tal maneira que, podemos afirmar que os segmentos mais preconceituosos a este respeito são encontrados entre os jovens das classes menos favorecidas sob o aspecto sócio-econômico.

7.5- Opiniões sobre a medida a ser adotada em caso de gravidez indesejada

Este módulo visa obter informações a respeito do que hipoteticamente fariam os jovens, ao se depararem com uma situação de gravidez não desejada.

A pergunta estímulo para medir esta atitude, foi uma situação onde se considera o caso de uma jovem que não é casada e que engravida de um rapaz de quem ela apenas gosta mas não ama profundamente. As alternativas foram apresentadas aos jovens tal como especificado nas tabelas 7.9 até 7.11.

De uma forma geral, na tabela 7.9 encontram-se diferenças importantes entre as amostras, quanto a alternativa dada sobre que conduta tomar em caso de gravidez indesejada. Enquanto que 71,3% das mulheres opinam que "deve-se ter a criança e criá-la sozinha", este percentual está acentuadamente mais baixo para a amostra masculina ficando em 45,6% e nota-se que, a escolaridade exerce influência nesta resposta de tal forma que, para ambas as amostras os maiores índices recaem entre aqueles jovens com maior nível de escolaridade.

A segunda resposta mais frequente é que a "mulher deve convencer o rapaz a casar-se", e neste caso, a diferença percentual apesar de leve entre as amostras, é menor para a amostra masculina.

Portanto, 15,6% das mulheres deram esta alternativa enquanto que para os homens, o percentual é de 23,9%. É interessante notar, que a escolaridade exerce algum efeito somente para a amostra feminina e nesta, os percentuais mantêm uma correlação negativa com esta resposta, chegando a um nível de 9,7% para as jovens que tem o 2º grau completo ou universidade.

O aborto é referido por apenas 5,0% das mulheres enquanto que entre os homens, esta idéia é mais aceita, atingindo o percentual de 11,5%. O nível de escolaridade influencia nesta opinião e entre as mulheres, o percentual mais alto é encontrado para aquelas que tem o 2º grau completo ou universidade. Já entre os homens a faixa de escolaridade se dilata de tal forma que, os índices maiores estão entre os jovens que tem a escolaridade acima do 2º grau incompleto.

"Obrigiar o rapaz a casar-se" e "Ter a criança e dá-la", são alternativas referidas por um contingente pouco significativo de jovens, de ambas as amostras.

Bastos e cols, 1989 frente a esta mesma questão, encontraram resultados semelhantes, tanto nos índices gerais quanto na influência da escolaridade frente as respostas dadas, por ambas as amostras.

Outro aspecto analisado no presente estudo, é a influência da crença religiosa professada pelo jovem e a resposta dada a esta questão. A tabela 7.10 demonstra que, a religião é um fator importante na emissão desta resposta. Desta forma, para a amostra feminina, as jovens de todas as religiões em sua maioria assumiriam a criança sozinha porém, um percentual bastante inferior aos demais é encontrado entre aquelas que não tem religião (58,6%). Entre os homens, percentuais abaixo de 45% são encontrados para esta resposta, exceto para aqueles que professam "outras" religiões onde o percentual atinge 59,5%.

Entre os jovens que dizem que a mulher deveria convencer o rapaz a casar-se, na amostra feminina os maiores percentuais são evidenciados para aquelas que professam as religiões protestante/crente (20,0%), e aquelas que referem não ter religião (24,1%). Já para a amostra masculina, os maiores percentuais são encontrados entre os protestantes/crentes (28,3%), seguido dos católicos com um percentual de 25,5%.

Para a alternativa praticar um aborto, as mulheres protestantes/crentes demonstram rejeitar esta idéia e o percentual para elas é desprezível (1,0%). O percentual mais alto para esta resposta é encontrado entre as jovens que professam "outras" religiões (10,0%). Para os homens, os percentuais são mais altos, e a crença religiosa não é um fator que determina variações percentuais significativas porém, vale a pena ressaltar que até 12,0% dos católicos referem esta alternativa como solução para uma gravidez indesejada.

Estas mesmas respostas são analisadas levando-se em conta o nível sócio-econômico dos jovens e como demonstra a tabela 7.11, este fator influencia em algumas respostas.

Portanto, para a amostra de mulheres, a maioria opina que a mulher deve assumir a responsabilidade de ter a criança e criá-la sozinha, com percentuais acima de 69% em todos os níveis sócio-econômicos, exceto no nível alto (52%). Entre os homens o maior índice para esta resposta é encontrado apenas na classe baixa (54,6%), e não há uma tendência clara, para os demais níveis sócio-econômicos

Para os jovens que acham que a mulher deveria praticar um aborto, encontra-se uma característica idêntica e interessante em ambas as amostras, pois apenas os jovens da classe alta atingem percentuais elevados para esta alternativa (25,0% para a amostra feminina e 28,6% para a masculina). Aliás, é importante notar a correlação positiva estabelecida com relação a esta opinião ou seja, conforme aumenta o nível sócio-econômico, aumentam também os índices encontrados, demonstrando maior liberalidade nas classes mais favorecidas frente a este tema.

Em estudo semelhante realizado na Cidade de Salvador em 1987, os resultados encontrados foram bastante similares aos encontrados na Cidade de São Paulo, exceção feita à opinião dada pelos jovens baianos da classe baixa, de que a mulher deve ter a criança e então dá-la, onde os percentuais femininos são maiores que os masculinos (9,1% e 7,6% respectivamente), enquanto que no presente estudo os percentuais são de 3,6% para mulheres e 9,1% para os homens.

Com relação a história de experiência sexual do jovem paulista, dados não incluídos em tabelas demonstram que, dos entrevistados solteiros com experiência sexual, 11,2% das mulheres e 12,9% dos homens consideram que diante de uma gravidez indesejada, a jovem deveria praticar o aborto enquanto que, para os jovens virgens, apenas 3,5% das mulheres e 7,3% dos homens tem essa opinião. Esta diferença nos percentuais talvez venha a retratar o fato de que, o aborto é uma das alternativas que o jovem solteiro com experiência sexual lança mão, em caso de gravidez indesejada.

A despeito das implicações de todas as esferas individuais e sociais que envolvem esta situação polêmica da gravidez indesejada, deste módulo podemos antever uma mudança de valores importante, na medida em que diante da situação hipotética, de uma jovem que engravida, mas não tem uma relação afetiva estável com o companheiro a maioria dos entrevistados opta por uma solução em que, ela deva ter o filho e criá-lo sozinha, o que demonstra que as relações afetivas assumem atualmente um papel importante para um eventual matrimônio, muito diferente do que ocorria até alguns anos atrás, onde uma gravidez para uma jovem solteira, sempre implicava em casamento.

7.6- Atitudes e Opiniões frente à Vida Familiar

Este segmento é composto por afirmações referentes à dinâmica da vida familiar e, para efeito de clareza na análise dos dados, foram consideradas somente as respostas afirmativas dos jovens.

Analisando de uma forma geral, nota-se que frente a afirmação de que "Os pais que dão educação sexual aos filhos despertam nos filhos, o interesse em ter relações sexuais", as tabelas 7.12 e 7.13 mostram que, um alto percentual de jovens consideram esta afirmação verdadeira (30,6% para mulheres e 52,9% para homens). Há que se notar esta discrepância percentual entre as amostras, o que talvez seja explicável pelo fato de que tradicionalmente, os homens quando recebem informações sobre este tema, dos pais, esta é feita com o intuito de uma iniciação sexual e não para educar e orientar sobre a sexualidade, enquanto que para as mulheres a informação normalmente vem concomitante com o marco concreto da menarca, onde geralmente esta informação é encarada pela jovem como educativa portanto, desvinculada da relação sexual em si.

Os altos percentuais obtidos para esta assertiva revelam também, o grau de preconceito do próprio jovem em receber de seus pais este tipo de orientação.

A corroborar este fato, dados não constantes em tabela revelam que 70% das mulheres e 40% dos homens referem que não se sentiriam à vontade para conversar sobre sua vida sexual com ninguém, e daqueles que conversariam, a maioria dos jovens de ambos os sexos disseram que o fariam com amigos (as).

Ao se considerar o nível de escolaridade, na amostra feminina há uma diminuição acentuada nos percentuais a medida em que aumenta o nível de escolaridade, atingindo 14,2% para aquelas com 2º grau completo ou universidade. Já para os homens não se observa esta tendência e há uma diminuição nos percentuais apenas para os jovens com 2º grau completo ou universidade (37,4%). Entretanto, ao se considerar o nível sócio-econômico destes jovens, observa-se que os percentuais diminuem conforme aumenta o grau de escolaridade, para ambos os sexos. Para as mulheres a diferença entre nível baixo e nível alto chega a 27 pontos percentuais enquanto que para os homens, a diferença cai para 21 pontos percentuais.

Frente a afirmação de que "O homem deve decidir quantos filhos sua mulher deve ter", também se observa uma diferença marcante entre os percentuais globais masculinos e femininos (27,9% e 11,8% respectivamente). Novamente, se evidencia a influência da escolaridade frente a esta opinião em ambas as amostras, de tal forma que os percentuais mantêm uma correlação negativa, até atingir 27,7% entre as mulheres e

50,0% entre os homens, ambos com 1º grau nível I incompleto. O mesmo fenômeno ocorre se considerarmos o nível sócio-econômico visto que, os percentuais mais elevados são encontrados entre as classes menos favorecidas, em ambas as amostras. Os altos percentuais encontrados para os homens nestas duas tabelas evidenciam um posicionamento "machista" com relação a esta questão.

Por outro lado, ao se fazer a afirmação de que "Deus é quem decide quantos filhos se deve ter", os percentuais para ambas as amostras são equivalentes e elevados, ficando em 45,3% para as mulheres e 43,3% para os homens. Nota-se que, conforme diminui o nível de escolaridade, aumentam os percentuais chegando a 75,4% para as mulheres e 69,4% para os homens, ambos com 1º grau nível I incompleto. O mesmo se observa, com as classes sócio-econômicas baixa e média-baixa onde os percentuais situam-se acima de 59% para as mulheres e acima de 58% para os homens.

Este fato denota que uma postura mística é mais comum entre os jovens com menor escolaridade e pertencentes às classes menos favorecidas do ponto de vista sócio-econômico.

Percentuais globais semelhantes para ambas as amostras (22,5% para mulheres e 22,9% para homens), são encontrados para a assertiva de que "A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos, sem a ajuda do marido". Observa-se que os jovens de ambos os sexos com menor grau de escolaridade, mantêm uma postura conservadora em relação às responsabilidades tradicionalmente atribuídas às mulheres, chegando a atingir níveis percentuais máximos entre aqueles jovens com 1º grau nível I incompleto (60,0% para as mulheres e 53,2% para os homens). Esta é uma característica comum também aos estratos da sociedade menos favorecidos sob o aspecto sócio-econômico onde, entre os jovens pertencentes a classe baixa o percentual feminino chega a 53,6% e o masculino a 43,2%.

Os resultados apresentados a respeito da afirmação anterior, mantêm uma coerência com outra opinião emitida pelos jovens sobre se a mulher deve trabalhar depois de casada ou não, sob o aspecto do nível de escolaridade (tabela 7.14). Desta forma, enquanto que na tabela 7.12 a afirmação "A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos sem a ajuda do marido" apresenta uma correlação negativa com o nível de escolaridade, na presente tabela, há uma correlação positiva. Logo, os percentuais mais elevados são encontrados entre os jovens com 2º grau completo ou universidade, de ambas as amostras, que consideram que a mulher deve trabalhar depois de casada (89,0% para as mulheres e 64,2% para os homens).

De uma forma geral nota-se que, o percentual masculino é significativamente menor do que o feminino (45,7% e 77,4% respectivamente). O mesmo se verifica ao se comparar cada um dos níveis de escolaridade entre as amostras, demonstrando mais uma vez, que aceitar a profissionalização

da mulher casada é ainda encarada de forma preconceituosa, por grande parte da amostra masculina entrevistada.

Dados não incluídos em tabela revelam que a razão mais alegada por homens e mulheres para que a mulher não trabalhe depois do casamento é que ela deve se dedicar totalmente à casa e aos filhos (73,2% e 74,4% respectivamente), não havendo influência importante do grau de escolaridade para o sexo feminino. Porém, causa espanto que entre os jovens do sexo masculino com 2º grau completo ou universidade, é encontrado o percentual de 95,0% para esta resposta.

Ainda na tabela 7.14, encontra-se também um percentual de 8,7% da amostra feminina e 23,2% da amostra masculina, que colocam algumas condições para a mulher trabalhar depois de casada. Em dados não revelados em tabela, a condição que aparece com maior frequência é que a mulher só deve trabalhar, quando o salário do marido for insuficiente para sustentar a casa, com percentuais de 80,0% para as mulheres e 77,0% para homens. Sabe-se que a influência da escolaridade, é um fator interessante uma vez que, para as mulheres um percentual de 100,0% aparece para aquelas com 2º grau completo ou universidade, enquanto que o percentual para o grupo de homens com o mesmo grau de escolaridade é de 56,5%.

Com o intuito de verificar se a condição de atividade da mãe destes jovens exerce influência ou não para a emissão desta resposta, observa-se também em dados não expostos em tabela que a opinião sobre se a mulher deve ou não trabalhar depois de casada, não sofre influência importante decorrente do fato de a mãe trabalhar ou não fora de casa.

Comparando-se os dados da Cidade de São Paulo com os dados obtidos em estudo semelhante realizado em outra grande cidade (México), Nuñez e cols. (1985), encontraram dados similares ou seja, 66,8% da amostra feminina e 47,7% da amostra masculina consideram que a mulher deve trabalhar depois do casamento. Houve também a influência do nível de escolaridade, tal como se observa no presente estudo. As razões alegadas pelos jovens mexicanos para que a mulher não trabalhe depois de casada, foram as mesmas alegadas pelos jovens paulistas.

Surpreendentemente os resultados obtidos por Bastos e cols. (1989), na Cidade de Salvador foram acentuadamente superiores aos da Cidade de São Paulo para aqueles jovens que consideram que a mulher deve trabalhar depois de casada, sendo que o percentual para a amostra feminina foi de 91,0% e para a amostra masculina 61,3% demonstrando que os jovens baianos são menos conservadores neste aspecto.

Ainda com relação as opiniões do jovem frente a Vida Familiar, dados não incluídos na tabela, revelam que a amostra feminina considera que

a idade média ideal para a mulher se casar ou viver com um companheiro é 23 anos e um percentual de 24,6% acreditam que não existe uma idade ideal para assumir tal compromisso. Já os homens, também referem que a idade média ideal para a mulher se casar é com 23 anos e somente 9,5% considera que não haja uma idade ideal.

Com relação a idade ideal para o homem assumir um casamento ou união consensual, ambas as amostras atribuem a idade média de 25 anos. Um percentual de 19,8% das mulheres considera que não haja uma idade ideal para o homem se casar, enquanto que somente 8,1% dos homens tem essa mesma opinião.

Também em dados não constantes de tabela, os jovens ainda opinaram sobre em que idade a mulher já é responsável para ter o seu primeiro filho e a maioria das mulheres refere a idade média de 21,5 anos, enquanto que um índice de 22,8% acreditam que não haja uma idade certa para se ter filhos.

Para a maior parte dos homens, a idade média de 22 anos é considerada a idade certa enquanto que, somente 8,8% não acham que exista uma idade ideal para a mulher ter o primeiro filho.

Com relação a idade em que o homem já é responsável para ter o seu primeiro filho, a amostra feminina considera a idade média de 24 anos e a amostra masculina refere que seja em média 23,5 anos de idade. Um percentual de 20,3% para a amostra feminina e 7,6% para a amostra masculina, não acham que exista uma idade ideal, para o homem assumir esta responsabilidade.

Quanto ao número de filhos que os jovens gostariam de ter, ainda em dados não incluídos em tabela, a expectativa é ter em média 2 filhos em ambas as amostras observando-se ainda, que o nível de escolaridade não é um fator que influencia neste desejo.

Este estudo revela que 69,3% das jovens da amostra feminina e 84,3% da masculina, vivem com seus pais, como demonstram dados não incluídos em tabela. É digna de nota a diferença percentual encontrada entre homens e mulheres. Os baixos percentuais femininos podem ser explicados talvez, pelo alto índice de uniões assumidas pelas jovens, se comparados àqueles encontrados para a amostra masculina.

Com relação a estes jovens que vivem com seus pais, investigou-se algumas características da relação pais/filhos, e a tabela 7.15 demonstra que, os jovens de ambos os grupos julgam que suas mães e seus pais se importam com eles. Desta forma, os percentuais encontrados para o item "Mãe se importa" são de 95,2% para o grupo feminino e 95,1% para o masculino enquanto que, os percentuais para "Pai se importa" são de 72,0% para as mulheres e 77,1% para os homens.

É digna de nota a diferença encontrada em ambas as amostras, com relação à visão que o jovem tem sobre esta característica, chegando a atingir uma diferença de 23 pontos percentuais para o sexo feminino e 18 pontos percentuais para o masculino entre pais e mães.

A faixa etária não exerce influência importante frente a estas opiniões.

Ao se questionar se o jovem tem a liberdade que gostaria em casa, observa-se que os percentuais para ambos os sexos, são elevados (71,8 % para o grupo feminino e 83,4% para o masculino). É importante ressaltar que os homens tem uma sensação de liberdade em suas casas maior do que as mulheres, perfazendo uma diferença de aproximadamente 12 pontos percentuais entre os sexos.

Nota-se ainda, que a idade interfere de forma importante apenas para o grupo feminino, estabelecendo uma clara correlação positiva com a variável investigada.

Quanto ao grau de exigência que o jovem julga que os pais têm com relação a eles, de uma forma geral, os percentuais entre os pais e as mães são bastante semelhantes entre si, para ambos os sexos. Sendo assim, os percentuais para "Mãe exigente" são de 40,4% para as mulheres e 33,7 % para os homens; enquanto que os percentuais para o item "Pai exigente" são de 37,0% para o sexo feminino e 28,0% para o masculino. Há que se notar a acentuada correlação negativa estabelecida com a variável investigada e a faixa etária, para ambos os grupos.

A tabela 7.15 revela ainda que, os percentuais para os jovens que brigam muito com seus pais, não são elevados. Nota-se porém, um percentual global de 18,5% de jovens do sexo feminino que referem fortes atritos com suas mães, fato que não ocorre com os jovens do sexo masculino.

A faixa etária não exerce influência sobre esta variável.

7.7- Concepções frente aos papéis Masculino/Feminino

Neste módulo, tenta-se entender os valores atuais que norteiam o comportamento dos jovens com relação aos papéis característicos de cada sexo. Para avaliar este tema, foram efetuadas frases que serviram de estímulo para obtenção destas respostas. Aqui também foram considerados somente os jovens que responderam afirmativamente a estas assertivas.

Passamos a seguir a analisar nas tabelas 7.16 e 7.17, cada afirmativa sob o ponto de vista da escolaridade e do nível sócio-econômico dos jovens.

Diante da assertiva "Os homens entendem mais de sexo do que as mulheres", nota-se de uma forma geral, que há uma diferença importante entre as amostras, estando os percentuais em 48,3% para as mulheres e 38,9%

para os homens, demonstrando que as mulheres realmente acham que os homens entendem mais de sexo do que elas.

Ao se considerar a escolaridade e o nível sócio-econômico, nota-se que há uma correlação negativa com esta afirmação de tal forma que, a diferença entre o menor e o maior nível de escolaridade, bem como a diferença entre a classe econômica menos favorecida e a mais privilegiada é de 58 e 60 pontos percentuais respectivamente para a amostra feminina e para a masculina é de 25 e 42 pontos percentuais respectivamente.

Outro fator a destacar é que, para os jovens com níveis de escolaridade e condição sócio-econômicas mais baixos, a diferença percentual entre as amostras é marcante, enquanto que para os jovens com escolaridade e nível sócio-econômico mais elevados, esta diferença é praticamente inexistente refletindo que as classes menos favorecidas sob estes dois aspectos, estabelecem maior diferença entre padrões de comportamento masculino e feminino.

Quanto a afirmação " O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual", nota-se que de maneira geral, a grande maioria dos jovens concorda com esta afirmação porém, o percentual feminino é menor que o masculino (72,0% e 82,0% respectivamente), deixando claro que o nível de exigência do jovem para consigo mesmo com relação ao desempenho sexual, é mais acentuado do que para as mulheres . É comum a ambas as amostras, o fato de que novamente os jovens com escolaridade e nível sócio-econômico menos favorecidos apresentam posturas mais exigentes e que perpetuam comportamentos considerados mais " machistas " .

Por outro lado, ao se fazer a afirmação "A mulher deve chegar virgem ao casamento", são encontrados percentuais globais semelhantes e elevados para ambas as amostras (41,0% para mulheres e 47,1% para homens). Ao se considerar a escolaridade e o nível sócio-econômico nota-se que ocorre uma correlação negativa e mais uma vez, os maiores percentuais ficam para os jovens de menor escolaridade e nível sócio-econômico de monstrando que, estas classes são mais conservadoras com relação aos valores vigentes. Ao se comparar os percentuais desta afirmação com os resultados encontrados frente a assertiva anterior fica evidente a diferença de padrões estabelecidos para homens e mulheres.

Percentuais similares entre as amostras são encontrados diante da frase "Os homens necessitam ter mais relações sexuais do que as mulheres" (66,4% para mulheres e 63,3% para homens). Um fator que pode explicar estes altos percentuais, é o fato de que este é um conceito culturalmente bastante arraigado, daí a dificuldade em se diferenciar até que ponto, quando o jovem responde afirmativamente a esta frase significa falta de conhecimento sobre o assunto, ou a manutenção de uma atitude mais liberal com relação ao comportamento sexual masculino.

O índice de respostas afirmativas a esta assertiva tende a diminuir acentuadamente, apesar de manter-se ainda elevado, entre os jovens com maior grau de escolaridade e pertencentes à classe sócio-econômica alta.

É interessante que, para a afirmação "A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de se casar" os percentuais são baixos, se comparados àqueles obtidos nas afirmativas anteriores e equitativos entre as amostras, deixando claro mais uma vez o duplo padrão de comportamento para homens e mulheres.

É digno de nota observar que conforme aumentam o grau de escolaridade e o nível sócio-econômico do jovem, elevam-se também os percentuais, o que corrobora as conclusões frente às outras assertivas de que as classes mais diferenciadas sob o ponto de vista educacional e sócio-econômico apresentam atitudes mais liberais quanto aos papéis masculino/feminino.

Dando prosseguimento a este tema, foram citadas algumas características e solicitado ao jovem que avaliasse cada uma delas segundo se descreviam melhor o homem, a mulher, os dois ou nenhum dos dois sexos.

Como demonstra a tabela 7.18, ambas as amostras consideram que "Ser carinhoso (a)" caracteriza melhor os dois sexos, atingindo o percentual de 90% tanto para homens quanto para mulheres.

"Ter competência profissional", também é uma característica atribuída a ambos os sexos, pela maioria dos jovens porém, apresenta uma diferença percentual estatisticamente significativa entre homens e mulheres (70,5% e 81,7% respectivamente). Observa-se que 26,9% dos jovens da amostra masculina atribuem esta característica somente para o homem enquanto que para a amostra feminina este percentual é de 13,9%. Conclui-se portanto que o homem é mais preconceituoso quanto a atuação da mulher no campo profissional.

O controle das emoções, é referido pela maioria dos jovens de ambas as amostras, como uma característica que deve estar presente em ambos os sexos, com percentuais de 74,1% para a amostra feminina e 73,6% para a amostra masculina. Há que se notar ainda neste item, que uma vertente de 15,4% da amostra feminina, considera que esta característica deve estar presente apenas para as mulheres. Já para a amostra masculina 11,7% deles, considera que saber controlar as emoções é uma característica fundamentalmente masculina e 12,5% que é uma característica somente feminina.

A maioria dos jovens também atribui a ambos os sexos, a característica de "Ser independente" porém, o maior percentual é encontrado para a amostra feminina (72,4%) e o menor para a amostra masculina (64,3%).

Ao se comparar os percentuais femininos e masculinos, daqueles que consideram que esta característica cabe somente ao homem, há uma diferença importante nos índices ficando em 10,3% para a amostra feminina e 21,9% para a masculina. Por outro lado, os percentuais encontrados para aqueles que acreditam ser esta, uma característica essencialmente feminina, na amostra de mulheres este percentual é maior do que os da amostra de homens (9,4% e 3,3% respectivamente).

Isto deixa claro, que uma fatia da população masculina entrevistada guarda ainda, certas reservas quanto a independência feminina.

É digno de nota o percentual de 9,5% da amostra masculina, citar que tal característica não cabe a nenhum dos sexos.

A característica de "Ser vaidoso (a)" é também atribuída a ambos os sexos, com percentuais elevados de 67,9% para a amostra feminina e 60,8% para a masculina. Percentuais acima de 22% para ambas as amostras são encontrados entre os jovens que consideram ser esta característica, um atributo exclusivamente feminino.

Cabe ressaltar que "Ser vaidoso (a)" é característica indesejável para ambos os sexos por 9,1% da amostra masculina.

Percentuais de 55,4% para a amostra feminina e 52,8% para a masculina, atribuem a característica de "ser sensível", para ambos os sexos. Entretanto, fica também evidenciado que um percentual elevado de jovens acham que esta característica é mais própria das mulheres (39,6% para a amostra feminina e 37,2% para a amostra masculina).

A "força física" é uma característica que atinge os maiores percentuais para ambas as amostras, entre os jovens que consideram ser este atributo, preponderantemente masculino (49,6% para a amostra de mulheres e 63,2% para a de homens). Há que se notar, a diferença entre os percentuais femininos e masculinos. Nota-se que as mulheres atribuem mais esta característica a ambos os sexos do que os homens (43,7% e 32,5% respectivamente).

Por outro lado, "Ter habilidade para tarefas domésticas" atinge altos percentuais para ambas as amostras que consideram ser esta uma característica somente feminina (56,7% para a amostra feminina e 54,9% para a amostra masculina). Percentuais elevados são ainda encontrados para aqueles jovens que atribuem esta característica a ambos os sexos (42,5% para a amostra de mulheres e 41,2% para a de homens), demonstrando que pode estar havendo uma mudança frente aos valores mais tradicionais, onde esta habilidade era considerada fundamentalmente feminina.

Para a característica "Ser dominado (a)", os percentuais em ambas as amostras, se distribuem tal como segue: 38,7% das mulheres e 31,2% dos homens acham que tal característica pode ser atribuída a ambos os sexos, enquanto que 35,8% das mulheres e 36,1% dos homens, consideram que a

ninguém cabe esta característica. É interessante notar, que percentuais elevados aparecem para ambas as amostras de jovens, que julgam que "Ser dominado (a)" caracteriza melhor somente a mulher (15,6% para a amostra feminina e 23,5% para a masculina).

De uma maneira geral, esta tabela aprimora um pouco mais, a noção que se tem sobre aquilo que o jovem encara como padrões de comportamento feminino/masculino, e conclui-se que aquelas características que denotam mais fragilidade, ainda são atributos esperados da condição feminina, enquanto que, características que expressam maior atuação e autonomia, ainda representam melhor a condição masculina.

De acordo com a tabela anterior nota-se que os percentuais mais elevados são obtidos pelo contingente de jovens das duas amostras, que referem que cada um dos itens apresentados caracteriza melhor a ambos os sexos. Desta forma, a tabela 7.19 analisa este contingente segundo o nível de escolaridade, e diante de percentuais mais rebaixados, também serão citadas onde recaem as demais escolhas feitas pelo jovem. A característica "Ser carinhoso (a)" permanece com percentuais elevados e semelhantes para todos os níveis de escolaridade em ambas as amostras.

Entretanto, para a característica "Ter competência profissional" nota-se que em ambas as amostras, os jovens com menor escolaridade apresentam percentuais mais baixos (67,7% para mulheres e 59,7% para homens), se comparados com os jovens de escolaridade maior. Em dados não constantes da tabela sabe-se que estes baixos percentuais ocorrem porque no caso da amostra feminina com menor escolaridade, 10,8% atribuem esta característica exclusivamente à mulher e 13,8% que cabe exclusivamente ao homem. No caso da amostra masculina 35,5% consideram ser esta uma característica essencialmente masculina.

Os percentuais para a característica "Saber controlar suas emoções", sofrem uma influência mais acentuada do nível de escolaridade apenas para a amostra masculina, onde os percentuais apresentam-se sob a forma de uma correlação positiva com esta variável. Dados não revelados em tabela demonstram que, os jovens com grau de escolaridade mais baixo, também atribuem esta característica como sendo prerrogativa fundamentalmente feminina (19,4%).

O grau de escolaridade influi na característica "Ser independente", em ambas as amostras de tal forma que, novamente os jovens com menos escolaridade apresentam percentuais mais baixos. Este fato se justifica uma vez que, dados não constantes de tabela revelam que, para a amostra feminina com menor escolaridade, há uma vertente de 16,9% que acreditam ser esta característica exclusiva da mulher e 32,3% da amostra masculina que atribuem tal característica somente para o homem.

Para a característica, "Ser vaidoso (a)" os percentuais mantêm uma correlação positiva com o nível de escolaridade, em ambas as amostras. Dos jovens com menor escolaridade, dados não constantes em tabela demonstram que um contingente de 23,1% da amostra feminina e 19,4% da amostra masculina, são de opinião que esta característica cabe exclusivamente às mulheres.

O atributo "Sensibilidade" sofre uma leve influência da escolaridade e mantém a mesma peculiaridade dos itens analisados anteriormente ou seja, os jovens de ambas as amostras com menor escolaridade também diversificam suas opiniões e em dados não revelados na tabela, 27,7% das mulheres e 27,4% dos homens dizem que "Ser sensível" caracteriza melhor somente a mulher.

Para o item "Ser forte fisicamente", os percentuais da amostra feminina mantêm uma clara correlação negativa com o nível de escolaridade até o 2º grau incompleto, voltando a subir para os jovens com 2º grau completo ou universidade. Em dados não incluídos na tabela sabe-se que, as jovens com 2º grau completo ou universidade em sua maioria (54,8%), consideram que esta característica descreve melhor, somente o homem. Já para a amostra masculina, o menor percentual ocorre entre aqueles que tem o 2º grau incompleto porém, sabe-se que em dados também não revelados, 69,5% destes jovens atribuem esta característica exclusivamente ao homem.

A escolaridade influi de forma importante sobre a opinião de que ambos os sexos devem ter "Habilidade para tarefas domésticas". Os menores percentuais são identificados entre os jovens com 1º grau nível II incompleto em ambas as amostras.

O maior contingente destes jovens refere ser esta uma atribuição exclusiva da mulher (67,1% para a amostra feminina e 61,8% para a amostra masculina), tal como revelam dados não constantes de tabela.

Para a característica "Ser dominado (a)" os percentuais para quem refere que este item é uma atribuição de ambos os sexos são baixos nas amostras consideradas e em todos os níveis de escolaridade. Em dados não incluídos em tabela, nota-se que os jovens de ambas as amostras com menor nível de escolaridade, atribuem esta característica somente às mulheres (16,9% para a amostra feminina e 43,6% para a masculina) enquanto que entre os jovens com maior escolaridade esta é uma característica não aceita para nenhum sexo (40,6% para a amostra de mulheres e 52,0% para a de homens).

Conclui-se portanto que, os jovens com menor escolaridade tendem a manter valores mais conservadores frente aos padrões de comportamento tradicionalmente pré-estabelecidos para homens e mulheres.

CAPÍTULO VIII

CONHECIMENTO E ATITUDES DO JOVEM FRENTE A AIDS

Este módulo foi inserido no contexto deste estudo, no sentido de se obterem dados representativos sobre o quanto os jovens detêm de informações adequadas a respeito desta doença, para que programas de informação e prevenção mais efetivos, possam ser elaborados a partir destes dados.

Inicialmente, podemos ressaltar que a grande maioria dos jovens de ambas as amostras, acreditam que a AIDS realmente existe já que 98,6 % das mulheres e 98,9% dos homens, respondem afirmativamente a esta pergunta. Há ainda um percentual de 1,4% das mulheres e 1,1% dos homens que, ou não sabem se a doença realmente existe ou afirmam que ela não existe. A razão alegada por aqueles que referem não acreditar na existência da doença é que, foi uma "doença inventada para coibir o exercício desenfreado da sexualidade", tal como demonstram dados não constantes da tabela.

Quando questionados se consideram que uma pessoa pode estar contaminada pelo vírus da AIDS e não apresentar sintomas, a tabela 8.1 revela a porcentagem de respostas afirmativas e negativas dadas pelos jovens. De forma geral, nota-se que não há diferença significativa entre os sexos, quanto aos índices dos que respondem afirmativamente ficando em 79,8% para as mulheres e 84,4% para os homens. Também nas distribuições etárias consideradas, as diferenças percentuais não são dignas de nota.

Com relação aos jovens que acreditam que uma pessoa não pode estar contaminada com este vírus sem apresentar sintomas, os percentuais globais são elevados e similares em ambas as amostras (14,4% para mulheres e 12,1% para homens). Se forem acrescidos a estes percentuais, os índices encontrados entre aqueles jovens que não sabem emitir opinião sobre este tema, nota-se que os percentuais atingem níveis assustadores já que ficamos com 20,1% para as mulheres e 15,6% para os homens. Neste contexto, ao se considerar a faixa etária, nota-se que esta resposta mantém uma correlação negativa com a idade para ambos os sexos.

Ao se estabelecer porém, uma comparação com os mesmos dados obtidos na Cidade de Salvador, é digna de nota a diferença percentual apresentada com relação aos resultados obtidos na Cidade de São Paulo, para os jovens que respondem que uma pessoa pode estar contaminada com o ví

rus e não apresentar sintomas já que, os percentuais encontrados em Salvador são de 68,0% para mulheres e 75,2% para homens.

Conclui-se portanto, que os jovens paulistas possuem um conhecimento maior quanto ao fato de uma pessoa poder estar contaminada com o vírus da AIDS e não apresentar sintomas.

Considerando-se a escolaridade dos jovens, a tabela 8.2 demonstra que esta, influi de forma importante aumentando o conhecimento de que a pessoa pode ser portadora do vírus da AIDS e não apresentar sintomas, conforme aumenta a escolaridade. Para ambos os sexos, a diferença entre o menor e o maior grau de escolaridade, é de aproximadamente 19 pontos percentuais.

Já entre os jovens que não acreditam que uma pessoa pode estar contaminada com o vírus sem apresentar sintomas, observa-se uma correlação negativa com o grau de escolaridade, para ambos os sexos. Vale ressaltar que para os jovens com o 1º grau incompleto, este percentual chega a 20,3% para as mulheres e 15,5% para os homens.

Investigou-se ainda, o fato de o jovem saber ou não se existe cura para a AIDS.

Como esperado, a tabela 8.3 revela que de uma forma geral, a grande maioria dos jovens sabe que esta cura não existe (89,9% para mulheres e 92,2% para homens). Há porém, um percentual importante de jovens, que ainda acredita que existe cura para esta doença (6,2% para a amostra feminina e 5,5% para a amostra masculina). Este quadro é agravado ainda, pelos percentuais de 3,9% e 2,3% de mulheres e homens respectivamente, que não sabem se existe ou não, cura para a AIDS.

Dentre estes jovens que acreditam existir cura para esta doença, dados não incluídos em tabelas demonstram que o grupo feminino acredita que "Remédios" (28,0%); "Deus" (16,0%) e "Vacinas" com um percentual de 12,0%, podem curar a AIDS. Ocorre ainda um percentual de 14,0% de jovens que citam "outras" fontes de cura e 26,0% que apesar de acreditarem na cura, não sabem dizer o agente desta cura. Quanto ao grupo masculino, a grande maioria deles "não sabe" porque meios se daria esta cura (63,4%). Por outro lado, percentuais igualitários de 9,8% aparecem para aqueles que citam "Vacinas"; "Deus" e "outros" agentes; 7,3% consideram que a cura se dá por meio de "Remédios".

Ainda na tabela 8.3, nota-se que os percentuais para aqueles jovens que não acreditam que uma pessoa pode estar contaminada com o vírus da AIDS sem apresentar sintomas, 16,4% da amostra feminina e 7,7% da amostra masculina, acreditam que existe cura para a AIDS. Neste contexto, é importante ressaltar a diferença percentual entre as amostras.

É digno de nota os percentuais elevados verificados em ambas as amostras, para os jovens que demonstram total desconhecimento sobre a ação do vírus da AIDS, bem como o fato de que uma vez instalada, esta doença é fatal devido a não descoberta de sua cura (19,6% para mulheres e 15,4% para os homens).

Bastos e cols. 1989, na Cidade de Salvador encontraram resultados diferentes entre os jovens baianos que acreditam que uma pessoa não pode estar contaminada pelo vírus da AIDS sem apresentar sintomas e também acreditam na cura da doença, os percentuais foram muito inferiores (3,1% para a amostra feminina e 3,7% para a amostra masculina), se comparados aos resultados obtidos pelos jovens paulistas.

Logo, os jovens baianos demonstram ter um menor grau de informação errônea a este respeito, do que os paulistas.

No sentido de investigar o conhecimento dos jovens com relação às formas de contaminação da doença, os itens citados na tabela 8.4 foram usados como estímulo para medir este conhecimento. Para efeito de clareza e objetividade na mensuração dos dados, são usados somente os percentuais de respostas afirmativas.

Observa-se portanto, que os itens "Relações Sexuais"; "Transfusão de Sangue" e "Injeções", atingem índices percentuais maiores que 90% para ambos os sexos, e não há diferença entre as faixas etárias consideradas. Cabe ressaltar que o item "Doando Sangue", atinge percentuais bastante significativos (86,3% para mulheres e 86,5% para homens), o que pode significar uma confusão por parte dos jovens, quanto aos conceitos de doar e receber sangue.

Apesar de as formas corretas de transmissão da AIDS terem atingido altos percentuais, nota-se que existe muita desinformação sobre as formas de contaminação, já que respostas afirmativas também são encontradas para os itens "Picada de Mosquito"; "Usar banheiro de pessoas infectadas"; "Usar talheres de pessoas infectadas"; "Beijando" e "Respirar o ar de pessoas infectadas", cujos índices percentuais ficam entre 21 e 40% para as mulheres e entre 17 e 36% para os homens. O item "Apertando a mão", aparece com percentuais abaixo de 3,9% em ambos os sexos, fator que possivelmente indica uma parcela de jovens que diriam "Sim", a qualquer item apresentado.

Outro item a destacar é a "Amamentação pela mãe com AIDS", onde os percentuais são elevados e atingem 78,5% para as mulheres e 75,8% para os homens.

Observa-se também que ao se considerar a faixa etária dos jovens, esta não afeta os percentuais de uma forma importante, em nenhum dos itens investigados nesta tabela.

Com relação ao nível de escolaridade, nota-se na tabela 8.5 que, para os conceitos até então difundidos com maior ênfase pela comunidade científica quanto às formas de transmissão da AIDS (Injeções, Relações Sexuais, Transfusão de Sangue e Amamentação pela mãe com AIDS), os percentuais em ambos os sexos não são influenciados pela escolaridade do jovem. Porém, para as demais formas de contaminação citadas, a escolaridade mantém uma correlação negativa acentuada com o grau de conhecimento sobre este assunto.

Para o item "Beijando", o grau de escolaridade influencia ligeiramente apenas para a amostra masculina, estabelecendo uma diferença de aproximadamente 9 pontos percentuais entre o nível mais alto e o mais baixo de escolaridade.

Ainda com o intuito de caracterizar o conhecimento e as opiniões do jovem frente a esta doença, foram citadas durante a entrevista um grupo pré-estabelecido de pessoas e solicitado aos jovens que atribuíssem os conceitos de: Nenhum; Pouco ou Muito Risco em pegar AIDS. Para efeito de clareza na análise são considerados na tabela 8.6, apenas os percentuais obtidos para o conceito de "ALTO RISCO".

Assim, para os jovens a maioria das pessoas relacionadas nesta tabela, tem um "Alto Risco" de contrair AIDS, sendo que os índices globais ultrapassam 80% tanto na opinião dos homens como na opinião das mulheres.

É interessante observar que os jovens de ambas as amostras avaliam os homens e mulheres solteiros com vida sexual como tendo um "Alto Risco" em contrair a AIDS, com percentuais semelhantes aos encontrados para aquelas pessoas consideradas usualmente como fazendo parte do grupo de risco (homossexuais, prostitutas, etc).

Ao emitir o conceito de "Alto Risco" para os itens homem e mulher casados, os jovens fazem uma diferenciação entre os sexos, de tal forma que os percentuais para "homem casado" atingem índices de 35,4% para a amostra feminina e 24,3% para a masculina enquanto que, para "mulher casada", os percentuais são bem menores ficando em 19,8% para a amostra feminina e 8,4% para a masculina. Esta diferença percentual en

contrada entre os dois itens (homem casado e mulher casada) pode revelar que a infidelidade conjugal masculina é encarada com mais naturalidade para ambas as amostras.

Ao se considerar porém a diferença percentual que ocorre tanto para "homem casado" como "mulher casada" entre as amostras, nota-se que os índices femininos são acentuadamente maiores do que os masculinos demonstrando que, as jovens acreditam mais na ocorrência de infidelidade dentro do relacionamento conjugal.

Para o item "crianças" são obtidos percentuais insignificantes, se comparados aos demais itens (6,3% para as mulheres e 4,6% para os homens).

Observa-se que a faixa etária não influencia nos percentuais encontrados.

Já com relação ao nível de escolaridade a tabela 8.7 demonstra que para as pessoas que reconhecidamente fazem parte do grupo de risco (Prostitutas, Homem homossexual, Homem bissexual e Viciados em drogas injetáveis), a escolaridade não exerce influência. Cabe ressaltar que para o item "homem solteiro com vida sexual", os percentuais de "Alto Risco" permanecem elevados para todos os níveis de escolaridade, em ambas as amostras. Por outro lado, para "mulher solteira com vida sexual" na amostra masculina, a escolaridade mantém uma leve correlação positiva com este item, até o 2º grau incompleto quando então diminui aproximadamente 9 pontos percentuais para os jovens com 2º grau completo ou universidade. Já para a amostra feminina, ocorre uma diferença percentual entre aquelas com o menor e o maior grau de escolaridade (84,6% e 75,5% respectivamente).

Para o item "mulher bissexual" a escolaridade exerce influência, somente para a amostra feminina de tal forma os percentuais mais elevados aparecem para as jovens com 2º grau incompleto ou mais.

Quanto ao item "mulher homossexual" há semelhança percentual entre as amostras e nota-se que a escolaridade influencia levemente nos percentuais já que os maiores índices são encontrados entre os jovens com 1º grau nível II incompleto (87,5% para as mulheres e 84,3% para os homens), enquanto que os menores índices são encontrados para os jovens com 2º grau completo ou universidade (75,5% para as mulheres e 76,4% para os homens).

Uma correlação acentuadamente negativa é encontrada entre a escolaridade e respostas afirmativas para os itens; "homem casado" e "mulher casada" em ambas as amostras, porém novamente os percentuais masculinos são menores que os femininos, corroborando o fato de que a mulher acredita mais na infidelidade conjugal.

A escolaridade exerce influência apenas na amostra feminina para o item "crianças" sendo que o percentual para as jovens com 1º grau ní-

vel I incompleto é de 12,3% enquanto que para as jovens com 2º grau completo ou universidade o índice é de 3,2%.

A tabela 8.8 revela dados interessantes com relação ao risco de contrair AIDS que os jovens solteiros sexualmente ativos (tiveram relações sexuais nos últimos 30 dias anteriores à realização da entrevista), atribuem a si mesmos e à população de jovens solteiros com vida sexual em geral.

Observa-se que na opinião dos jovens entrevistados, todos os outros jovens sexualmente ativos têm algum risco de contrair a doença já que os percentuais encontrados para eles frente ao conceito "nenhum risco" é 0,0% para ambos os sexos porém, para eles mesmos os índices encontrados para o conceito "nenhum risco" é de 71,6% para o grupo feminino e 56,9% para o masculino.

Talvez esta diferença entre os sexos possa ser atribuída ao fato de ser mais difundido o conceito de que a incidência desta doença recai mais para a população masculina. Ainda outra situação que pode justificar esta diferença é o fato de que, das jovens sexualmente ativas, nenhuma declara ter mais de um parceiro sexual, ao contrário dos homens entrevistados onde 13,7% deles declaram ter mais de uma parceira sexual, como demonstra a tabela 5.16 no Capítulo V.

Nota-se que para o conceito "pouco risco" o grupo feminino apresenta percentuais semelhantes tanto na avaliação das jovens sexualmente ativas em geral quanto para si mesmas (27,2% e 24,7% respectivamente).

Conclui-se portanto que as jovens entrevistadas julgam ter menos riscos de contrair a AIDS do que a população de jovens também sexualmente ativas, pois enquanto o percentual mais elevado para as jovens entrevistadas está situado no conceito "nenhum risco" (71,6%), o percentual para as jovens sexualmente ativas da população geral atinge seus mais altos percentuais diante do conceito "muito risco" (71,6%).

Com relação ao grupo masculino, para o conceito "pouco risco" há uma diferença acentuada de 26 pontos percentuais entre a avaliação que é feita pelos jovens entrevistados para si mesmos (39,1%), e a avaliação feita para a população de jovens sexualmente ativos em geral (13,2%).

Da mesma forma que ocorre para o grupo feminino, o maior percentual encontrado para a população de jovens sexualmente ativos, ocorre para o conceito "muito risco" (85,3%), enquanto que a maior incidência percentual para eles mesmos ocorre para o conceito "nenhum

risco" (56,9%). Tal paralelo nos leva a refletir sobre a gravidade que representa este posicionamento dos jovens ao considerarem-se praticamente imunes a esta doença.

Nesta fase do desenvolvimento, tal posicionamento é até esperado já que como refere Aberastury- 1976, o adolescente está construindo sua identidade na busca de seus próprios valores, o que dificulta uma reflexão sobre temas que remetam aos seus limites como ser humano, daí atribuírem um risco considerável de contrair a doença, somente para os outros.

Portanto, ao se pensar numa campanha preventiva dedicada a esta faixa etária deve-se levar em consideração, o posicionamento dos jovens ao se depararem com situações de extremo risco.

Investigou-se junto aos jovens casados ou unidos da população entrevistada, seu risco individual em contrair AIDS e o risco que atribui aos jovens casados da população geral.

A tabela 8.9 portanto, demonstra que a grande maioria dos jovens de ambos os sexos atribui o conceito de "pouco risco" para os jovens casados da população geral (61,7% para as mulheres e 63,9% para os homens), enquanto que para eles mesmos, o conceito atribuído pela maioria dos jovens é "nenhum risco" (82,8% para as mulheres e 83,6% para os homens).

A tabela demonstra ainda, que as entrevistadas casadas ou unidas, ao avaliarem as jovens casadas da população geral atribuem "nenhum risco" a 16,7% delas. Entretanto, em dados não constantes de tabela, sabe-se que os entrevistados casados ou unidos do grupo masculino atribuem este conceito a 27,9% das mulheres casadas da população geral.

Ainda em dados não constantes de tabela, as jovens casadas ou unidas atribuem o conceito de "nenhum risco" a 13,3% dos homens casados da população geral enquanto que os jovens casados ou unidos entrevistados, atribuem este conceito a 18,0% deles.

Ao se questionar para aqueles jovens que acreditam que se pode contrair a AIDS através de relações sexuais, sobre que medidas poderiam ser adotadas para diminuir o risco de contrair a doença sem no entanto, deixar de ter relações sexuais, a tabela 8.10 demonstra que a grande maioria dos jovens acredita que se deve "usar camisinha" (76,4% para as mulheres e 78,7% para os homens).

Um percentual de 12,8% das mulheres, não sabem que medida se pode adotar para diminuir o risco de contrair a AIDS, sem deixar de manter relações sexuais e para os homens "não transar com muita gente" é a segunda opinião mais emitida com um percentual de 7,6%.

Nota-se que para a resposta "usar camisinha", o grau de escolaridade não determina grandes variações percentuais a partir do 1º grau nível II incompleto para ambos os sexos. Os percentuais mais baixos para esta resposta, incidem entre os jovens com 1º grau nível I incompleto (63,5% para o sexo feminino e 53,3% para o masculino).

Entre os jovens do grupo masculino, observa-se que para a resposta "não transar com muita gente" percentuais igualitários são encontrados entre os jovens com 1º grau nível I incompleto e aqueles jovens com 2º grau completo ou universidade (10,0% e 10,7% respectivamente).

A escolaridade influencia nos índices para os jovens que referem não saber que medidas adotar para diminuir o risco de contrair a AIDS, sem deixar de ter relações sexuais, de tal forma a estabelecer uma acentuada correlação negativa principalmente para o sexo masculino.

Dados não constantes de tabela revelam que, dos jovens sexualmente ativos (tiveram relações sexuais nos últimos 30 dias anteriores à realização da entrevista), que usaram método anticonceptivo na última relação sexual, 82% dos homens e 81% das mulheres referem que para se diminuir o risco de contrair a AIDS sem deixar de ter relações sexuais, deve-se "usar camisinha" porém, ao serem questionados quanto ao método usado na última relação sexual 45% dos homens e somente 13% das mulheres, efetivamente usaram o condom.

Ainda em dados não revelados, estes jovens sexualmente ativos, ao serem questionados sobre seu risco em contrair AIDS, 54,2% dos homens e 69,0% das mulheres referem que não tem "nenhum risco" de contrair a doença. Verificou-se então qual o método anticonceptivo usado na última relação sexual, por estes jovens e constatou-se que 61,5% dos homens e 85,0% das mulheres, não usaram condom o que pode indicar, que a maior preocupação do jovem por ocasião da última relação sexual, não tenha sido a prevenção da AIDS e sim evitar a gravidez. Para os demais 15,0% de mulheres e 38,5% dos homens que usaram condom na última relação sexual e referem não ter "nenhum risco" de contrair a doença, provavelmente se sentem totalmente imunes do contágio, devido ao uso do condom.

Perguntou-se ainda aos jovens que não referiram o uso do condom para diminuir o risco de contrair a AIDS (mais ou menos 22% da amostra de cada sexo) sem deixar de ter relações sexuais, se para evitar a AIDS deve-se usar condom somente quando se tem relação sexual anal, e a tabela 8.11 demonstra de uma forma geral que 19,8% do grupo feminino e 18,4% do grupo masculino, pensam que sim. Este fato é agravado se forem acrescidos a estes percentuais o índice de 19,2% para o grupo feminino e 10,1% para o masculino, de jovens que referem não saber se para evitar a AIDS deve-se usar condom somente quando se mantém relações sexuais anais, tal como revelam dados não constantes de tabela.

Ao se considerar a escolaridade, as jovens do grupo feminino que tem até o 1º grau nível II incompleto demonstram um maior desconhecimento sobre o assunto, já que o percentual encontrado é de 28,4%, valor este acentuadamente elevado se comparado com os demais níveis de escolaridade (9,4% para cada nível).

Porém, ao se estabelecer um paralelo entre este valor e aquele encontrado para o mesmo nível de escolaridade para o grupo masculino, nota-se que o grau de conhecimento dos homens é maior em 10 pontos percentuais, já que o índice encontrado é de 18,4%.

Para o grupo masculino, percentuais elevados e semelhantes são encontrados para aqueles com até o 2º grau incompleto.

O fato de que o percentual para os jovens do grupo masculino com 2º grau incompleto seja 21,0%, demonstra um grau de desconhecimento e/ou conceito errôneo maior por parte deles uma vez que, para as mulheres com este mesmo nível de escolaridade, o índice encontrado é substancialmente mais baixo (9,4%) embora esta diferença não seja estatisticamente significativa devido ao pequeno número de casos porém, a mesma, é sugestiva de uma diferença entre os sexos.

Questionou-se ao jovem solteiro ou não unido com experiência sexual, se a partir do momento que ouviu falar sobre a AIDS, passou a adotar alguma medida para diminuir o risco de contrair a doença e, dados não constantes em tabela revelam que 29,0% das mulheres e 76,6% dos homens com experiência sexual, referem estar adotando alguma medida demonstrando mais uma vez que o grau de preocupação é mais acentuado no grupo masculino.

A tabela 8.12 demonstra as medidas mais comumente adotadas pelos jovens solteiros ou não unidos com experiência sexual, segundo sua faixa etária.

Nota-se que a grande maioria dos jovens está em termos gerais, mais preocupada com a contaminação via relacionamento sexual já que, 57,1% das respostas femininas e 94,4% das respostas masculinas referem-se às medidas para evitar este tipo de contágio.

É interessante notar que para as jovens do sexo feminino, há uma vertente de 42,8% que estão preocupadas com outros tipos de contágio, enquanto que para os jovens do sexo masculino este percentual é de apenas 5,6% demonstrando a diferença marcante entre a visão feminina e masculina sobre a AIDS.

A medida preventiva mais citada pelos jovens de ambos os sexos refere-se a "Ter somente um parceiro/não transar com muita gente". Observa-se que esta medida, mantém uma relação positiva com a idade em ambos os sexos sendo porém mais acentuada para as jovens

do sexo feminino.

A segunda medida preventiva mais citada também para ambos os sexos, é a combinação do "Uso do condom com a diminuição do número de parceiros", onde se observa uma relação negativa com a idade para o grupo feminino e percentuais igualitários para as faixas etárias consideradas, no grupo masculino.

Percentuais ainda elevados e igualitários entre os grupos etários aparecem no sexo feminino para a medida "Usar somente agulhas descartáveis/preocupar-se mais com a higiene" enquanto que no grupo masculino, a tabela revela percentuais abaixo de 1% para esta medida.

É encontrado um percentual geral de 19,0% para as jovens do grupo feminino que citam "outras" medidas que elas referem adotar para evitar o risco de contrair a AIDS. Entre estas medidas citadas estão: "Está em abstinência sexual"; "Procura saber mais sobre a doença"; "Informa o parceiro sobre o risco da AIDS"; "Evita acidentes para não precisar de sangue" e "Deixou de ir à manicure". Não há uma diferença marcante nos percentuais entre as faixas etárias consideradas.

Para os jovens do grupo masculino que citam "outras" medidas para evitar a AIDS, referem estar adotando a "Abstinência sexual" e o "Uso de comprimidos". O percentual mais elevado e relevante ocorre para os jovens entre 15-19 anos.

Verificando-se a influência da escolaridade destes jovens sobre esta variável, a tabela 8.13 revela que, para a medida citada "Ter somente um parceiro/não transar com muita gente" encontra-se uma correlação positiva com a escolaridade, para o grupo feminino. Em contrapartida, para o grupo masculino a escolaridade não determina nenhuma tendência marcante frente a esta resposta.

Para a medida citada "Usar condom e diminuir o número de parceiros" no grupo feminino, 40,0% das jovens com 2º grau completo ou universidade citam esta medida para diminuir o risco de contrair AIDS, valor mais elevado do que aqueles encontrados para os demais níveis de escolaridade. Já para o sexo masculino, observa-se uma tendência positiva entre a escolaridade e a citação desta medida preventiva.

Para as jovens que citam "Usar somente agulhas descartáveis/preocupar-se mais com a higiene", a escolaridade sugere uma relação negativa frente a esta resposta, chegando a 16,0% para as jovens com 2º grau completo ou universidade, enquanto que para aquelas com até 1º grau nível II incompleto, o índice chega a 27,3%.

Para aqueles jovens solteiros ou não unidos com experiência sexual que alegam não estarem tomando nenhuma medida preventiva para diminuir o risco de contrair a AIDS, sabe-se em dados não constantes de tabela que 39,7% dos homens e 62,6% das mulheres, referem como justificativa o fato de "Só estarem mantendo relações sexuais com uma pessoa". A segunda justificativa mais frequentemente citada por ambos os sexos é "Não tem medo, não vai pegar" com percentuais de 10,1% para as mulheres e 9,6% para os homens.

CAPÍTULO IX

O JOVEM, SEU CONHECIMENTO E OPINIÕES SOBRE MACONHA E DROGAS QUÍMICAS

Este módulo foi introduzido no sentido de, num primeiro momento, obter-se dados concernentes ao conhecimento dos jovens com relação à maconha e drogas químicas (cocaína, heroína, etc). Dados sobre a prevalência de uso de tais drogas não foram investigados, no sentido de preservar a fidedignidade dos outros dados colhidos, já que um questionamento nesta área tem implicações legais e policiais, o que poderia talvez coibir a espontaneidade das respostas.

Observa-se portanto na tabela 9.1, que a grande maioria dos jovens de ambas as amostras, conhecem ou ouviram falar de maconha e/ou drogas químicas. Sendo assim para as mulheres, 99,2% conhecem ou ouviram falar de maconha e 92,5% conhecem ou ouviram falar de drogas químicas. Para a amostra masculina, estes índices são de 99,2% e 98,0% respectivamente.

Com relação a idade nota-se que para a amostra feminina, as jovens entre 15-19 anos de idade apresentam uma diferença de 9,2 pontos percentuais entre o conhecimento de maconha e drogas químicas. Já para as jovens entre 20-24 anos a diferença entre os percentuais não é digno de nota.

Para a amostra masculina, não se observa diferença no grau de conhecimento para ambas as drogas, nas faixas etárias consideradas.

Quanto a escolaridade, ainda na tabela 9.1 observa-se que as jovens da amostra feminina com até 1º grau nível II incompleto conhecem mais a maconha do que drogas químicas, apesar dos altos percentuais encontrados também, para as drogas químicas. Para os demais níveis de escolaridade não ocorrem diferenças marcantes entre os percentuais obtidos, para ambos os tipos de drogas.

Na amostra masculina, a escolaridade não é uma variável que determine incremento no grau de conhecimento para ambos os tipos de drogas.

Com relação ao nível sócio-econômico dos jovens, verifica-se que na amostra feminina, para as jovens dos estratos sociais menos favorecidos são encontradas leves diferenças de no mínimo 7 pontos percentuais entre o conhecimento de maconha e drogas químicas. Para o nível médio alto e alto não ocorrem diferenças entre os percentuais.

Quanto a amostra masculina, novamente o grau de conhecimento, não é afetado pelo nível sócio-econômico dos jovens investigados.

Aos jovens que conhecem ou ouviram falar de maconha, foi perguntado se consideram que fumar esta droga faz mal à saúde (tabela 9.2).

Para o grupo feminino, o índice de respostas afirmativas é de 95,2 % e para o masculino, 91,5% entretanto, este índice decresce consideravelmente quando questionados se o uso dessa droga deve ser considerado crime, onde para as mulheres o percentual é de 63,8% e para os homens é de 64,2%.

Em contrapartida, ao serem questionados se traficar maconha deve ser considerado crime os jovens de uma forma geral, respondem afirmativamente e neste caso, os índices atingem percentuais elevados de 92,4% para o sexo feminino e 92,3% para o masculino.

Nota-se que estas opiniões não são influenciadas pela variável idade.

As mesmas perguntas foram feitas com relação às drogas químicas, para os jovens que conhecem ou ouviram falar sobre elas e ainda na tabela 9.2, a grande maioria destes jovens alega que usar tais drogas (heroína, cocaína, etc) faz mal à saúde (99,1% para as mulheres e 98,8% para os homens). Estes índices sofrem um decréscimo quando é perguntado a estes jovens, se o uso destas drogas deve ser considerado crime já que o percentual para as mulheres é de 80,0% e para os homens é de 81,4%.

É interessante notar que para este item os dados observados para ambos os sexos parecem revelar que o jovem é mais complacente frente ao uso da maconha do que em relação às drogas químicas.

Os percentuais voltam a atingir níveis elevados, quando se considera o item "traficar drogas químicas deve ser considerado crime", em ambos os sexos (94,9% para as mulheres e 95,2% para os homens).

Observa-se que, tal como ocorre com a maconha, as opiniões não sofrem a influência da faixa etária do jovem.

Ao se considerar a escolaridade dos jovens que conhecem ou ouviram falar de maconha, a tabela 9.3 revela que para o item "fumar faz mal à saúde" o nível de escolaridade não altera de forma importante os percentuais, para o grupo feminino. Já para o grupo masculino, observa-se uma ligeira influência da escolaridade de tal forma que, os percentuais diminuem até 7 pontos percentuais somente para os jovens com 1º grau nível I incompleto e aqueles com 2º grau completo ou universidade.

Novamente para o item "fumar deve ser considerado crime", os percentuais decrescem notoriamente com o aumento da escolaridade, para ambos os sexos.

No grupo feminino, índices baixos e igualitários são encontrados para as jovens que tem o 2º grau incompleto ou mais. Para o grupo masculino, o menor percentual encontrado é de 43,1% para os jovens com 2º grau completo ou universidade.

Para o item "traficar maconha deve ser considerado crime", não se observam diferenças significativas nos percentuais entre os diferentes níveis de escolaridade, para ambos os sexos.

Ainda na tabela 9.3, a escolaridade dos jovens que conhecem ou ouviram falar de drogas químicas influencia apenas no item "usar deve ser considerado crime", estabelecendo uma nítida correlação negativa com a escolaridade, para o sexo masculino. Para o sexo feminino os percentuais também apresentam uma acentuada correlação negativa com a escolaridade para as jovens com até 2º grau incompleto (68,5%). Este índice porém volta a aumentar em 10 pontos percentuais para as jovens com 2º grau completo ou universidade.

Para estes mesmos itens, a tabela 9.4 avalia as respostas afirmativas dos jovens, segundo seu nível sócio-econômico.

Para os jovens que conhecem ou ouviram falar de maconha, ao opinarem sobre o item "fumar faz mal à saúde", os percentuais mais baixos ocorrem entre os jovens de ambos os sexos que pertencem à classe alta (85,4% para as mulheres e 82,7% para os homens). O mesmo ocorre para o item "fumar maconha deve ser considerado crime" onde os percentuais encontrados são de 35,4% para as mulheres e 28,6% para os homens da classe alta.

Os dados encontrados podem revelar talvez, uma incidência maior de uso desta droga, nos estratos mais favorecidos do ponto de vista educacional e sócio-econômico, da sociedade.

Com relação aos jovens que conhecem ou ouviram falar de drogas químicas, para o item "usar drogas químicas deve ser considerado crime" o mesmo fenômeno que ocorreu nas tabelas precedentes, ocorre também com relação ao nível sócio-econômico dos jovens ou seja, no grupo feminino percentuais bastante inferiores e igualitários (66,7%) ocorrem para as jovens de classes mais abastadas do ponto de vista sócio-econômico, se comparados com os demais níveis sócio-econômicos. Para o grupo masculino, configura-se uma correlação negativa com esta variável.

Para os demais itens investigados, o nível sócio-econômico não influencia de forma importante os percentuais, para ambos os sexos.

Foi perguntado ainda aos jovens, se eles consideram que a orientação sobre o perigo de usar drogas desperta nas pessoas a curiosidade para usá-las, e a tabela 9.5 revela que, percentuais elevados ocorrem para ambas as amostras (40,6% para a amostra feminina e 44,9% para a masculina).

Ao se considerar a escolaridade e o nível sócio-econômico observa-se na amostra feminina, que as jovens menos inclinadas a considerar que a orientação sobre o perigo de usar drogas desperta nas pessoas a curiosidade para usá-la são aquelas que têm o 2º grau completo ou universidade (27,7%) , e com nível médio alto ou alto do ponto de vista sócio-econômico, com uma média percentual de 32,3% . Para os demais níveis de escolaridade e sócio-econômicos, percentuais acima de 41% são encontrados.

Entretanto, para a amostra masculina um perfil totalmente oposto é encontrado, já que os percentuais mais baixos ocorrem para os jovens com 1º grau nível I incompleto (35,3%), e sob o aspecto sócio-econômico há uma nítida correlação positiva com esta opinião demonstrando desta forma, que os jovens do sexo masculino pertencentes às classes mais carentes tanto no aspecto escolar como sócio-econômico, estão menos inclinados a considerar que a orientação sobre o perigo de usar drogas desperta nas pessoas a curiosidade para usá-las.

Tais dados demonstram que ao se pensar numa campanha informativa e/ou preventiva sobre "DROGAS" deve-se levar em conta estas diferenças encontradas entre os sexos, quando se considera a escolaridade e o nível sócio-econômico deles.

Com os dados apresentados nesta tabela, questiona-se também que tipo de informação estes jovens já receberam para que eles encarem a orientação como uma fonte de estímulo para o uso de drogas, já que os percentuais encontrados não são desprezíveis para nenhum grau de escolaridade nem tampouco para os níveis sócio-econômicos considerados.

CAPÍTULO X

RESUMO E COMENTÁRIOS

Ao chegar a este capítulo, verifica-se que os objetivos filosóficos e específicos propostos para a idealização e execução deste estudo, foram plenamente atingidos.

Em junho de 1990, como foi mencionado no Capítulo II, foi realizado um Seminário para a apresentação oficial dos dados obtidos neste estudo, para a comunidade científica. Neste contexto serão incluídos alguns comentários emitidos pelos participantes daquele evento.

Também neste capítulo, apresentamos sucintamente os principais resultados de cada capítulo que serão acompanhados de alguns comentários. Para cada tema apresentado, buscamos alguns estudos ou comentários de profissionais que trabalham com jovens e portanto compartilham com as nossas preocupações e opiniões.

Iniciamos com alguns aspectos de Caracterização.

- A população alvo deste estudo, foram jovens de ambos os sexos entre 15-24 anos de idade, residentes na Cidade de São Paulo;
- Foram realizadas 804 entrevistas individuais femininas e 750 entrevistas individuais masculinas;
- A duração média para a aplicação da entrevista individual foi de 22,8 minutos para as mulheres e de 25,5 minutos para os homens;
- Como esperado para os grandes centros urbanos, a maioria dos homens e mulheres entrevistados ainda são solteiros (90,0% e 74,4 % respectivamente);
- 69,3% das mulheres e 84,3% dos homens vivem com seus pais;
- Quanto a escolaridade, a maioria dos jovens situa-se entre o 1º grau nível II incompleto e 2º grau incompleto;
- 77,3% das mulheres e 75,5% dos homens estudaram pela última vez ou estudam atualmente, em escolas públicas;
- 44,9% das mulheres e 39,9% dos homens têm a expectativa de concluir a universidade entretanto, somente 19,3% das mulheres e 16,4% dos homens tem ou estão cursando o 2º grau completo ou

universidade;

- Com relação à Condição de Atividade do jovem, o percentual mais alto para as mulheres é encontrado entre aquelas que não estudam e não trabalham (31,0%), enquanto que este percentual é de 9,5% para os homens. Já o percentual mais elevado para os homens é encontrado entre aqueles que só trabalham (46,5%) enquanto que, para as mulheres este índice é de apenas 27,2%;
- Quanto a faixa salarial dos jovens que trabalham, os percentuais mais elevados tanto para homens quanto para mulheres situam-se entre 2 a 5 salários mínimos (44,6% para os homens e 35,0% para as mulheres), e sabe-se que a escolaridade mais elevada, é um fator que determina a aquisição de melhores salários;
- 72,3% das mulheres e 69,1% dos homens entrevistados estão situados entre as classes sócio-econômicas média baixa e média.
- A grande maioria dos jovens, professam a religião católica (76,0% para mulheres e 75,9% para homens), mas somente 42,2% das mulheres e 36,0% dos homens são praticantes;
- 65,6% das mulheres e 65,1% dos homens entrevistados sempre viveram na Cidade de São Paulo;
- Sabe-se que a maioria (71,4% das mulheres e 75,0% dos homens) , pertencentes à condição sócio-econômica baixa, são migrantes;
- A prevalência atual de jovens fumantes é de 26,2% para as mulheres e 33,7% para os homens;
- Dos jovens fumantes, 61,1% das mulheres e 60,1% dos homens, fumam meio maço de cigarros ou menos por dia;

Depreende-se dos dados apresentados, que as mulheres se casam mais cedo do que os homens . Existe um alto percentual de mulheres que não estudam e não trabalham. Este fato talvez se justifique, na medida em que, ao assumirem um casamento ou união consensual, algumas jovens passem a se dedicar exclusivamente ao lar.

Por outro lado, segundo Silva e Pinotti (1987), as escolas não apresentam condições mínimas que possibilitem a permanência de jovens grávidas ou com filhos nas atividades curriculares normais, determinando a interrupção no processo formal de educação das adolescentes. Mesmo após o término do ciclo grávido- puerperal e com o início das novas responsabilidades familiares, a continuidade das atividades escolares, fatalmente será prejudicada.

Outro dado que julgamos importante comentar é que o índice de jovens tabagistas, aumenta com a idade em ambos os sexos, fato que poderia chamar a atenção dos setores da área da saúde, no sentido de idealizarem uma campanha contra os efeitos deletérios do fumo, atentando para o fator idade.

As próximas conclusões apresentadas abaixo, dizem respeito ao tema Educação Sexual.

- Quase a metade dos jovens não participou de nenhuma informação formal sobre educação sexual (46,3% para mulheres e 48,0% para homens);
- Os jovens anseiam por receberem informação sobre sexualidade na escola (97,1% para mulheres e 92,9% para homens), e opinam que este curso deveria ser iniciado entre a 5^a e 8^a séries do 1º grau;
- 43,3% das mulheres e 42,5% dos homens receberam alguma informação sobre educação sexual na escola, e a grande maioria deles recebeu esta orientação entre a 4^a e a 7^a séries do 1º grau;
- 30,6% das mulheres e 52,9% dos homens consideraram verdadeira a afirmação de que os pais que dão educação sexual aos filhos, despertam nos filhos o interesse em ter relações sexuais;
- 70,0% das mulheres e 40,0% dos homens referem que não se sentem à vontade para conversar sobre sua vida sexual, com ninguém;
- Apenas 18,3% das mulheres e 15,6% dos homens conhecem a fase correta do período fértil;
- 22,9% dos homens e 23,6% das mulheres, não sabem que a mulher pode engravidar durante a sua primeira relação sexual;
- 27,2% das mulheres e 37,3% dos homens consideram que a masturbação faz mal à saúde;
- A gonorréia é a doença sexualmente transmissível mais conhecida entre os jovens de ambos os sexos;
- 25,6% das mulheres e 33,2% dos homens acreditam que os sintomas da gonorréia, são sempre visíveis nas mulheres;
- 57,5% das jovens conversaram com suas mães sobre menstruação, até os 15 anos de idade;
- A idade média da menarca das jovens entrevistadas é de 12,5 anos

de idade.

Dos dados apresentados, nota-se que os jovens parecem ter algumas reservas em receber de seus pais, educação sexual.

Com relação às mulheres, parece que para a maioria dos professores e pais, transmitir informações sobre métodos anticonceptivos "muito cedo", pode significar o estar criando condições para que estas jovens passem a exercer sua sexualidade precocemente.

O fato de os jovens terem recebido aula, curso ou palestra sobre educação sexual na escola, aumenta o conhecimento deles quanto aos temas Métodos Anticonceptivos e DST.

O curso de educação sexual na escola, é um fator importante na aquisição do conhecimento da fase correta do período fértil, somente para os homens .

Apesar da polêmica que gira em torno da educação sexual nas escolas , consideramos que à Escola cabe fornecer Informação Sexual, transmitindo corretamente os conceitos básicos sobre o tema nesta etapa do desenvolvimento, adaptando constantemente os conteúdos conforme a necessidade do adolescente, já que consideramos verdadeira a afirmação de que quanto maior a ignorância maior a experimentação. À Família cabe a Educação Sexual no seu sentido mais amplo por se tratar de um processo que ocorre a partir do nascimento, faz parte da Educação Geral e é norteado de acordo com as idiossincrasias da dinâmica de cada família. Portanto, além da Informação Sexual fornecida aos adolescentes, é de suma importância que se atente para oferecer este tipo de informação aos pais, para que possam transmitir estes conteúdos com maior embasamento.

Esta posição também é defendida por Rosires de Andrade (Sexologia II, 1986), Nelson Vitiello (Sexologia II, 1986), e Karin R. Doering (Femina, março 1989).

Em geral, os programas de Educação Sexual oferecidos pelas escolas, limitam-se a oferecer informação sobre a anatomia e fisiologia do aparelho genital e dificilmente investigam junto aos adolescentes os temas que eles tem interesse em esclarecer de acordo com suas vivências atuais. Segundo Doering, deveriam ser discutidos assuntos de conotação moral, questionamento de valores, masturbação, contracepção , variações sexuais, homossexualismo, etc.

Enfim, concordamos com Maurício Knobel (Adolescência e Saúde, 1988) , que define a Síndrome da Adolescência Normal (vide capítulo I) e refere que: "Desconhecendo a Síndrome da Adolescência Normal, alguns

professores, pais, adultos em geral, baseados em estereótipos, e pre conceitos , em lugar de ajudar o adolescente a viver esta etapa da vi da com maior segurança e liberdade, fazem deste período vital, fonte de tormentos, angústias, medos e culpas totalmente desnecessários e perturbadores". E completa seu pensamento dizendo: "Sem uma aproxi mação do conhecimento da psicologia normal do adolescente, pouco po derá ser feito em favor de sua saúde e educação".

No decorrer do Seminário, a preocupação maior dos participantes, girou em torno da definição dos papéis da Família e da Escola sobre quando e como transmitir informações sobre sexo, aos adolescentes.

As conclusões abaixo se referem aos dados obtidos quanto à Experiência Sexual e Anticoncepção.

- Com relação a primeira informação sobre relações sexuais, as jovens com 13 anos ou menos de idade, obtiveram esta informação pre dominantemente de suas mães (35,2%). Após esta idade, recebem esta informação de amigas(os). Os homens, independente da ida de em que receberam a primeira informação sobre relações sexuais, obtiveram esta informação, principalmente de amigos (as) (46,3%).
- Como esperado, as relações sexuais pré-maritais são muito mais frequentes entre os homens do que entre as mulheres (82,9% e 40,5% respectivamente;
- Sabe-se que a religião é um fator que influencia na prática sexual pré-marital, somente para as mulheres desta forma, aquelas que referem não ter religião ou as católicas que frequentam às cerimônias menos de uma vez por mês atingem percentuais mais ele vados (53,4% e 47,0% respectivamente), do que as católicas prati cantes ou pertencentes às religiões Protestante/Crente (31,0% e 26,3% respectivamente);
- A idade média da primeira relação sexual pré-marital é de 16,9 anos para as mulheres e de 14,9 anos para os homens;
- A idade média dos parceiros com os quais os jovens tiveram sua primeira relação sexual pré-marital é de 21,6 anos para os par ceiros das mulheres e 16,9 anos para as parceiras dos homens;
- 92,4% das mulheres tiveram sua primeira relação sexual pré-mari- tal com noivo ou namorado, enquanto que o percentual masculino para este tipo de parceira é de 23,9% O percentual mais eleva

- do para os homens é encontrado para aqueles que tiveram a primeira relação sexual com uma amiga (61,2%);
- Quase 10% dos homens tiveram sua primeira relação sexual com uma prostituta;
 - A maioria dos homens e mulheres escolhem como local para manter sua primeira relação sexual pré-marital, a casa da(o) parceira(o) (35,8% e 37,7% respectivamente);
 - As mulheres associam à primeira relação sexual pré-marital, os sentimentos de Dor, Amor e Medo que aparecem com percentuais acima de 72,7%. Os homens associam o Prazer (87,3%) e o Medo (51,1%), a esta primeira relação sexual;
 - 31,6% das mulheres e 21,9% dos homens usaram algum método anticonceptivo na sua primeira relação sexual;
 - O método mais usado para ambos os sexos em sua primeira relação sexual pré-marital é o Coito Interrompido (45,6% para as mulheres e 44,1% para os homens);
 - Os métodos anticonceptivos mais conhecidos pelas mulheres são: Condom, Pílula e Rítmo com percentuais acima de 82,7% e para os homens: Condom, Pílula e Coito Interrompido com percentuais acima de 81,6%;
 - Dos jovens que não usaram método anticonceptivo na primeira relação sexual pré-marital, as mulheres alegam como justificativa o fato de "não esperar ter relações sexuais naquele momento" (41,4%), e os homens dividem-se em duas justificativas que são: "não conhecia nenhum método" (37,6%) e "não se preocupou/importou com isso" (31,9%);
 - 9,0% das jovens que não usaram método anticonceptivo na primeira relação sexual pré-marital, alegam como justificativa, o desejo de engravidar;
 - Dos jovens não casados, com experiência sexual, somente 42,6% das mulheres e 34,8% dos homens estão sexualmente ativos;
 - 59,3% das mulheres e 67,5% dos homens sexualmente ativos referem de 1 a 3 relações sexuais por mês;
 - 13,7% dos homens declaram ter tido mais de uma parceira sexual nos últimos 30 dias anteriores à realização da entrevista;
 - Dos jovens não casados, com experiência sexual, 75,3% das mulheres e 82,2% dos homens usaram método anticonceptivo na última re

lação sexual. Este percentual é de 80,3% para as mulheres e 62,3% para os homens casados ou unidos;

- Das jovens casadas ou unidas que declaram o uso de método anticoncepcivo na última relação sexual, 64,9% delas usaram a Pílula e 10,5% usaram o Coito Interrompido. Entre as não casadas, os métodos mais usados foram: Pílula (45,9%), Coito Interrompido (18,0%), Condom e Rítmo com percentuais idênticos de 14,8%. Para os homens casados ou unidos, 75,8% referem o uso de Pílula pelas suas parceiras. Para os não casados, 34,6% usaram Condom, 33,3% referem a Pílula e 24,7% o Coito Interrompido.

De acordo com os dados apresentados acima, é preocupante o fato de que a primeira informação sobre relações sexuais, tenha sido recebida por grande parte dos jovens, de seus amigos(as) uma vez que estes companheiros são tanto ou mais desinformados do que os jovens entrevistados.

Nota-se que o percentual de jovens de ambos os sexos que mantêm relações sexuais pré-maritais em idade precoce é significativa. Há uma tendência dos entrevistados em escolher parceiros mais velhos para esta primeira relação sexual pré-marital.

Parece que a mulher, para ter esta primeira relação sexual, necessita acreditar na existência de uma relação de compromisso com o parceiro já que, a grande maioria delas, teve esta primeira relação com um noivo ou namorado enquanto que os homens, tiveram com uma amiga.

O contingente de quase 10% dos homens que tiveram sua primeira relação sexual com prostituta, provavelmente seguem aquele padrão de conduta mais conservador onde, para preservar a "menina de família" ele deve uniciar-se sexualmente com uma prostituta. Não foi investigado junto a esta população, se os mesmos estão adotando alguma medida para a prevenção das D.S.Ts.

É interessante observar que as mulheres não associam o sentimento de Prazer à primeira relação sexual pré-marital porém, o Amor é citado pela grande maioria delas, demonstrando que deve haver uma relação afetiva prévia à relação sexual. Já para os homens, esta primeira relação sexual é uma fonte basicamente de Prazer, onde o envolvimento afetivo é secundário na medida em que o sentimento de Amor é citado por apenas 39,5% deles.

O uso de Métodos Anticoncepcivos na primeira relação sexual pré-marital, é baixo porém, é maior para o sexo feminino. Para os homens, o uso de anticoncepcivos cresce proporcionalmente com a idade da primeira relação sexual. Sabe-se que homens e mulheres que conhecem a fase correta do período fértil tem uma prevalência de uso de métodos an

ticonepcionais na primeira relação sexual, maior do que os jovens que não detêm este conhecimento provavelmente devido à conscientização maior que este tipo de conhecimento oferece ao jovem, com relação ao risco de uma gravidez.

O fato de os jovens usarem predominantemente o Coito Interrompido como método anticonceptivo na sua primeira relação sexual pré-marital pode significar que existe uma preocupação do jovem com uma possível gravidez porém, usar um método mais seguro implica premeditar o ato sexual e assumir a sua sexualidade, o que talvez o jovem não esteja preparado para fazer, neste momento. Sabe-se que este método, exige do adolescente um auto-controle acentuado o que na fase da adolescência e iniciação sexual, é extremamente difícil por causa da curiosidade de experimentação, entre outros fatores.

Menos da metade dos jovens de ambos os sexos com experiência sexual, são sexualmente ativos ou seja, tiveram relações sexuais nos últimos 30 dias que precederam a entrevista. Ao contrário do que se pensa, a frequência de relações sexuais alegada pelos jovens, é baixa. Com relação ao número de parceiros, conclui-se que as mulheres têm uma preferência por relações afetivas mais estáveis do que os homens, na medida em que, nenhuma delas declara ter tido mais de um parceiro sexual nos últimos 30 dias anteriores à realização da entrevista.

Observa-se um alto percentual de jovens que usaram método anticonceptivo na última relação sexual. Porém, a prevalência elevada deste uso, não deve mascarar o fato de que o jovem conhece pouco, a forma correta de utilização destes métodos, a comprovar isto, verifica-se uma alta incidência de gravidez indesejada, entre as jovens não casadas.

Os jovens casados ou unidos de ambos os sexos, usam métodos mais efetivos para evitar a gravidez, do que os jovens não casados.

Apesar do alto percentual encontrado, de jovens que não conhecem a fase correta do período fértil, há uma incidência elevada do uso do método Ritmo entre as jovens não casadas, sexualmente ativas. Este dado é preocupante, na medida em que a eficácia deste método, depende da regularidade dos ciclos menstruais, o que em geral, não ocorre nos primeiros anos da adolescência.

Ao se comparar os métodos anticonceptivos usados na primeira e na última relação sexual, conclui-se que a escolha do método atual recai sobre meios mais seguros para evitar a gravidez.

De acordo com o método usado na última relação sexual pelos jovens não casados, fica evidenciado que para as mulheres, evitar a gravi -

dez constitui-se no fator preponderante para a escolha do método, no caso a Pílula. Já para os homens, parece haver uma preocupação adicional com as DSTs na medida em que, há uma incidência elevada deles que escolhem o Condôm. A corroborar esta hipótese, 40% deles refere que teve sua última relação sexual com uma amiga, o que denota uma instabilidade maior do que as mulheres, na escolha da parceira sexual.

Os fatos expostos acima, nos fazem refletir sobre a necessidade premente de inserção do tema Educação Sexual, nos currículos escolares, preocupando-se inclusive, em atingir com material didático apropriado aos jovens com vida sexual esporádica, que são a maioria.

Vários autores tentam explicar as razões que levam à precocidade do início da vida sexual pré-marital, também verificada no presente estudo.

Vitiello (1986) e Doering (1989) atribuem basicamente a fatores sociais atuais, tal precocidade. Entre eles, a exigência de uma especialização profissional mais longa para lograr uma independência financeira, cria a expectativa de um namoro prolongado e casamento mais tardio, que associados a maiores oportunidades de contato sexual, levam os adolescentes a não aguardarem pelo casamento, para iniciarem o relacionamento sexual.

As conclusões apresentadas a seguir, dizem respeito a alguns dados obtidos sobre a vida reprodutiva da jovem.

- A prevalência de gravidez encontrada é de 27,6%. Considerando somente as jovens com experiência sexual, este índice é de 60,0%;
- 58,1% das jovens que já engravidaram, tiveram apenas uma gravidez;
- A grande maioria das jovens que já engravidaram submeteram-se ao acompanhamento pré-natal (81,8%);
- Das jovens que já engravidaram alguma vez, 19,8% delas, referem já terem sofrido pelo menos um aborto;
- A idade média da jovem, quando do nascimento do primeiro filho vivo é de 18,7 anos;
- Quanto ao local do último parto com filho nascido vivo, 72,4% das jovens tiveram este parto em hospital do Governo/INAMPS;

- 30,4% das jovens tiveram parto cesariana por ocasião do último filho nascido vivo;
- 82,9% das jovens amamentaram o último filho nascido vivo, por um período médio de 4,8 meses;
- Das jovens alguma vez casadas e que já tiveram o primeiro filho nascido vivo, 45,1% deles foi concebido pré-maritalmente;
- 34,7% das jovens referem não terem desejado a última gravidez. Considerando somente as jovens solteiras, 52,7% não desejaram a última gravidez.

Quanto aos aspectos da fecundidade das adolescentes concluímos que , quanto menor o nível de escolaridade da jovem, maior o percentual de gravidez.

As jovens que se casaram entre 11 e 17 anos de idade e tiveram uma concepção pré-marital, provavelmente sofreram mais pressões sociais e familiares para contraírem o matrimônio, uma vez que o maior percentual delas se casaram antes do nascimento da criança.

Quanto ao acompanhamento pré-natal, sabe-se que as jovens com menor escolaridade, procuram menos por este tipo de assistência.

Os serviços especializados no atendimento global às jovens adultas é escasso na Cidade de São Paulo, donde se conclui que, a partir do momento que engravidam, o tipo de atendimento oferecido é aquele preconizado para as mulheres que já ultrapassaram a fase da adolescência.

A grande maioria dos partos das jovens, é efetuado pelos hospitais do Governo/INAMPS, daí a necessidade da capacitação de equipes multiprofissionais para o atendimento adequado das jovens, nestas instituições.

Com relação a este assunto, Doering considera que algumas adolescentes duvidam de sua fecundidade, muitas ainda se perguntam se as relações sexuais esporádicas podem levar à gravidez e a ignorância da fisiologia da reprodução e da contracepção leva essas jovens a uma falsa segurança. Para algumas adolescentes, a gravidez é um acidente decorrente também da falta de conhecimento das consequências inerentes à vida sexual.

De acordo com a experiência de Silva e Pinotti com gestantes adolescentes, os mesmos recomendam que:

- 1 - Haja a criação de espaços exclusivos ao atendimento da adolescente nas instituições prestadoras de serviço;

- 2 - Que este atendimento seja realizado por uma equipe de caráter multiprofissional;
- 3 - Que a principal característica dos profissionais que integram a equipe seja a motivação pelo trabalho com as jovens;
- 4 - Que a assistência prestada, seja resultante de uma reflexão contínua e permanente entre o grupo de Saúde e as adolescentes, objeto do atendimento;
- 5 - Que haja a integração da instituição como um todo no funcionamento do projeto;
- 6 - A existência desses serviços, seus objetivos e os resultados de sua atuação devem ser amplamente divulgados à comunidade;
- 7 - É necessário estimular-se a participação dos pais ou responsáveis nos diversos momentos da atenção prestada, resguardando-se a adolescente sob o sigilo médico;
- 8 - Impõe-se uma revisão do conjunto de leis e costumes, relacionados ao atendimento a menores de idade, dando-se aos profissionais de Saúde, amparo jurídico para a manutenção da privacidade com seu cliente, quando necessário.

As próximas conclusões dizem respeito a algumas opiniões e atitudes dos jovens frente a vida sexual, reprodutiva, familiar e ainda a opinião deles sobre o problema mais comum dos jovens.

- Diante de uma gravidez indesejada, 71,3% das mulheres e 45,6% dos homens são de opinião que a jovem deve ter a criança e criá-la sozinha;
- 40,9% das mulheres e 40,4% dos homens, consideram que o problema mais comum entre os jovens de sua idade na Cidade de São Paulo, refere-se às Drogas;
- O método anticonceptivo que as mulheres acham mais apropriado para jovens de sua idade que mantêm relações sexuais é a Pílula (62,8%), enquanto que para os homens, é o Condom (50,8%);
- 67,3% dos homens e 35,3% das mulheres são de opinião que o Condom diminui a sensação prazerosa durante a relação sexual;
- 83,6% dos homens e 90,2% das mulheres consideram que a iniciativa para o uso de um método anticonceptivo deve partir do casal;
- 42,8% das mulheres opinam que iniciariam e manteriam relações sexuais somente após o casamento enquanto que 66,5% dos homens

- iniciariam e manteriam relações sexuais com noiva ou namorada ;
- 57,3% dos homens e 31,7% das mulheres referem que não manteriam uma relação de amizade com uma pessoa homossexual;
 - 27,9% dos homens e 11,8% das mulheres, consideram que o homem deve decidir quantos filhos a sua mulher deve ter;
 - Foi referido por 45,3% das mulheres e 43,3% dos homens que Deus é quem decide quantos filhos se deve ter;
 - 22,5% das mulheres e 22,9% dos homens julgam que a mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos, sem a ajuda do marido;
 - 13,9% das mulheres e 30,7% dos homens opinam que a mulher não deve trabalhar depois de casada;
 - Homens e mulheres consideram que a idade média ideal para a mulher se casar ou viver com um companheiro é de 23 anos de idade, e que para o homem é de 25 anos de idade;
 - Homens e mulheres consideram que entre as idades de 21,5 e 22 anos, a mulher já é responsável para ter o seu primeiro filho, enquanto que para o homem a idade ideal alegada pelos jovens está entre 23,5 e 24 anos de idade;
 - A maioria dos jovens revelam que gostariam de ter em média, 2 filhos;
 - 48,3% das mulheres e 38,9% dos homens referem que os homens entendem mais de sexo do que as mulheres;
 - 72,0% das mulheres e 82,0% dos homens, consideram que o homem deve chegar ao casamento, com experiência sexual;
 - 41,0% das mulheres e 47,1% dos homens consideram que a mulher deve chegar virgem ao casamento;
 - Os homens necessitam ter mais relações sexuais do que as mulheres, é considerada uma afirmação verdadeira por 66,4% das mulheres e 63,3% dos homens;

Passamos agora, a tecer alguns comentários em função dos dados apresentados acima.

Em termos gerais, os jovens com menor escolaridade e das classes menos abastadas do ponto de vista sócio-econômico, mantêm posicionamentos mais conservadores e por vezes sustentam valores considerados "machistas".

Os homens ainda encaram a profissionalização da mulher casada com reservas.

Os jovens com nível de escolaridade e condição sócio-econômica mais baixa, estabelecem maior diferença entre padrões de comportamento masculino e feminino.

Com relação a opinião emitida pelos jovens sobre com quem iniciariam e manteriam relações sexuais, sabe-se que as mulheres sustentam opi-nição mais conservadora do que os homens, já que quase a metade delas, iniciariam vida sexual somente depois do casamento.

Observa-se uma incoerência dos jovens com experiência sexual entre a opinião emitida e a atitude assumida quanto ao parceiro com quem ini-ciariam e manteriam relações sexuais e com que parceiros efetivamen-te o fizeram, na medida em que as mulheres opinam que iniciariam sua vida sexual com o marido, e a maioria o fez com o namorado. Os homens, que iniciariam atividade sexual com noiva ou namorada e no en-tanto, o fizeram com um amiga/conhecida .

Diante da situação hipotética de uma jovem que engravida mas não tem uma relação afetiva estável com o companheiro, a maioria dos entre-vistados opta por uma solução em que ela deva ter o filho e cria-lo sozinha, o que demonstra que as relações afetivas, assumem atualmen-te um papel importante para um eventual matrimônio, ao contrário do que ocorria antes onde uma gravidez para uma jovem solteira sempre implicava em casamento. Por outro lado, os jovens das classes mais favorecidas do ponto de vista sócio-econômico, opinam mais pela prática do aborto, diante de uma gravidez indesejada.

O jovem na busca de sua identidade pessoal oscila entre os posiciona-mentos pré-estabelecidos e esperados pela sociedade, e aqueles já adquiridos com seu grupo de parceria e/ou experiências.

No decorrer do Seminário discutiu-se um aspecto importante frente a esta temática onde chegou-se a conclusão que os homens, para ter sta-tus e um lugar respeitado pela sociedade, tem que ter trabalho e dinheiro já que a sua independência está no ganho econômico. Atualmen-te, esta independência leva mais tempo para se concretizar, na medi-da em que a profissionalização requer vários anos de estudo, tendo o jovem que postergar o exercício de sua identidade adulta.

Já a mulher, para ter status deve ter um parceiro. Seu papel femino socialmente esperado, é acompanhar e propiciar ao homem, o papel de "protetor" dela.

Com relação a AIDS tivemos a oportunidade de investigar o conhecimento dos jovens e neste contexto, colocamos algumas conclusões sobre este tema.

- 79,8% das mulheres e 84,4% dos homens, sabem que uma pessoa pode estar contaminada com o vírus da AIDS, sem apresentar sintomas;
- 89,9% das mulheres e 92,2% dos homens, sabem que não existe cura para a AIDS;
- 16,4% das mulheres e 7,7% dos homens não acreditam que uma pessoa pode estar contaminada com o vírus da AIDS sem apresentar sintomas e referem que existe cura para esta doença;
- 19,6% das mulheres e 15,4% dos homens demonstram total desconhecimento sobre a ação do vírus da AIDS, bem como o fato de que uma vez instalada, esta doença é fatal;
- A maioria dos jovens de ambos os sexos sabem que se pode contrair a AIDS através de relações sexuais, transfusão de sangue e injeções, com percentuais acima de 97%;
- Um percentual elevado (86,3% para mulheres e 86,5% para homens), é encontrado para o item "Doando Sangue", como forma de transmissão da AIDS;
- 76,4% das mulheres e 78,7% dos homens que acreditam que se pode contrair a AIDS através de relações sexuais, referem que o uso de Condom diminui o risco de contrair a doença sem que se precise deixar de manter relações sexuais;
- A maioria dos jovens solteiros sexualmente ativos, acreditam que não têm nenhum risco de contrair a AIDS (71,6% para as mulheres e 56,9% para os homens);
- A maioria dos jovens solteiros sexualmente ativos acreditam que os jovens solteiros sexualmente ativos da população geral, têm alto risco em contrair a AIDS (71,6% para mulheres e 85,3% para os homens);
- 29,0% das mulheres e 76,6% dos homens solteiros, com experiência sexual, referem estar adotando alguma medida para diminuir o risco de contrair a AIDS;
- A medida preventiva mais citada por estes jovens é "ter somente um parceiro/não transar com muita gente";
- 39,7% dos homens e 62,6% das mulheres solteiros

com experiência sexual, que referem não estar adotando nenhuma medida preventiva para diminuir o risco de contrair a AIDS, alegam como justificativa o fato de "só estarem mantendo relações sexuais com uma pessoa";

De acordo com os dados apresentados conclui-se que percentuais elevados aparecem para os jovens de ambos os sexos que acreditam que se pode contrair AIDS, "Doando Sangue", fato que pode denotar uma confusão quanto aos conceitos de DOAR e RECEBER sangue. Este dado deve ser considerado e esclarecido à população quando da idealização de campanhas destinadas à prevenção da AIDS.

De uma forma geral, o uso de Condom na prevenção da AIDS não é prática comum entre os jovens solteiros, com experiência sexual.

Os homens demonstram uma preocupação maior do que as mulheres em adotar alguma medida preventiva, para diminuir o risco de contrair a AIDS.

As medidas comumente adotadas pelos jovens para diminuir o risco de contrair a AIDS, demonstram que estes, estão mais preocupados com a contaminação via relação sexual.

Investigamos ainda, alguns posicionamentos dos jovens com relação às drogas, cujos principais resultados descrevemos abaixo.

- A grande maioria dos jovens conhecem ou ouviram falar sobre maconha, com um percentual igualitário de 99,2% para homens e mulheres, bem como sobre drogas químicas (cocaína, heroína, etc) (92,5% para mulheres e 98,0% para homens);
- 95,2% das mulheres e 91,5% dos homens, consideram que fumar maconha faz mal à saúde;
- 63,8% das mulheres e 64,2% dos homens consideram que fumar maconha deve ser considerado crime;
- 92,4% das mulheres e 92,3% dos homens, consideram que traficar maconha deve ser considerado crime;
- Usar drogas químicas faz mal à saúde para 99,1% das mulheres e 98,8% dos homens;
- Usar drogas químicas, deve ser considerado crime por 80,0 das mulheres e 81,4% dos homens;
- 94,9% das mulheres e 95,2% dos homens consideram que traficar drogas químicas deve ser considerado crime;

- 40,6% das mulheres e 44,9% dos homens consideram que a orientação sobre o perigo de usar drogas, desperta nas pessoas a curiosidade para usá-las.

Após a análise dos dados encontrados no Capítulo de Drogas, pode-se afirmar que há uma incidência maior de uso da maconha, nos estratos mais favorecidos do ponto de vista educacional e sócio-econômico da sociedade.

Quase a metade dos jovens considera que a orientação sobre o perigo de usar drogas desperta nas pessoas a curiosidade para usá-la. Questiona-se portanto, que tipo de informação estes jovens já receberam para que eles encarem a orientação como uma fonte de estímulo para o uso de drogas.

Por se tratar de um estudo pioneiro e extremamente abrangente, temos a expectativa de que os dados obtidos e apresentados neste livro, despertem as áreas de Saúde e Educação, no sentido de utilizar estes resultados para capacitar equipes que possam aprimorar o aspecto assistencial e educacional do adolescente sobre os temas aqui abordados.

Outro aspecto importante é que este estudo possibilita o aprofundamento dos diversos temas abordados, através da elaboração de outras pesquisas e estudos.

Não podemos entretanto, nos furtar de comentar um aspecto comprovado pelo nosso estudo que, muitas das opiniões, atitudes e comportamentos dos jovens, vêm permeados do que comumente denominamos "pensamento mágico".

Nelson Vitiello define tal conceito ressaltando que, "na esfera psicológica, a maior diferença entre o adulto e a criança, reside no tipo de ideação. O Adulto procura resolver seus problemas baseado em informações e em experiências, com um tipo de raciocínio que tem sido chamado de "pensamento lógico". A criança, ao contrário, apresenta um tipo de raciocínio em que a imaginação predomina, que podemos chamar de "pensamento mágico", onde as soluções são encontradas por intervenção de estranhos poderes. Esta ideação traz em si uma sensação de onipotência. A adolescência é, pois, a fase da vida em que ambos os tipos de raciocínio estão presentes, de maneira até eqüitativa, ao menos durante algum tempo".

Este fator explica a dificuldade do jovem em lidar com situações que exijam a intervenção de atitudes mais amadurecidas.

Ao se pensar portanto, em campanhas de caráter informativo-educativo destinadas a esta população, os órgãos idealizadores devem atentar pa

ra este mecanismo inerente aos adolescentes mas que, se for ignorado, leva a um fracasso dos objetivos.

No decorrer da análise dos dados do presente estudo, notamos claramente a intervenção deste mecanismo com relação ao risco de contrair a AIDS e outras D.S.T.; a não utilização de métodos anticonceptivos porque descarta a possibilidade de gravidez; a não associação do eventual uso de drogas ao vício irreversível, etc.

B I B L I O G R A F I A

- Aberastury, A. y colaboradores - "Adolescencia" - Buenos Aires-Argentina, Ediciones Kargieman, 1976.
- Aberastury, A. e Knobel, M. - "Adolescência Normal" - 5ª Edição, Artes Médicas, Porto Alegre, 1986.
- ABIPEME - Fonte da Escala do Nível Sócio-Econômico, (1984).
- Adamo, F.A. et al - "Juventude - Trabalho, Saúde, Educação" - Ed. F^orense - Universitária Ltda- Rio de Janeiro, 1987.
- Anderson, J. E. - "Differentials in Breastfeeding and Post-Partum Amenorrhea in Northeastern Brazil. Studies in Family Planning,"(1985).
- Arruda, J., Rutemberg, N., Morris, L., Ferraz, E. -"Pesquisa Nacional sobre Saúde Materno-Infantil e Planejamento Familiar(PNSM-IPF)" , Brasil 1986 - BEMFAM - Rio de Janeiro, 1987.
- Bastos, A. V.B., Morris, L., Fernandes, S.R.P. - "Saúde e Educação Sexual do Jovem: Um Estudo em Salvador" - Universidade Federal da Bahia, Salvador - Brasil - Fevereiro, 1989.
- BEMFAM - Seminário sobre a Pesquisa de Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem nos Municípios de Recife (PE) e Rio de Janeiro (RJ). Resultados Preliminares (1989).
- Berger, D.K., et al - "Influence of Family Planning Counseling in an Adolescent Clinic on Sexual Activity and Contraceptive use" - Journal of Adolescent Health Care,1987; 8: 436-440.
- Boletim Epidemiológico - "AIDS no Mundo da Década de 90" - Ministério da Saúde - Ano II nº 11.
- Cavalcanti, R.C., e cols. - "Saúde Sexual e Reprodutiva - Ensinando a ensinar" - Artgraf Editora, 1989.
- Centers for Disease Control - "Teenage Pregnancy and Fertility in the United States: 1970, 1974, 1980" - Regional and State Variations and Unintended Fertility - Issued August, 1987.
- Centers for Disease Control - "Human Immunodeficiency Virus Infection in the United States: A Review of Current Knowledge" - MMWR- 1987 ; 36 (SUPPL, nº S-6): [Inclusive pag numbers]
- Centers for Disease Control- "Condoms for Prevention of Sexually Transmitted Diseases" - MMWR - March, 11, 1988/Vol. 37/nº 9.
- Centro Materno Infantil - CMI- Planejamento Familiar- "Investigação sobre Saúde Reprodutiva do Jovem na Cidade de São Paulo" Relatório Preliminar, 1988.

- Comissão de Saúde do Adolescente - "Adolescência e Saúde" - São Paulo- Paris Editorial - Secretaria do Estado da Saúde, 1988, 59-76.
- Doering, K. R. - "As Adolescentes e o Início do Relacionamento Sexual" - Femina, Março, 1989.
- Filho, F.M. et al - "Contracepção na Adolescência" - Femina -Agosto, 1987.
- Franco, M.A.J., Pacca, J.C.B. - "AIDS - Quanto mais você conhece mais pode evitar" - Comarte - Maio, 1989.
- Fundação Seade - "Conjuntura Demográfica" - Out/Dez - 1987.
- Henriques, M.H., e cols. - "Adolescentes de Hoje, Pais de Amanhã : Brasil" - Publicação de The Alan Guttmacher Institute - New York , N.Y. - Estados Unidos, 1986.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)- "Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)", 1988.
- INPPARES-Instituto Peruano de Paternidad Responsable - Publicación Científica - "Adolescência" - Nº 1, Año 1/Agosto,1989.
- IPPF Medical Bulletin - "Adolescents and AIDS" - vol. 22, nº 4, August, 1988.
- Kaplan, H. - "Enciclopédia Básica de Educação Sexual" - Rio de Janeiro, Ed. Record, 1983.
- Kegeles, S.M., et al - "Sexually Active Adolescents and Condoms: Changes Over One Year in Knowledge, Attitudes and Use" - American Journal of Public Health - April, 1988, vol. 78, nº 4.
- Knobel, M., Perestrello, M. e Uchôa, D.M. - "A Adolescência e a Família Atual" - Livraria Atheneu, Rio de Janeiro, 1981.
- Liskin, L., et al - "Youth in the 1980's: Social and Health Concerns"- Population Reports, série M, nº 9, November/December - 1985.
- Liskin, L. - "AIDS- Uma Crise de Saúde Pública" - Population Reports - série L, nº 6, Abril, 1987.
- London, K. A., et al - "Levantamento Sobre Fecundidade e Planejamento Familiar: Uma Atualização" - Population Reports - série M , nº 8, Janeiro , 1987.
- Maciak, B. J., et al - "Pregnancy and Birth Rates Among Sexually Experienced us Teenagers - 1974, 1980 and 1983" - Journal of the American Medical Association - Oct. 16, 1987 - vol. 258, nº 15.
- Monterroso, E., Castellanos, G., Conde, A.- "Encuesta sobre Salud y Educación Sexual de Jóvenes" - Asociación Guatemalteca de Educación Sexual - Ciudad de Guatemala, Guatemala - Febrero de 1988.

- Morris, L. - "Young Adults in Latin America and the Caribbean: Their Sexual Experience and Contraceptive Use". Apresentado no Congresso de Saúde Pública Norte-Americano, New Orleans, LA, Outubro, 1987.
- Morris, L. - "Fecundidad entre los Adolescentes en las Américas: Disponibilidad de Datos y Definición del Problema" (1985), publicado en Memorias de la I Reunión Internacional sobre Salud Sexual y Reproductiva de los Adolescentes y Jóvenes - CORA - AMIDEM- IMSS , México, 1986.
- Morris, L. - "Experiencia Sexual y Anticoncepción en Jóvenes en Algunos Países de América Latina" - Presentado en la Décima Conferencia Latinoamericana de Programas Integrados - Acapulco, GRO-México - Mayo, 1989.
- Mussen, P.H., Conger, J.J., Kagan, J. - "Desenvolvimento e Personalidade da Criança" - Ed. Harper et Row do Brasil Ltda, 1977.
- Nakamura, S.M., Morris, L., Janowitz, B., Anderson, J., Fonseca, J.B. - "Pesquisa Estadual Materno Infantil - (PESMI-PUCC)", São Paulo, Brasil, 1978.
- Nichols, S.E. - "Psychosocial Reactions of Persons with the Acquired Immunodeficiency Syndrome" - Annals of Internal Medicine, 1985; 103: 765-767.
- Nuñez, L., et al - "Encuesta sobre Información Sexual y Reproductiva de Jóvenes" - CORA - México, 1985.
- Peterson, H. B. and Lee, N.C. - "The Health Effects of Oral Contraceptives : Misperceptions, Controversies, and Continuing Good News" - Clinical Obstetrics and Gynecology, vol. 32, nº 2 , June, 1989.
- Pinto, A.L.R., Rodrigues, F.M.A. - "A Gravidez na Adolescência" - Editado por Centro Nacional Bertha Lutz de Assistência, Educação e Promoção da Mulher e da Família, 1986.
- Powell, D., Jackson, J. - "Young Adult Reproductive Health Survey" - National Family Planning Board - Jamaica, March, 1988.
- Proaño, B.R. y cols. - "Encuesta de Información y Experiencia Reproductiva de los Jóvenes Ecuatorianos en Quito y Guayaquil" - CEPAR - Ecuador - Diciembre, 1989.
- Reis, J., et al - "Family Planning for Inner - City Adolescent Males: Pilot Study" - Adolescence, vol. XXII, nº 88, winter, 1987 , Libra Publishers, Inc.
- Sandström, C.I. - "A Psicologia da Infância e da Adolescência" - Zahar Editores, 1961.
- Secretaria de Estado da Saúde - "AIDS no Estado de São Paulo" - Bo

letim Epidemiológico - M. I.V.E./Grupo de AIDS, Junho/90.

- Silva, J.L.P., Nogueira, C.W.M. - "A Multigravidez na Adolescência" - Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia - Nov/Dez, 1986.
- Silva, J.L.C., Pinotti, J.A. - "A Saúde Reprodutiva da Adolescente" - Femina, Junho, 1987.
- Silva, J.L.C. , Pinotti, J.A. - "A Adolescente e o Sistema de Saúde" - Femina, Agosto, 1987.
- Silva, M.C.S.C. - "O Adolescente e os Tóxicos" - Revista da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana - nº 3, 1987.
- Silva, M.C.S. C.- "Gravidez na Adolescência" - Revista da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana - nº 3 , 1987.
- Silva, M.C.S.C.- "A Adolescente e a Contracepção" - Revista da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, nº 2, 1988.
- Simpósio Panamericano sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis- Medicina de Hoje, Setembro de 1980.
- Tiba, I . -"Puberdade e Adolescência. Desenvolvimento Biopsicossocial" - Agora , São Paulo, 1987.
- Valenzuela, M.S. G., Herold, J.M., Morris, L. - "Encuesta de Salud Reproductiva en Adultos Jóvenes" - Universidad de Chile - Gran Santiago - Santiago- Julio , 1989.
- Vitiello, N.- "Sexologia II" - Comissão Nacional de Sexologia da Febrasgo - Livraria Roca Ltda, 1986.
- Vitiello, N., Conceição, I.S.C. - " O Uso de Métodos Anticoncepcionais por Adolescentes" - Femina - vol. 15 nº 12 - Dez/1987.
- Vitiello, N., Conceição, I.S.C. - "Aceitação Familiar da Vida Sexual de Filhas Adolescentes Solteiras - Um Estudo Comparativo"-Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia - nº 7/1988.
- Vitiello, N., Conceição, I.S.C., Canella, P.R.B., Cavalcanti, R.C.- "Adolescência Hoje" - Livraria Roca Ltda, 1988.
- Wong, Laura, L.R. - "A Diminuição da Fecundidade do Estado de São Paulo na Década de 80" - Conjuntura Demográfica : 1-4- Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, São Paulo, 1987.

Í N D I C E D A S T A B E L A S

<u>TABELA</u>	<u>PÁGINA</u>
2.1 ESTIMATIVA DOS ERROS DA AMOSTRAGEM, SEGUNDO VALOR DA AMOSTRAGEM E TAMANHO DA AMOSTRA SELECIONADA-N.....	112
3.1 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS DOMICILIARES E INDIVIDUAIS DOS JOVENS, POR SEXO.	113
3.2 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO ESTADO CIVIL, NÍVEL DE ESCOLARIDADE E CONDIÇÃO DE ATIVIDADE, POR IDADE E SEXO	114
3.3 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO DOS JOVENS SEGUNDO ESCOLARIDADE, CONDIÇÃO DE ATIVIDADE E SEXO	115
3.4 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEGUNDO RELIGIÃO E PORCENTAGEM DAQUELES QUE FREQUENTAM AS CERIMÔNIAS UMA VEZ OU MAIS POR MÊS, POR SEXO.....	116
3.5 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEGUNDO TEMPO DE PERMANÊNCIA NA CIDADE DE SÃO PAULO, POR SEXO.....	117
3.6 PERCENTUAL DOS JOVENS QUE SEMPRE VIVERAM NA CIDADE DE SÃO PAULO, POR IDADE, ESTADO CIVIL, CONDIÇÃO DE ATIVIDADE, NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO.....	118
3.7 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO GRAU DE ESCOLARIDADE QUE O JOVEM ESPERA ALCANÇAR, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE ATUAL, POR SEXO.....	119
3.8 PERCENTUAL DOS JOVENS QUE JÁ FUMARAM CIGARROS POR IDADE, ESCOLARIDADE E SEXO.....	120
3.9 PERCENTUAL DOS JOVENS QUE JÁ FUMARAM E CONTINUAM FUMANDO ATUALMENTE, POR IDADE, ESCOLARIDADE E SEXO....	121
3.10 PREVALÊNCIA DOS JOVENS QUE FUMAM ATUALMENTE POR IDADE E ESCOLARIDADE, SEGUNDO SEXO.....	122
4.1 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE RECEBERAM CURSO E/OU PALESTRA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E/OU FORA DA ESCOLA OU QUE NÃO TIVERAM NENHUMA ORIENTAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, POR IDADE E SEXO.....	123
4.2 PERCENTUAL DOS JOVENS QUE TIVERAM AULA DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA, SEGUNDO CONTEÚDO MINISTRADO, POR SÉRIE ESCOLAR EM QUE RECEBERAM A PRIMEIRA AULA E SEXO...	124

4.3	PERCENTUAL DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS DOS JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR SOBRE OS DIFERENTES MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS, POR ESCOLARIDADE E SEXO.....	125
4.4	PERCENTUAL DOS JOVENS QUE TIVERAM OU NÃO CURSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E SE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR SOBRE OS MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS, POR SEXO	126
4.5	PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE ALGUMAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS, POR ESCOLARIDADE E SEXO.....	127
4.6	PERCENTUAL DOS JOVENS QUE TIVERAM OU NÃO CURSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE ALGUMAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS, POR SEXO	128
4.7	PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONHECEM O PERÍODO FÉRTIL, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE, EM RELAÇÃO AO FATO DE TEREM TIDO OU NÃO CURSO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA, E SE FOI ABORDADO O TEMA CICLO MENSTRUAL, POR SEXO.....	129
4.8	PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONHECEM O PERÍODO FÉRTIL, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE, POR SEXO.	130
4.9	PERCENTUAL DAS JOVENS QUE CONVERSARAM SOBRE MENS-TRUAÇÃO COM SUAS MÃES ATÉ 15 ANOS DE IDADE, SEGUNDO ESCOLARIDADE DA MÃE.....	131
4.10	PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACHAM QUE A MASTURBAÇÃO FAZ MAL À SAÚDE, SEGUNDO SE TIVERAM OU NÃO CURSO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA, E SE FOI ABORDADO O TEMA MASTURBAÇÃO, POR SEXO	132
4.11	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACHAM QUE DEVERIA SER DADO UM CURSO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA, SEGUNDO A SÉRIE ESCOLAR QUE CONSIDERAM MAIS APROPRIADA PARA INICIAR TAL CURSO, POR IDADE, ESCOLARIDADE E SEXO.....	133
5.1	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO QUEM FORNECEU A PRIMEIRA INFORMAÇÃO SOBRE RELAÇÕES SEXUAIS, POR IDADE QUE RECEBEU ESTA PRIMEIRA INFORMAÇÃO E SEXO	134
5.2	PERCENTUAL DE JOVENS QUE DECLARARAM TER RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE E SEXO.....	135
5.3	PERCENTUAL DE JOVENS QUE DECLARARAM TER RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO....	136
5.4	PERCENTUAL DE JOVENS QUE DECLARARAM TER RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, SEGUNDO SUA RELIGIÃO, POR SEXO...	137

5.5	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE JOVENS QUE DECLARARAM TER RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, SEGUNDO IDADE DA PRIMEI RA RELAÇÃO, POR SEXO.....	138
5.6	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO A IDADE DO PARCEIRO NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL , POR IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO.....	139
5.7	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO O PARCEI RO DA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO	140
5.8	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEGUNDO O LOCAL UTILIZADO PARA A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL , POR IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO.....	141
5.9	PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS QUE AVALIAM OS SENTIMENTOS ASSOCIADOS À PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE E SEXO..	142
5.10	PERCENTUAL DE JOVENS QUE USARAM ALGUM MÉTODO ANTICON CEPTIVO NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO.....	143
5.11	PERCENTUAL DE JOVENS QUE USARAM MÉTODOS ANTICONCEPTI VOS NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, SEGUNDO CONHECIMENTO DA FASE CORRETA DO PERÍODO FÉRTIL, POR SEXO	144
5.12	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS USADOS PELOS JOVENS NA SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO...	145
5.13	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE TIVERAM RELA ÇÕES SEXUAIS PRÉ-MARITAIS E USARAM ALGUM MÉTODO ANTI CONCEPTIVO, SEGUNDO QUEM DECIDIU PELO SEU USO, POR SEXO	146
5.14	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEGUNDO AS RAZÕES PELAS QUAIS NÃO USARAM MÉTODOS ANTICONCEPTIVOS NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE DA PRIMEI RA RELAÇÃO E SEXO.....	147
5.15	PERCENTUAL DOS JOVENS NÃO CASADOS, QUE TIVERAM RELA ÇÕES SEXUAIS NO ÚLTIMO MÊS E QUE USARAM ANTICONCEPCIO NAIS, POR IDADE E SEXO.....	148
5.16	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS NÃO CASADOS, SE XUALMENTE ATIVOS, SEGUNDO A FREQUÊNCIA DE RELAÇÕES SE XUAIS NO ÚLTIMO MÊS, POR IDADE E SEXO	149
5.17	PERCENTUAL DOS JOVENS CASADOS OU UNIDOS QUE USARAM AL GUM MÉTODO ANTICONCEPTIVO NA ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL , POR IDADE E SEXO	150

5.18	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO O MÉTODO ANTICONCEPTIVO USADO NA ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL, POR ESTADO CIVIL E SEXO.....	151
5.19	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEXUALMENTE ATIVOS QUE USARAM MÉTODO ANTICONCEPTIVO NA ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL, SEGUNDO LOCAL ONDE CONSEGUIU O MÉTODO OU RECEBEU INFORMAÇÃO PARA O SEU USO, POR ESTADO CIVIL E SEXO	152
6.1	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA IDADE DA MENARCA, POR IDADE	153
6.2	PERCENTUAL DAS JOVENS DA AMOSTRA GERAL E DAS JOVENS COM EXPERIÊNCIA SEXUAL POR OCASIÃO DA ENTREVISTA, QUE JÁ ENGRAVIDARAM ALGUMA VEZ, POR IDADE.....	154
6.3	PERCENTUAL DAS JOVENS QUE JÁ ENGRAVIDARAM ALGUMA VEZ, SEGUNDO ESCOLARIDADE, POR IDADE.....	155
6.4	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE GESTAÇÕES DAS JOVENS, POR IDADE	156
6.5	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA IDADE DAS JOVENS COM PELO MENOS UM FILHO NASCIDO VIVO, QUANDO DO NASCIMENTO DO PRIMEIRO FILHO VIVO, POR IDADE	157
6.6	TAXA ESPECÍFICA DE FECUNDIDADE (T.E.F.), POR IDADE...	158
6.7	PERCENTUAL DO PRIMEIRO FILHO NASCIDO VIVO, CONCEBIDO PRÉ-MARITALMENTE, DAS JOVENS ALGUMA VEZ CASADAS OU UNIDAS SEGUNDO IDADE DA PRIMEIRA UNIÃO, E ANOS DE ESCOLARIDADE.	159
6.8	PERCENTUAL DO PRIMEIRO FILHO NASCIDO VIVO REFERIDO PELA JOVEM COMO NÃO DESEJADO, SEGUNDO IDADE DELA QUANDO DO PRIMEIRO NASCIMENTO E ANOS DE ESCOLARIDADE.....	160
6.9	PERCENTUAL DE JOVENS QUE NÃO DESEJARAM A ÚLTIMA GRAVIDEZ, SEGUNDO NÚMERO DE GESTAÇÕES, POR IDADE.....	161
6.10	PERCENTUAL DE JOVENS QUE NÃO DESEJARAM A ÚLTIMA GRAVIDEZ, SEGUNDO NÚMERO DE GESTAÇÕES, POR ESTADO CIVIL ATUAL...	162
6.11	PERCENTUAL DE JOVENS QUE FIZERAM PRÉ-NATAL DURANTE A ÚLTIMA GRAVIDEZ COM FILHO NASCIDO VIVO E DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS MESES DE GESTAÇÃO QUANDO FOI INICIADO O PRÉ-NATAL, POR IDADE DA JOVEM QUANDO DO NASCIMENTO, ANOS DE ESCOLARIDADE, E SE A GRAVIDEZ FOI FRUTO DE CONCEPÇÃO PRÉ-MARITAL OU NÃO.....	163
6.12	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO LOCAL ONDE TEVE O ÚLTIMO PARTO DE FILHO NASCIDO VIVO, POR IDADE DA JOVEM QUANDO DO NASCIMENTO, ANOS DE ESCOLARIDADE, SE A GRAVIDEZ FOI FRUTO DE CONCEPÇÃO PRÉ-MARITAL OU NÃO E SE FEZ PRÉ-NATAL.....	164

6.13	PERCENTUAL DO ÚLTIMO FILHO NASCIDO VIVO ATRAVÉS DE PARTO CESARIANA, SEGUNDO VARIÁVEIS SELECIONADAS	165
6.14	PERCENTUAL DO ÚLTIMO FILHO NASCIDO VIVO QUE FOI AMAMENTADO, SEGUNDO VARIÁVEIS SELECIONADAS	166
6.15	PERCENTUAL DE CRIANÇAS DE 1-12 MESES DE IDADE QUE ESTÃO SENDO AMAMENTADAS, SEGUNDO O NÚMERO DE MESES E A DURAÇÃO MÉDIA	167
7.1	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE O PROBLEMA MAIS COMUM ENTRE OS JOVENS DA CIDADE DE SÃO PAULO, POR IDADE E SEXO.....	168
7.2	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE O PROBLEMA MAIS COMUM ENTRE OS JOVENS DA CIDADE DE SÃO PAULO, POR ESCOLARIDADE E SEXO	169
7.3	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SOBRE O MÉTODO ANTICONCEPTIVO QUE NA OPINIÃO DOS JOVENS, SERIA O MAIS APROPRIADO PARA ELAS, POR IDADE E SEXO	170
7.4	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SOBRE O MÉTODO ANTICONCEPTIVO QUE NA OPINIÃO DOS JOVENS, SERIA O MAIS APROPRIADO PARA ELAS, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO	171
7.5	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES EMITIDAS PELOS JOVENS SOBRE OS PARCEIROS COM QUEM PODERIAM INICIAR E MANTER RELAÇÕES SEXUAIS, SEGUNDO IDADE, ESCOLARIDADE E RELIGIÃO, POR SEXO	172
7.6	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PARCEIROS COM OS QUAIS OS JOVENS COM EXPERIÊNCIA SEXUAL TIVERAM SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL, SEGUNDO SUAS OPINIÕES SOBRE OS PARCEIROS COM QUEM PODERIAM INICIAR E MANTER RELAÇÕES SEXUAIS, POR SEXO	173
7.7	PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS QUE AVALIAM O CONHECIMENTO E AS ATITUDES FRENTE À SEXUALIDADE, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO.....	174
7.8	PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS QUE AVALIAM O CONHECIMENTO E AS ATITUDES FRENTE À SEXUALIDADE, SEGUNDO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO.....	175
7.9	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE A MEDIDA A SER ADOTADA EM CASO DE GRAVIDEZ INDESEJADA, SEGUNDO A ESCOLARIDADE, POR SEXO	176
7.10	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE A MEDIDA A SER ADOTADA EM CASO DE GRAVIDEZ INDESEJADA, SEGUNDO RELIGIÃO, POR SEXO	177

7.11	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE A MEDIDA A SER ADOTADA, EM CASO DE GRAVIDEZ INDESEJADA, SEGUNDO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO	178
7.12	PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS QUE AVALIAM AS ATITUDES FRENTE A VIDA FAMILIAR, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO	179
7.13	PERCENTUAL DOS JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS QUE AVALIAM AS ATITUDES FRENTE A VIDA FAMILIAR , SEGUNDO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO.....	180
7.14	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS ENTREVISTADOS QUE OPINARAM SOBRE SE A MULHER DEVE TRABALHAR DEPOIS DE CASADA, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO.....	181
7.15	PERCENTUAL DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS DADAS PELOS JOVENS QUE MORAM COM O PAI E/OU MÃE, AO AVALIAREM O RELACIONAMENTO FAMILIAR, SEGUNDO IDADE, POR SEXO.....	182
7.16	PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS QUE AVALIAM AS CONCEPÇÕES FRENTE AOS PAPEIS MASCULINO/FEMININO, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO.....	183
7.17	PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS QUE AVALIAM AS CONCEPÇÕES FRENTE AOS PAPEIS MASCULINO/FEMININO SEGUNDO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO	184
7.18	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO SE CONSIDERAM QUE OS ÍTENS RELACIONADOS ABAIXO, CARACTERIZAM MELHOR SÓ O HOMEM, SÓ A MULHER, OS DOIS OU NENHUM , POR SEXO.....	185
7.19	PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONSIDERAM QUE OS ÍTENS RELACIONADOS ABAIXO CARACTERIZAM MELHOR AMBOS OS SEXOS, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE, POR SEXO.....	186
8.1	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACREDITAM OU NÃO QUE UMA PESSOA PODE ESTAR CONTAMINADA COM O VÍRUS DA AIDS, E NÃO APRESENTAR SINTOMAS DA DOENÇA, POR IDADE E SEXO.....	187
8.2	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACREDITAM OU NÃO QUE UMA PESSOA PODE ESTAR CONTAMINADA COM O VÍRUS DA AIDS, E NÃO APRESENTAR SINTOMAS DA DOENÇA, POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO.....	188
8.3	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONSIDERAM EXISTIR OU NÃO, CURA PARA A AIDS, SEGUNDO SE ACREDITAM OU NÃO QUE UMA PESSOA PODE ESTAR CONTAMINADA COM O VÍRUS DA DOENÇA E NÃO APRESENTAR SINTOMAS, POR SEXO	189

8.4	PERCENTUAL DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS AOS ÍTENS QUE AVALIAM DE QUE FORMA OS JOVENS ACREDITAM QUE PODEM CONTRAIR AIDS, POR IDADE E SEXO.....	190
8.5	PERCENTUAL DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS AOS ÍTENS QUE AVALIAM DE QUE FORMA OS JOVENS ACREDITAM QUE PODEM CONTRAIR AIDS, POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO.....	191
8.6	PERCENTUAL DAS RESPOSTAS DOS JOVENS QUE AVALIAM PESSOAS COM ALTO RISCO EM CONTRAIR AIDS, SEGUNDO CARACTERÍSTICA DA PESSOA, POR IDADE E SEXO.....	192
8.7	PERCENTUAL DAS RESPOSTAS DOS JOVENS QUE AVALIAM PESSOAS COM ALTO RISCO EM CONTRAIR AIDS, SEGUNDO CARACTERÍSTICA DA PESSOA, POR ESCOLARIDADE E SEXO.....	193
8.8	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SOBRE A COMPARAÇÃO DA OPINIÃO DOS JOVENS SOLTEIROS SEXUALMENTE ATIVOS SOBRE O RISCO GERAL E O RISCO INDIVIDUAL DE CONTRAIR AIDS, POR SEXO.	194
8.9	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SOBRE A COMPARAÇÃO DA OPINIÃO DOS JOVENS CASADOS OU UNIDOS, SOBRE O RISCO DE CONTRAIR AIDS DOS HOMENS E MULHERES CASADOS DA POPULAÇÃO GERAL E DO RISCO INDIVIDUAL, POR SEXO.....	195
8.10	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACREDITAM QUE SE PODE CONTRAIR AIDS ATRAVÉS DE RELAÇÕES SEXUAIS, SEGUNDO AS OPINIÕES DELES SOBRE AS MEDIDAS A SEREM ADOTADAS PARA DIMINUIR O RISCO DE CONTRAIR AIDS, SEM DEIXAR DE MANTER RELAÇÕES SEXUAIS, POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO	196
8.11	PERCENTUAL DE JOVENS QUE CONSIDERAM QUE PARA EVITAR A AIDS, DEVE-SE USAR CONDOM SOMENTE QUANDO SE TEM RELAÇÃO SEXUAL ANAL, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO.	197
8.12	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SOLTEIROS OU NÃO UNIDOS, COM EXPERIÊNCIA SEXUAL QUE ESTÃO ADOTANDO MEDIDAS PARA DIMINUIR O RISCO DE CONTRAIR AIDS, SEGUNDO A DESCRIÇÃO DAS MEDIDAS ADOTADAS, POR IDADE E SEXO.....	198
8.13	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SOLTEIROS OU NÃO UNIDOS COM EXPERIÊNCIA SEXUAL QUE ESTÃO ADOTANDO MEDIDAS PARA DIMINUIR O RISCO DE CONTRAIR AIDS, SEGUNDO A DESCRIÇÃO DAS MEDIDAS ADOTADAS, POR ESCOLARIDADE E SEXO..	199
9.1	PERCENTUAL DE JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE MACONHA E/OU DROGAS QUÍMICAS, SEGUNDO IDADE, ESCOLARIDADE E NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO, POR SEXO.....	200

9.2	PERCENTUAL DE JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE MACONHA E/OU DROGAS QUÍMICAS E QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE ÀS QUESTÕES FORMULADAS SOBRE ESTES DOIS TEMAS, SEGUNDO IDADE E SEXO	201
9.3	PERCENTUAL DE JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE MACONHA E/OU DROGAS QUÍMICAS E QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE ÀS QUESTÕES FORMULADAS SOBRE ESTES DOIS TEMAS, SEGUNDO ESCOLARIDADE E SEXO.....	202
9.4	PERCENTUAL DE JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE MACONHA E/OU DROGAS QUÍMICAS E QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE ÀS QUESTÕES FORMULADAS SOBRE ESTES DOIS TEMAS, SEGUNDO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO	203
9.5	PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONSIDERAM QUE A ORIENTAÇÃO SOBRE O PERIGO DE USAR DROGAS DESPERTA NAS PESSOAS A CURIOSIDADE PARA USÁ-LAS, POR ESCOLARIDADE E NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO, POR SEXO.....	204

T A B E L A 2.1

ESTIMATIVA DOS ERROS DA AMOSTRAGEM, SEGUNDO VALOR DA AMOSTRAGEM
E TAMANHO DA AMOSTRA SELECIONADA - N*

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

VALOR DA VARIÁVEL	N Ú M E R O D E C A S O S (N)							
	<u>25</u>	<u>50</u>	<u>100</u>	<u>200</u>	<u>300</u>	<u>400</u>	<u>600</u>	<u>800</u>
<u>%</u>								
5,0/95,0	10,1	7,1	5,1	3,6	2,9	2,5	2,1	1,8
10,0/90,0	13,9	9,8	7,0	4,9	4,0	3,5	2,8	2,5
20,0/80,0	18,6	13,1	9,3	6,6	5,4	4,6	3,8	3,3
30,0/70,0	21,3	15,0	10,6	7,5	6,1	5,3	4,3	3,8
40,0/60,0	22,7	16,1	11,4	8,0	6,6	5,6	4,6	4,0
50,0	23,2	16,4	11,6	8,2	6,7	5,8	4,7	4,1

* Intervalo de Confiança de 95% assumindo efeito por desenho = 1,4

T A B E L A 3.1

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS DOMICILIARES
E INDIVIDUAIS DOS JOVENS, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>DOMICÍLIOS</u>	<u>MULHERES</u>	<u>HOMENS</u>
Não há jovem na casa	70,0	74,6
Há jovem na casa	23,5	19,9
Domicílio desocupado	3,3	3,8
Moradores ausentes	0,1	0,6
Recusa	0,1	0,1
Outros	3,0	1,0
TOTAL	100,0	100,0
NÚMERO DE DOMICÍLIOS	3.436	3.436
<u>INDIVIDUAIS</u>		
Entrevista realizada	80,5	80,0
Ausência do jovem na casa	3,5	4,5
Recusa	2,5	1,8
Informante inadequado	0,6	1,0
Outros*	12,9	12,8
TOTAL	100,0	100,0
NÚMERO DE ENTREVISTAS POSSÍVEIS	999	938
ENTREVISTAS COMPLETAS	804	750
DURAÇÃO MÉDIA DA ENTREVISTA COMPLETA	22,8	25,5

*INCLUINDO MUDANÇAS DE DOMICÍLIO E JOVENS FORA DA FAIXA ETÁRIA,
15-24 ANOS

T A B E L A 3.2

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS , SEGUNDO ESTADO CIVIL, NÍVEL DE ESCOLARIDADE E CONDIÇÃO DE ATIVIDADE, POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	I D A D E					
	M U L H E R E S			H O M E N S		
	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
<u>CARACTERÍSTICAS</u>						
<u>ESTADO CIVIL</u>						
Vive com companheiro (a)	5,3	3,4	7,8	2,4	0,5	4,5
Casado (a)	17,0	5,2	31,6	5,7	1,5	10,5
Viúvo (a)	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,3
Separado (a)	3,1	2,3	4,2	1,7	0,5	3,1
Solteiro (a)	74,4	89,2	56,2	90,0	97,5	81,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
NÚMERO DE CASOS	(804)	(443)	(361)	(750)	(398)	(352)
<u>ESCOLARIDADE</u>						
NI INCP	8,1	7,9	8,3	8,3	8,3	8,2
NII INCP	42,7	51,9	31,3	42,5	51,3	32,7
2º G INCP	30,0	33,2	26,0	32,8	35,9	29,3
2º G CP OU UNIV	19,3	7,0	34,3	16,4	4,5	29,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
NÚMERO DE CASOS	(804)	(443)	(361)	(750)	(398)	(352)
<u>CONDIÇÃO DE ATIVIDADE</u>						
Só estuda	25,6	37,2	11,4	17,3	26,4	7,1
Só trabalha	27,2	21,2	34,6	46,5	32,4	62,5
Estuda e trabalha	16,2	16,2	15,2	26,7	29,9	23,0
Não estuda e não trabalha	31,0	24,6	38,8	9,5	11,3	7,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
NÚMERO DE CASOS	(804)	(443)	(361)	(750)	(398)	(352)

LEGENDA

NI INCP = 1º Grau Nível I Incompleto

NII INCP = 1º Grau Nível II Incompleto

2º G INCP = 2º Grau Incompleto

2º GCP OU UNIV = 2º Grau Completo ou Universidade

T A B E L A 3.3

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO NÍVEL SÓCIO ECONÔMICO DOS JOVENS
SEGUNDO ESCOLARIDADE, CONDIÇÃO DE ATIVIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

N Í V E L S Ó C I O - E C O N Ô M I C O

M U L H E R E S

H O M E N S

<u>ESCOLARI- DADE</u>	<u>TOTAL</u>	<u>BAIXO</u>	<u>MÉDIO BAIXO</u>	<u>MÉDIO</u>	<u>MÉDIO ALTO</u>	<u>ALTO</u>	<u>TOTAL</u>	<u>BAIXO</u>	<u>MÉDIO BAIXO</u>	<u>MÉDIO</u>	<u>MÉDIO ALTO</u>	<u>ALTO</u>
NI INCP	8,1	39,3	11,6	3,3	0,8	0,0	8,3	43,2	14,3	2,3	0,0	0,0
NII INCP	42,7	58,9	66,8	31,2	21,8	8,3	42,5	52,3	61,6	39,2	19,6	14,3
2º G INCP	30,0	1,8	20,6	38,8	40,3	35,4	32,8	4,6	22,9	43,1	38,6	40,0
2º GCP OU UNIV.	19,3	0,0	1,1	26,6	37,0	56,2	16,4	0,0	1,2	15,4	41,8	45,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(56)	(277)	(304)	(119)	(48)	(750)	(44)	(258)	(260)	(153)	(35)
<u>CONDIÇÃO DE ATIVIDADE</u>												
SÓ ESTUDA	25,6	7,1	14,4	27,0	42,9	60,4	17,3	0,0	7,4	20,8	26,1	48,6
SÓ TRABALHA	27,2	33,9	30,7	28,3	18,5	14,6	46,5	70,4	62,4	43,1	26,8	11,4
ESTUDA E TRA- BALHA	16,2	18,8	11,6	19,7	23,5	18,8	26,7	11,4	18,2	28,8	40,5	31,4
NÃO ESTUDA E NÃO TRABALHA	31,0	57,1	43,3	25,0	15,1	6,2	9,5	18,2	12,0	7,3	6,5	8,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(56)	(277)	(304)	(119)	(48)	(750)	(44)	(258)	(260)	(153)	(35)

T A B E L A 3.4

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEGUNDO RELIGIÃO E PORCENTAGEM DAQUELES QUE FREQUENTAM AS CERIMÔNIAS UMA VEZ OU MAIS POR MÊS, POR SEXO

SÃO PAULO-SP- BRASIL - 1988

	<u>M U L H E R E S</u>	<u>H O M E N S</u>
<u>RELIGIÃO</u>	<u>%</u>	<u>%</u>
CATÓLICA	76,0	75,9
PROTESTANTE/CRENTE	14,6	9,6
OUTRAS*	2,2	2,1
NÃO TEM RELIGIÃO	7,2	12,4
TOTAL	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(750)

FREQUENTAM UMA VEZ OU MAIS POR MÊS

<u>RELIGIÃO</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
CATÓLICA	42,2	(611)	36,0	(569)
PROTESTANTE/CRENTE	83,8	(117)	66,7	(72)
OUTRAS*	**	(18)	**	(16)
TOTAL	49,5	(746)	39,7	(657)

* Outras inclui: Espírita, Candomblé e Religiões Orientais

** Menos de 25 casos

T A B E L A 3.5

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEGUNDO TEMPO DE PERMANÊNCIA
NA CIDADE DE SÃO PAULO , POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	<u>M U L H E R E S</u>	<u>H O M E N S</u>
SEMPRE VIVEU EM SÃO PAULO	65,6	65,1
NÃO NASCERAM NA CIDADE DE SÃO PAULO*	34,4	34,9
TOTAL	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(750)
<u>*TEMPO DE PERMANÊNCIA</u>		
0 a 4 anos	36,5	33,7
5 a 9 anos	25,6	12,3
10 a 14 anos	20,6	26,0
15 a 19 anos	15,5	21,8
20 a 24 anos	1,8	6,1
Não Sabe	0,0	0,1
TOTAL	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(277)	(262)

T A B E L A 3.6

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE SEMPRE VIVERAM NA CIDADE DE SÃO PAULO, POR IDADE, ESTADO CIVIL, CONDIÇÃO DE ATIVIDADE, NÍVEL SÓCIO ECONÔMICO E SEXO

São Paulo- SP - BRASIL - 1988

<u>IDADE</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>% SEMPRE VI- VEU EM S.P.</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>% SEMPRE VI- VEU EM S.P.</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
15-17	73,3	(285)	76,7	(245)
18-19	67,1	(158)	65,4	(153)
20-24	58,7	(361)	56,8	(352)
TOTAL	65,6	(804)	65,1	(750)
<u>ESTADO CIVIL</u>				
VIVE COM COMPANHEIRO (A)	44,2	(43)	*	(18)
CASADO (A)	56,9	(137)	62,8	(43)
VIÚVO (A)/SEPARADO (A)	46,2	(26)	*	(14)
SOLTEIRO (A)	69,9	(598)	66,1	(675)
TOTAL	65,6	(804)	65,1	(750)
<u>CONDIÇÃO DE ATIVIDADE</u>				
SÓ ESTUDA	76,2	(206)	83,1	(130)
SÓ TRABALHA	53,4	(219)	53,3	(349)
ESTUDA E TRABALHA	80,0	(130)	71,5	(200)
NÃO ESTUDA E NÃO TRABALHA	59,8	(249)	71,8	(71)
TOTAL	65,6	(804)	65,1	(750)
<u>NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO</u>				
BAIXO	28,6	(56)	25,0	(44)
MÉDIO BAIXO	56,7	(277)	51,9	(258)
MÉDIO	71,4	(304)	70,8	(260)
MÉDIO ALTO	82,4	(119)	81,7	(153)
ALTO	81,2	(48)	97,1	(35)
TOTAL	65,6	(804)	65,1	(750)

* Menos de 25 casos

T A B E L A 3.7

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO GRAU DE ESCOLARIDADE QUE O JOVEM
ESPERA ALCANÇAR SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE ATUAL, POR SE
XO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

		<u>ESCOLARIDADE</u>					<u>ATUAL</u>				
		<u>M U L H E R E S</u>					<u>H O M E N S</u>				
<u>ESCOLARIDADE</u>		NI	NII	2º G	2º G CP		NI	NII	2º G	2º G CP	
<u>DESEJADA</u>	<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>OU UNIV</u>	<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>OU UNIV</u>	
ATÉ NI INCP	0,5	6,2	0,0	0,0	0,0	0,7	8,1	0,0	0,0	0,0	
ATÉ NII INCP	4,2	24,6	5,2	0,0	0,0	3,9	19,4	5,3	0,0	0,0	
ATÉ 2º G INCP	17,4	36,9	30,0	5,4	0,0	19,9	40,3	32,6	8,1	0,0	
ATÉ 2º G CP OU UNIV	72,0	27,7	61,8	91,3	83,2	67,9	29,0	58,6	83,7	79,7	
ATÉ PÓS GRA DUAÇÃO COMPLETA	3,7	0,0	0,3	2,1	15,5	5,6	0,0	1,6	5,7	18,7	
NÃO SABE	2,1	4,6	2,6	1,2	1,3	2,1	3,2	1,9	2,4	1,6	
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)	

T A B E L A 3.8

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE JÁ FUMARAM CIGARROS POR IDADE,
ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL- 1988

<u>I D A D E</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
15 - 17	32,6	(285)	34,7	(245)
18 - 19	41,1	(158)	54,9	(153)
20 - 24	44,6	(361)	59,9	(352)
T O T A L	39,7	(804)	50,7	(750)

E S C O L A R I D A D E

NI INCP	46,2	(65)	56,4	(62)
NII INCP	41,7	(343)	51,1	(319)
2º G INCP	34,4	(241)	47,2	(246)
2º GCP OU UNIV	40,6	(155)	53,7	(123)
T O T A L	39,7	(804)	50,7	(750)

T A B E L A 3.9

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE JÁ FUMARAM E CONTINUAM FUMANDO
ATUALMENTE, POR IDADE, ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

<u>I D A D E</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
15-17	63,4	(93)	56,5	(85)
18-19	60,0	(65)	59,5	(84)
20-24	70,2	(161)	73,4	(211)
TOTAL	66,1	(319)	66,6	(380)
<u>E S C O L A R I D A D E</u>				
NI INCP	56,7	(30)	57,1	(35)
NII INCP	74,8	(143)	72,4	(163)
2º G INCP	65,1	(83)	62,9	(116)
2º GCP OU UNIV	52,4	(63)	63,6	(66)
TOTAL	66,1	(319)	66,6	(380)

T A B E L A 3.10

PREVALÊNCIA DOS JOVENS QUE FUMAM ATUALMENTE POR IDADE E
ESCOLARIDADE, SEGUNDO SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

<u>I D A D E</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>PREVALÊNCIA</u> <u>ATUAL</u>	<u>Nº DE</u> <u>CASOS</u>	<u>PREVALÊNCIA</u> <u>ATUAL</u>	<u>Nº DE</u> <u>CASOS</u>
15-17	20,7	(285)	19,6	(245)
18-19	24,7	(158)	32,7	(153)
20-24	31,3	(361)	44,0	(352)
TOTAL	26,2	(804)	33,7	(750)

E S C O L A R I D A D E

NI INCP	26,2	(65)	32,2	(62)
NII INCP	31,2	(343)	37,0	(319)
2º G INCP	22,4	(241)	29,7	(246)
2º GCP OU UNIV	21,3	(155)	34,1	(123)
TOTAL	26,2	(804)	33,7	(750)

T A B E L A 4.1

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE RECEBERAM CURSO E/OU PALESTRA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E/OU FORA DA ESCOLA OU QUE NÃO TIVERAM NENHUMA ORIENTAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

I D A D E

<u>EDUCAÇÃO</u> <u>SEXUAL</u>	<u>M U L H E R E S</u>			<u>H O M E N S</u>		
	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
Só na escola	40,3	45,8	33,5	42,5	49,2	34,9
Escola e fora da escola	8,1	6,3	10,2	4,3	3,5	5,1
Só fora da escola	5,4	4,1	6,9	5,2	2,5	8,2
Não teve curso	46,3	43,8	49,3	48,0	44,8	51,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(443)	(361)	(750)	(398)	(352)

T A B E L A 4.2

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE TIVERAM AULA DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA, SEGUNDO CONTEÚDO MINISTRADO, POR SÉRIE ESCOLAR EM QUE RECEBERAM A PRIMEIRA AULA E SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

S É R I E D A P R I M E I R A A U L A

T E M A S	M U L H E R E S			H O M E N S		
	TOTAL	ATÉ 1º GRAU	1º GRAU COM	TOTAL	ATÉ 1º GRAU	1º GRAU COM
		INCP	PLETO OU MAIS		INCP	PLETO OU MAIS
Ciclo Menstrual	94,3	94,8	92,7	83,5	82,9	85,5
Desenvolvimento na Puberdade	75,8	73,6	84,1	68,7	70,9	60,5
D. S. T	73,5	70,4	85,4	87,2	86,9	88,2
Masturbação	59,4	58,6	62,2	72,9	73,8	69,7
Métodos anticonceptivos	57,8	54,1	72,0	74,1	72,7	78,9
Prostituição	53,5	53,7	52,4	56,4	57,8	51,3
Homossexualidade	51,9	50,5	57,3	60,7	60,7	60,5
Nº DE CASOS	(389)	(307)	(82)	(351)	(275)	(76)

T A B E L A 4.3

PERCENTUAL DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS DOS JOVENS QUE CONHECEM
OU OUVIRAM FALAR SOBRE OS DIFERENTES MÉTODOS ANTICONCEPCIO-
NAIS, POR ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

E S C O L A R I D A D E

<u>MÉTODO</u>	<u>TOTAL</u>	<u>M U L H E R E S</u>					<u>H O M E N S</u>				
		NI	NII	2º G	2º GCP	OU UNIV.	NI	NII	2º G	2º GCP	OU UNIV.
		<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>		<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	
Condom	98,4	92,3	98,3	99,2	100,0		98,4	91,9	99,4	98,0	100,0
Pílula	97,9	87,7	98,3	98,8	100,0		93,2	77,4	90,9	98,0	97,6
Ritmo	82,7	56,9	72,3	93,8	99,4		67,1	45,2	52,0	79,3	92,7
D I U	68,8	38,5	55,4	81,3	91,6		44,4	12,9	29,2	54,1	80,5
Injeções Mensais	68,2	63,1	64,4	67,6	79,4		41,6	32,3	42,6	44,7	37,4
Esterilização mas- culina	67,0	49,2	55,7	75,1	87,1		64,9	45,2	57,4	69,1	86,2
Esterilização fe- minina	66,2	53,8	55,1	71,0	88,4		55,7	40,3	47,3	61,4	74,0
Coito interrompido	58,1	47,7	42,9	66,8	82,6		81,6	66,1	74,3	87,8	95,9
Diafragma	45,6	15,4	27,1	61,0	75,5		41,7	21,0	25,7	54,9	67,5
Métodos vaginais	33,3	24,6	22,4	38,2	53,5		22,8	16,1	22,3	22,0	29,3
Billings	22,6	16,9	12,5	26,1	41,9		15,5	14,5	13,2	16,7	19,5
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)	

T A B E L A 4.4

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE TIVERAM OU NÃO CURSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E SE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR SOBRE OS MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

MÉTODOS	<u>M U L H E R E S</u>				<u>H O M E N S</u>			
	<u>TIVERAM CURSO</u>				<u>TIVERAM CURSO</u>			
	<u>NÃO TIVE- RAM CURSO</u>	<u>TIVERAM CURSO</u>	<u>% SEM TEMA</u>	<u>% COM TEMA</u>	<u>NÃO TIVE- RAM CURSO</u>	<u>TIVERAM CURSO</u>	<u>% SEM TEMA</u>	<u>% COM TEMA</u>
CONDON	98,1	98,7	98,8	98,7	98,0	98,9	96,7	99,6
PÍLULA	96,4	99,5	99,4	99,6	90,5	96,3	90,1	98,5
RÍTMO	76,1	89,7	90,2	89,3	57,9	77,5	76,9	77,7
INJEÇÕES MEN- SAIS	65,8	70,7	67,7	72,9	37,8	45,9	34,1	50,0
ESTERILIZAÇÃO FEMININA	63,1	69,4	75,6	64,9	49,4	63,0	61,5	63,5
ESTERILIZAÇÃO MASCULINA	61,2	73,3	75,6	71,6	59,1	71,5	68,1	72,7
D I U	61,0	77,1	79,9	75,1	34,6	55,6	56,0	55,4
COITO INTER- ROMPIDO	53,2	63,2	64,6	62,2	77,4	86,3	82,4	87,7
DIAFRÁGMA	34,2	57,8	58,5	57,3	29,1	56,1	50,5	58,1
MÉTODOS VA- GINAIS	24,3	42,9	37,2	47,1	17,8	28,5	20,9	31,2
BILLINGS	14,4	31,4	34,1	29,3	9,0	22,8	16,5	25,0
OUTROS	2,4	4,1	6,1	2,7	3,0	5,4	8,8	4,2
Nº DE CASOS (415)		(389)	(164)	(225)	(399) *	(351)	(91)	(260)

* Inclui 3 casos que nunca foram à escola

T A B E L A 4.5

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE ALGUMAS
DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS POR ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

E S C O L A R I D A D E

	<u>M U L H E R E S</u>					<u>H O M E N S</u>				
		NI	NII	2º G	2º GCP ou UNIV.		NI	NII	2º G	2º GCP ou UNIV.
<u>DOENÇAS</u>	<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>		<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	
GONORRÉIA	75,5	53,8	66,8	85,9	87,7	92,5	79,0	90,6	95,9	97,6
SÍFILIS	61,8	20,0	43,4	80,1	91,6	61,9	25,8	46,4	78,5	87,0
HERPES	37,1	13,8	23,0	44,0	67,1	37,3	19,4	27,0	43,9	60,2
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)

T A B E L A 4.6

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE TIVERAM OU NÃO CURSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE ALGUMAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

M U L H E R E SH O M E N S

<u>DOENÇAS</u>	<u>TIVERAM CURSO</u>				<u>TIVERAM CURSO</u>			
	<u>NÃO TIVE- RAM CURSO</u>	<u>TIVERAM CURSO</u>	<u>% SEM TEMA</u>	<u>% COM TEMA</u>	<u>NÃO TIVE- RAM CURSO</u>	<u>TIVERAM CURSO</u>	<u>% SEM TEMA</u>	<u>% COM TEMA</u>
GONORRÉIA	66,7	84,8	75,7	88,1	90,5	94,9	91,1	95,4
SÍFILIS	48,7	75,8	68,9	78,3	47,9	77,8	68,9	79,1
HERPES	28,4	46,3	43,7	47,2	28,8	47,0	37,8	48,4
Nº DE CASOS	(415)	(389)	(103)	(286)	(399)*	(351)	(45)	(306)

* Inclui 3 casos que nunca foram à escola

T A B E L A 4.7

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONHECEM O PERÍODO FÉRTIL, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE, EM RELAÇÃO AO FATO DE TEREM TIDO OU NÃO CURSO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA, E SE FOI ABORDADO O TEMA CICLO MENSTRUAL, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
<u>T O T A L</u>	18,3	(804)	15,6	(750)
<u>ESCOLARIDADE</u>				
NI INCP	9,2	(65)	9,7	(62)
NII INCP	13,1	(343)	9,1	(319)
2º G INCP	18,3	(241)	19,9	(246)
2º GCP OU UNIV.	33,6	(155)	26,8	(123)
<u>EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA</u>				
SIM	19,5	(389)	22,2	(351)
COM TEMA	19,6	(367)	21,5	(293)
SEM TEMA	*	(22)	25,9	(58)
NÃO	17,1	(415)	9,8	(399)

* Menos de 25 casos

T A B E L A 4.8

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONHECEM O PERÍODO FÉRTIL, SEGUNDO
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE, POR SEXO

SÃO PAULO - SP- BRASIL - 1988

<u>ESCOLARIDADE DA MÃE</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
NUNCA FOI À ESCOLA	11,4	(141)	6,9	(101)
NI INCP	10,9	(137)	18,5	(130)
NII COMPLETO	21,2	(344)	15,9	(352)
2º G OU UNIV.	40,2	(77)	25,0	(64)
NÃO LEMBRA/NÃO SABE	11,4	(105)	13,6	(103)
TOTAL	18,3	(804)	15,6	(750)

T A B E L A 4.9

PERCENTUAL DAS JOVENS QUE CONVERSARAM SOBRE MENSTRUACÃO
COM SUAS MÃES ATÉ 15 ANOS DE IDADE, SEGUNDO ESCOLARIDADE
DA MÃE

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>ESCOLARIDADE DA MÃE</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
NUNCA FOI À ESCOLA	37,6	(141)
ATÉ NI COMPLETO	56,8	(340)
ATÉ NII COMPLETO	73,8	(141)
ATÉ 2º G COMPLETO	83,7	(49)
ATÉ UNIVERSIDADE COMPLETA	96,4	(28)
NÃO SABE	41,9	(105)
TOTAL	57,5	(804)

T A B E L A 4.10

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACHAM QUE A MASTURBAÇÃO FAZ MAL À SAÚDE, SEGUNDO SE TIVERAM OU NÃO CURSO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA, E SE FOI ABORDADO O TEMA MASTURBAÇÃO, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>EDUCAÇÃO SEXUAL</u> <u>NA ESCOLA</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
SIM	20,8	(389)	30,8	(351)
COM TEMA		24,7 (367)		27,7 (293)
SEM TEMA		* (22)		38,9 (58)
NÃO	33,2	(415)	43,1	(399)
T O T A L	27,2	(804)	37,3	(750)

* Menos de 25 casos

T A B E L A 4.11

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACHAM QUE DEVERIA SER DADO UM CURSO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL
NA ESCOLA, SEGUNDO A SÉRIE ESCOLAR QUE CONSIDERAM MAIS APROPRIADA PARA INICIAR TAL CURSO, POR IDADE,
ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO-SP - BRASIL - 1988

I D A D E	M U L H E R E S						H O M E N S					
	ATÉ 4ª	5ª SÉRIE	6ª À 8ª	2º GRAU	ATÉ	TOTAL	ATÉ 4ª	5ª SÉRIE	6ª À 8ª	2º GRAU	ATÉ	TOTAL
	SÉRIE DO 1º GRAU	DO 1º GRAU	SÉRIE DO 1º GRAU	1ª SÉRIE DO 3º GRAU	SÉRIE DO 3º GRAU	Nº DE CASOS *	SÉRIE DO 1º GRAU	DO 1º GRAU	SÉRIE DO 1º GRAU	1ª SÉRIE DO 3º GRAU	SÉRIE DO 3º GRAU	Nº DE CASOS *
15 - 17	14,8	41,7	40,2	2,5	100,0	(276)	11,2	41,7	43,5	2,7	100,0	(223)
18 - 19	24,0	38,3	33,1	3,9	100,0	(154)	19,6	37,8	33,8	5,4	100,0	(148)
20 - 24	24,2	44,4	29,1	1,4	100,0	(351)	25,8	34,7	34,0	5,2	100,0	(326)
TOTAL	20,9	42,2	33,8	2,3	100,0	(781)	19,8	37,6	37,0	4,4	100,0	(697)
<u>ESCOLARIDADE</u>												
NI INCP	40,3	21,0	29,0	3,2	100,0	(62)	49,0	29,4	13,7	2,0	100,0	(51)
NII INCP	21,4	46,1	32,2	0,0	100,0	(332)	20,1	38,4	38,8	1,7	100,0	(294)
2º G INCP	12,8	43,0	39,1	4,7	100,0	(235)	11,1	38,9	42,7	6,4	100,0	(234)
2º GCP OU UNIV.	24,3	41,4	30,9	3,3	100,0	(152)	23,7	36,4	31,4	8,5	100,0	(118)
TOTAL	20,9	42,2	33,8	2,3	100,0	(781)	19,8	37,6	37,0	4,4	100,0	(697)

* EXCLUI 6 MULHERES E 8 HOMENS QUE NÃO SOUBERAM DIZER EM QUE SÉRIE ESCOLAR SERIA APROPRIADO INICIAR CURSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL.

T A B E L A 5. 1

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO QUEM FORNECEU A PRIMEIRA INFORMAÇÃO SOBRE RELAÇÕES SEXUAIS, POR IDADE QUE RECEBEU ESTA PRIMEIRA INFORMAÇÃO E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	<u>I D A D E</u>													
	<u>TOTAL*</u>	<u>9 OU MENOS</u>	<u>M U L H E R E S</u>				<u>16 OU MAIS</u>	<u>TOTAL*</u>	<u>9 OU MENOS</u>	<u>H O M E N S</u>				<u>16 OU MAIS</u>
			<u>10-11</u>	<u>12-13</u>	<u>14</u>	<u>15</u>				<u>10-11</u>	<u>12-13</u>	<u>14</u>	<u>15</u>	
AMIGO (A)	30,4	12,7	23,2	22,5	45,5	34,9	45,5	46,3	34,5	54,0	47,6	42,4	32,0	63,0
MÃE	28,1	36,4	31,3	36,5	20,8	21,7	16,4	5,0	14,5	7,1	4,5	2,2	2,6	5,5
PROFESSOR (A)	14,6	20,0	15,2	16,4	13,9	16,0	8,2	9,9	3,6	1,8	11,5	16,3	19,2	9,6
MEIOS DE COMU- NICAÇÃO	7,3	3,6	6,1	6,1	9,9	10,4	7,3	5,8	5,5	4,4	4,5	5,4	16,7	1,4
IRMÃO (A)	7,1	7,3	11,1	7,8	4,0	6,6	4,5	5,8	10,9	4,4	6,7	5,4	7,7	1,4
PAI E MÃE	1,2	9,1	0,0	1,2	1,0	0,0	0,0	2,4	5,5	2,6	2,2	3,3	0,0	0,0
PAI	1,0	5,4	1,0	1,2	0,0	0,0	0,0	11,3	16,4	16,8	11,2	10,9	9,0	6,8
OUTRA PESSOA	8,7	5,4	10,1	7,0	5,0	8,5	18,2	6,4	3,6	4,4	5,6	9,8	7,7	11,0
NÃO LEMBRA	1,6	0,0	2,0	1,2	0,0	1,9	0,0	7,2	5,5	4,4	6,3	9,4	5,1	1,4
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(737)	(55)	(99)	(244)	(101)	(106)	(110)	(724)	(55)	(113)	(269)	(92)	(78)	(73)

* Inclui 22 mulheres e 44 homens que não lembram a idade em que receberam esta primeira informação

T A B E L A 5. 2

PERCENTUAL DE JOVENS QUE DECLARARAM TER RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARI
TAL, POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>I D A D E</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
<u>15 - 19</u>	26,6	(443)	72,9	(398)
15-17	18,2	(285)	64,1	(245)
18-19	41,8	(158)	86,9	(153)
<u>20 - 24</u>	57,6	(361)	94,3	(352)
20-21	51,2	(144)	95,7	(138)
22-24	61,8	(217)	93,5	(214)
T O T A L	40,5	(804)	82,9	(750)

T A B E L A 5. 3

PERCENTUAL DE JOVENS QUE DECLARARAM TER RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>ESCOLARIDADE</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
1º GRAU NI INCP	50,8	(65)	80,6	(62)
1º GRAU NII INCP	38,5	(343)	79,9	(319)
2º GRAU INCP	36,9	(241)	82,9	(246)
2º GRAU CP OU UNIV.	44,5	(155)	91,9	(123)
T O T A L	40,5	(804)	82,9	(750)

T A B E L A 5. 4

PERCENTUAL DE JOVENS QUE DECLARARAM TER RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL SEGUNDO SUA RELIGIÃO, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>R E L I G I ã O</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS*</u>
Não tem religião	53,4	(58)	87,1	(93)
Católica- Igreja menos de uma vez por mês	47,0	(353)	85,4	(363)
Católica- Igreja uma vez ou mais por mês	31,0	(258)	81,0	(205)
Protestante/Crente	26,3	(95)	58,7	(46)

* Exclui um caso cuja religião é ignorada

T A B E L A 5. 5

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE JOVENS QUE DECLARARAM TER RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, SEGUNDO IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO, POR SEXO

SÃO PAULO SP - BRASIL - 1988

IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL (ANOS)	M U L H E R E S	H O M E N S
	%	%
< 13	2,1	10,8
13	1,5	14,0
14	7,7	16,2
15	18,4	17,2
16	14,1	17,5
17	18,1	13,2
18	16,0	4,5
19	8,3	1,6
20	6,4	1,4
21	2,8	0,5
22	1,8	0,0
23	1,2	0,0
24	0,0	0,0
Não sabe/Não lembra	1,5	3,0
T O T A L	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(326)	(622)
<u>IDADE MÉDIA AO TER A PRIMEIRA RELAÇÃO*</u>	16,9	14,9
<u>IDADE MÉDIA DO (A) PARCEIRO (A)</u>	21,6	16,9

* Exclui 5 mulheres e 19 homens com idade da primeira relação sexual ignorada

T A B E L A 5. 6

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO A IDADE DO PARCEIRO NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL
PRÉ-MARITAL, POR IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL-1988

I D A D E D O P A R C E I R O

M U L H E R E S

H O M E N S

ANOS MAIS VELHO

ANOS MAIS VELHA

IDADE DA 1ª PRE-MARITAL	MAIS JOVEM	MESMA IDADE				NÃO		Nº DE CASOS**						NÃO		Nº DE CASOS***
			1 - 2	3 - 5	6 ou+	SABE	TOTAL		MAIS JOVEM	MESMA IDADE	1 - 2	3 - 5	6 ou+	SABE	TOTAL	
< 15	0,0	0,0	10,8	24,3	62,2	2,7	100,0	(37)	13,7	16,9	23,5	23,1	12,6	10,2	100,0	(255)
15 - 17	1,2	5,4	18,2	38,8	32,1	4,2	100,0	(165)	20,5	14,4	27,8	12,4	12,8	12,1	100,0	(298)
18 - 19	3,8	16,5	17,7	31,6	30,4	0,0	100,0	(79)	36,8	10,5	26,3	15,8	7,9	2,6	100,0	(38)
20 - 24	7,5	12,5	22,5	20,0	32,5	5,0	100,0	(40)	*	*	*	*	*	*	100,0	(12)
T O T A L	2,4	8,3	17,5	32,5	34,7	4,6	100,0	(326)	19,4	14,5	24,6	16,4	11,9	13,2	100,0	(622)

* Menos de 25 casos

** Inclui 5 mulheres com idade da primeira relação sexual, ignorada

*** Inclui 19 homens com idade da primeira relação sexual, ignorada

T A B E L A 5. 7

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEGUNDO O PARCEIRO DA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

P A R C E I R O	I D A D E D A 1ª R E L A Ç Ã O							
	M U L H E R E S				H O M E N S			
	TOTAL	< 15	15-19	20-24	TOTAL	< 15	15-19	20-24
NAMORADO (A)	75,8	67,6	77,0	80,0	23,3	16,5	29,2	*
NOIVO (A)	16,6	10,8	17,6	17,5	0,6	0,0	0,3	*
AMIGO (A)	6,4	21,6	4,5	2,5	61,2	67,8	57,1	*
PROSTITUTA	0,0	0,0	0,0	0,0	9,6	7,4	11,0	*
EMPREGADA	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0	1,2	0,9	*
OUTRO (A)	1,2	0,0	0,8	0,0	4,2	7,1	1,5	*
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS**	(326)	(37)	(244)	(40)	(622)	(255)	(336)	(12)

* Menos de 25 casos

** Inclui 5 mulheres e 19 homens com idade da primeira relação sexual, ignorada

T A B E L A 5. 8

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEGUNDO O LOCAL UTILIZADO PARA A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO

SÃO PAULO SP - BRASIL - 1988

I D A D E D A 1ª R E L A Ç Ã O

M U L H E R E S

H O M E N S

<u>L O C A L</u>	<u>TOTAL</u>	<u>< 15</u>	<u>15-17</u>	<u>18-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>< 15</u>	<u>15-17</u>	<u>18-24</u>
Casa do (a) Parceiro (a)	37,7	35,1	46,7	26,9	35,8	36,5	35,9	34,0
Hotel/Motel	27,0	18,9	15,2	46,2	7,6	3,1	7,0	30,0
Sua Casa	17,8	10,8	19,4	18,5	21,2	26,3	18,5	14,0
Carro	5,8	8,1	7,9	2,5	3,4	2,0	4,0	8,0
Casa de amigo (a)	4,6	2,7	5,4	4,2	5,5	6,7	5,4	2,0
Rua	0,9	5,4	0,6	0,0	3,4	4,3	3,0	2,0
Prostíbulo	0,0	0,0	0,0	0,0	5,8	5,1	7,0	4,0
Outro	4,6	18,9	3,6	0,8	17,0	16,0	18,8	6,0
Não lembra	1,5	0,0	1,2	0,8	0,3	0,0	0,3	0,0
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS *	(326)	(37)	(165)	(119)	(622)	(255)	(298)	(50)

* Inclui 5 mulheres e 19 homens com idade da primeira relação sexual, ignorada

T A B E L A 5. 9

PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS
ÍTEMES QUE AVALIAM OS SENTIMENTOS ASSOCIADOS À PRIMEIRA RE
LAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

SENTIMENTOS	<u>I D A D E D A 1ª R E L A Ç Ã O</u>							
	<u>M U L H E R E S</u>				<u>H O M E N S</u>			
	<u>TOTAL</u>	<u>< 15</u>	<u>15-17</u>	<u>18-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>< 15</u>	<u>15-17</u>	<u>18-24</u>
Dor	80,1	81,1	78,2	83,2	27,5	28,6	28,9	18,0
Amor	73,0	62,2	71,5	79,8	39,5	25,5	45,6	52,0
Medo	72,7	81,1	72,7	70,6	51,1	53,3	50,0	46,0
Vergonha	66,3	83,8	66,1	61,3	35,2	37,6	36,6	14,0
Prazer	54,3	43,2	52,7	61,3	87,3	81,1	92,6	94,0
Culpa	30,7	43,2	29,7	28,6	12,2	11,8	11,7	20,0
Nº DE CASOS*	(326)	(37)	(165)	(119)	(622)	(255)	(298)	(50)

* Inclui 5 mulheres e 19 homens que não lembram a idade da primeira relação sexual

T A B E L A 5. 10

PERCENTUAL DE JOVENS QUE USARAM ALGUM MÉTODO ANTICONCEPTIVO
NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE DA PRIMEI
RA RELAÇÃO E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS*</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS**</u>
< 15	16,2	(37)	10,2	(255)
15 - 17	33,3	(165)	30,2	(298)
18 - 19	35,4	(79)	36,0	(50)
20 - 24	30,0	(40)		
Não lembra/Não sabe	***	(5)	***	(19)
T O T A L	31,6	(326)	21,9	(622)

* Inclui 5 mulheres com idade da primeira relação sexual, ignorada

** Inclui 19 homens com idade da primeira relação sexual, ignorada

*** Menos de 25 casos

T A B E L A 5. 11

PERCENTUAL DE JOVENS QUE USARAM MÉTODOS ANTICONCEPTIVOS NA
PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, SEGUNDO CONHECIMENTO
DA FASE CORRETA DO PERÍODO FÉRTIL, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

CONHECIMENTO DO PERÍODO FÉRTIL	M U L H E R E S		H O M E N S	
	%	Nº DE CASOS	%	Nº DE CASOS
SIM	46,3	(67)	30,7	(101)
NÃO	27,8	(259)	20,2	(521)
T O T A L	31,6	(326)	21,9	(622)

T A B E L A 5. 12

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS USADOS
PELOS JOVENS NA SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR
IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>M É T O D O</u>	<u>I D A D E D A 1ª R E L A Ç Ã O</u>					
	<u>M U L H E R E S</u>			<u>H O M E N S</u>		
	<u>TOTAL</u>	<u>ATÉ 17</u>	<u>18-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>ATÉ 17</u>	<u>18-24</u>
Coito interrompido	45,6	47,5	45,0	44,1	43,1	**
Condom	23,3	23,0	22,5	18,4	19,0	**
Pílula	21,4	21,3	20,0	30,9	31,0	**
Ritmo	7,8	6,6	10,0	2,9	2,6	**
Outros	1,9	1,6	2,5	3,7	4,3	**
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS*	(103)	(61)	(40)	(136)	(116)	(18)

* Inclui 2 mulheres e 2 homens com idade da primeira relação sexual, ignorada

** Menos de 25 casos

T A B E L A 5. 13

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE TIVERAM RELAÇÕES SEXUAIS PRÉ-MARITAIS E USARAM ALGUM MÉTODO ANTICONCEPTIVO, SEGUNDO QUEM DECIDIU PELO SEU USO, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>D E C I S Ã O</u>	<u>M U L H E R E S</u>	<u>H O M E N S</u>
	<u>%</u>	<u>%</u>
Os dois juntos	62,1	28,7
O homem	19,4	37,5
A mulher	18,4	33,8
T O T A L	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(103)	(136)

T A B E L A 5. 14

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO AS RAZÕES PELAS
QUAIS NÃO USARAM MÉTODOS ANTICONCEPTIVOS NA PRIMEIRA RELACÃO
SEXUAL PRÉ-MARITAL, POR IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	<u>I D A D E D A 1ª</u>				<u>R E L A Ç Ã O</u>			
	<u>M U L H E R E S</u>				<u>H O M E N S</u>			
<u>R A Z Õ E S</u>	<u>TOTAL</u>	<u>< 15</u>	<u>15-17</u>	<u>18-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>< 15</u>	<u>15-17</u>	<u>18-24</u>
Não esperava ter relações naquele momento	41,4	45,2	38,2	45,6	23,7	15,9	34,8	20,0
Não conhecia ne- nhum método	17,6	16,1	21,8	11,4	37,6	52,3	24,6	6,7
Não se preocupou/Não se inportou com isso	22,5	19,4	18,2	29,1	31,9	25,4	34,2	70,0
Queria engravidar	9,0	3,2	11,8	7,6	1,3	0,0	3,2	0,0
Acredita que os an- ticoncepcionais fa- zem mal à saúde	0,9	0,0	0,9	1,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Conhecia, mas não sabia onde obter anticoncepcionais	0,4	3,2	0,0	0,0	0,2	0,0	0,5	0,0
Outro	5,9	12,9	7,3	1,3	2,2	2,3	1,6	3,3
Não sabe/Não lembra	2,3	0,0	1,8	3,8	3,1	4,1	1,1	0,0
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS*	(222)	(31)	(110)	(79)	(452)	(220)	(187)	(30)

* Inclui 2 mulheres e 15 homens com idade da primeira relação sexual,
ignorada

T A B E L A 5. 15

PERCENTUAL DOS JOVENS NÃO CASADOS, QUE TIVERAM RELAÇÕES
SEXUAIS NO ÚLTIMO MÊS E QUE USARAM ANTICONCEPCIONAIS, POR
IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

I D A D E

	<u>M U L H E R E S</u>			<u>H O M E N S</u>		
	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
Percentual dos que ti veram relação sexual nos últimos 30 dias	42,6	40,7	44,2	34,8	24,7	44,9
Nº de casos (total de jovens não casados com experiência sexual)	(190)	(86)	(104)	(566)	(283)	(283)
Percentual dos que usa ram anticoncepcionais	75,3	65,7	82,6	82,2	78,6	84,2
Nº DE CASOS	(81)	(35)	(46)	(197)	(70)	(127)

T A B E L A 5. 16

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS NÃO CASADOS, SEXUALMENTE ATIVOS, SEGUNDO A FREQUÊNCIA DE RELAÇÕES SEXUAIS NO ÚLTIMO MÊS, POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

I D A D EM U L H E R E SH O M E N S

<u>FREQUÊNCIA</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
1	11,1	14,3	8,7	20,8	28,6	16,5
2	30,9	28,6	32,6	22,8	18,6	25,2
3	17,3	11,4	21,7	23,9	27,1	22,0
4	9,9	11,4	8,7	13,7	12,9	14,2
5-10	11,1	8,6	13,1	15,2	11,4	17,3
11 ou mais	4,9	2,9	6,6	3,0	1,4	3,9
Não lembra	14,8	22,9	8,7	0,5	0,0	0,8
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(81)	(35)	(46)	(197)	(70)	(127)
Percentual de jo						
vens com mais de	0,0	0,0	0,0	13,7	8,6	16,5
um parceiro						

T A B E L A 5. 17

PERCENTUAL DOS JOVENS CASADOS OU UNIDOS, QUE USARAM ALGUM MÉ-
TODO ANTICONCEPTIVO NA ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL, POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>I D A D E</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>% USANDO</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>% USANDO</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
15 - 19	57,1	(28)	*	(6)
20 - 24	83,8	(114)	63,8	(47)
T O T A L	80,3	(142)	62,3	(53)

* Menos de 25 casos

T A B E L A 5. 18

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO MÉTODO ANTICON-
CEPTIVO USADO NA ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL, POR ESTADO CIVIL
E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>M É T O D O S</u>	<u>E S T A D O C I V I L</u>			
	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>CASADAS</u> <u>OU</u> <u>UNIDAS</u>	<u>NÃO CASADAS</u>	<u>CASADOS</u> <u>OU</u> <u>UNIDOS</u>	<u>NÃO CASADOS</u>
Pílula	64,9	45,9	75,8	33,3
Coito interrompido	10,5	18,0	3,0	24,7
Esterilização femi- nina	5,3	1,6	0,0	1,9
Condom	4,4	14,8	9,1	34,6
Injeções mensais	3,5	3,2	0,0	0,0
Tabela	2,6	0,0	3,0	0,6
Esterilização mascu- lina	2,6	0,0	0,0	0,0
Métodos vaginais	1,8	1,6	0,0	0,0
Outros	0,9	0,0	0,0	0,0
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(114)	(61)	(33)	(162)

T A B E L A 5. 19

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SEXUALMENTE ATIVOS QUE USARAM MÉTODO ANTICONCEPTIVO NA ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL, SEGUNDO LOCAL ONDE CONSEGUIU O MÉTODO OU RECEBEU INFORMAÇÃO PARA O SEU USO, POR ESTADO CIVIL E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>F O N T E</u>	<u>E S T A D O</u>		<u>C I V I L</u>	
	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>CASADAS</u>	<u>NÃO CASADAS</u>	<u>CASADOS</u>	<u>NÃO CASADOS</u>
FARMÁCIA	55,3	41,0	71,9	59,7
MÉDICO/HOSPITAL PARTICULAR	13,1	23,0	3,1	4,2
HOSPITAL OU CLÍNICA DE CONVÊNIO/HOSPITAL PÚBLICO*	9,6	1,6	3,1	2,8
AMIGOS/PARENTES	3,5	11,5	9,4	16,7
OUTROS	1,0	1,6	3,1	1,4
NÃO SE APLICA	9,6	13,1	3,1	6,9
NÃO LEMBRA/NÃO SABE	7,9	8,2	6,2	8,3
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(114)	(61)	(32)	(144)

* Inclui Hospitais ou Clínicas conveniadas com INAMPS

T A B E L A 6.1

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA IDADE DA MENARCA , POR IDADE

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

	<u>I D A D E</u>			
<u>IDADE DA MENARCA</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-17</u>	<u>18-19</u>	<u>20-24</u>
08	0,4	-	0,6	0,6
09	2,1	1,8	4,4	1,4
10	5,2	6,7	3,8	4,7
11	17,0	18,9	17,7	15,2
12	26,7	29,8	22,8	26,0
13	23,4	19,6	25,3	25,5
14	15,9	18,6	16,5	13,6
15	5,6	3,5	6,3	6,9
16	2,6	0,4	2,5	4,4
17	0,2	-	-	0,6
18	0,1	-	-	0,3
19	-	-	-	0,3
AINDA NÃO MENSTRUOU	0,2	0,7	0,0	0,0
IGNORADA	0,2	0,0	0,0	0,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(285)	(158)	(361)
 IDADE MÉDIA DA MENARCA	 12,5	 12,3	 12,5	 12,7
Nº DE CASOS	(800)	(283)	(158)	(359)

T A B E L A 6.2

PERCENTUAL DAS JOVENS DA AMOSTRA GERAL E DAS JOVENS COM EXPERIÊNCIA SEXUAL POR OCASIÃO DA ENTREVISTA, QUE JÁ ENGRAVIDARAM ALGUMA VEZ, POR IDADE

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>I D A D E</u>	<u>TODAS AS ENTREVISTADAS</u>		<u>JOVENS COM EXPERIÊNCIA SEXUAL</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
15-17	6,3	(285)	34,6	(52)
18-19	23,4	(158)	51,4	(72)
20-24	46,3	(361)	67,9	(246)
T O T A L	27,6	(804)	60,0	(370)

T A B E L A 6.3

PERCENTUAL DAS JOVENS QUE JÁ ENGRAVIDARAM ALGUMA VEZ, SEGUNDO
ESCOLARIDADE, POR IDADE

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

<u>ANOS DE ESCOLA- RIDADE</u>	<u>I D A D E</u>							
	<u>TOTAL</u>		<u>15-17</u>		<u>18-19</u>		<u>20-24</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
0-4	38,1	(155)	12,7	(63)	30,8	(26)	65,2	(66)
5-8	28,1	(384)	5,2	(172)	30,8	(78)	56,0	(134)
9 ou +	20,8	(265)	2,0	(50)	9,3	(54)	30,4	(161)
TOTAL	27,6	(804)	6,3	(285)	23,4	(158)	46,3	(361)

T A B E L A 6.4

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE GESTAÇÕES DAS JOVENS ,
POR IDADE

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

<u>NÚMERO DE GESTAÇÕES</u>	<u>TOTAL</u>	<u>I D A D E</u>	
		<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
01	58,1	80,0	50,9
02	27,9	14,5	32,3
03	8,1	5,5	9,0
04 ou +	5,9	0,0	7,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(222)	(55)	(167)

T A B E L A 6.5

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA IDADE DAS JOVENS COM PELO MENOS UM
FILHO NASCIDO VIVO, QUANDO DO NASCIMENTO DO PRIMEIRO FILHO VI
VO, POR IDADE

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

<u>I D A D E</u>			
<u>IDADE QUANDO NASCEU</u>			
<u>PRIMEIRO FILHO</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
12	0,6	2,6	0,0
13	0,6	2,6	0,0
15	5,0	15,8	2,1
16	7,2	18,4	4,2
17	18,2	23,7	16,8
18	16,0	26,3	13,3
19	18,8	10,5	21,0
20	11,0	-	14,0
21	12,7	-	16,1
22	7,2	-	9,1
23	-	-	1,4
24	-	-	2,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(181)	(38)	(143)
IDADE MÉDIA (ANOS)	18,7	16,7	19,1

T A B E L A 6.6

TAXA ESPECÍFICA DE FECUNDIDADE (TEF), POR IDADE

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>I D A D E</u>	<u>TEF POR 1.000 MULHERES</u>	
15-19	45	(443)
20-24	130	(361)
T O T A L	83	(804)

T A B E L A 6.7

PERCENTUAL DO PRIMEIRO FILHO NASCIDO VIVO CONCEBIDO PRÉ-MARITALMENTE, DAS JOVENS ALGUMA VEZ CASADAS OU UNIDAS, SEGUNDO IDADE DA PRIMEIRA UNIÃO, E ANOS DE ESCOLARIDADE

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	<u>C O N C E P Ç Ã O P R É - M A R I T A L</u>			
	PRIMEIROS 7			<u>Nº DE CASOS</u>
	<u>ANTES DA UNIÃO</u>	<u>MESES DE UNIÃO</u>	<u>TOTAL</u>	
T O T A L	13,4	31,7	45,1	(142)*
<u>IDADE DA PRIMEIRA UNIÃO</u>				
11-17	7,3	32,7	40,0	(55)
18-19	10,0	34,0	34,0	(50)
20-24	27,0	27,1	54,1	(37)
<u>ANOS DE ESCOLARIDADE</u>				
0-3	13,2	28,9	42,1	(38)
4-7	13,9	30,6	44,5	(72)
8 ou +	12,5	37,5	50,0	(32)

* Exclui 31 casos com data de casamento ou união consensual desconhecida

T A B E L A 6.8

PERCENTUAL DO PRIMEIRO FILHO NASCIDO VIVO REFERIDO PELA JOVEM
 COMO NÃO DESEJADO, SEGUNDO IDADE DELA QUANDO DO PRIMEIRO NAS-
 CIMENTO E ANOS DE ESCOLARIDADE

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

<u>IDADE QUANDO NASCEU</u> <u>PRIMEIRO FILHO</u>	<u>% NÃO DESEJADO</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
12-17	24,6	(57)
18-19	23,8	(63)
20-24	24,6	(61)
 <u>ANOS DE ESCOLARIDADE</u>		
0-4	27,5	(51)
5-8	23,7	(93)
9 ou +	21,6	(37)
TOTAL	24,3	(181)

T A B E L A 6.9

PERCENTUAL DE JOVENS QUE NÃO DESEJARAM A ÚLTIMA GRAVIDEZ
SEGUNDO NÚMERO DE GESTAÇÕES, POR IDADE

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

		<u>I D A D E</u>				
<u>NÚMERO DE GESTAÇÕES</u>	<u>TOTAL</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>15-19</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>20-24</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
01	35,7	(129)	34,1	(44)	36,5	(85)
02	32,3	(62)	*	(08)	31,5	(54)
03 ou +	35,5	(31)	*	(03)	32,1	(28)
T O T A L	34,7	(222)	36,4	(55)	34,1	(167)

* Menos de 25 casos

T A B E L A 6.10

PERCENTUAL DE JOVENS QUE NÃO DESEJARAM A ÚLTIMA GRAVIDEZ SEGUN
DO NÚMERO DE GESTAÇÕES, POR ESTADO CIVIL ATUAL

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>E S T A D O C I V I L</u>								
<u>NÚMERO DE GESTAÇÕES</u>	<u>TOTAL</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>ATUALMENTE</u>		<u>ALGUMA VEZ Nº DE CASADAS</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>SOLTEIRAS</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
			<u>CASADAS OU UNIDAS</u>	<u>Nº DE CASOS</u>				
01	35,7	(129)	25,0	(80)	*	(05)	56,8	(44)
02	32,3	(62)	32,7	(55)	*	(01)	*	(07)
03 ou +	35,5	(31)	30,8	(26)	-	(	*	(04)
T O T A L	34,7	(222)	28,6	(161)	*	(06)	52,7	(55)

* Menos de 25 casos

T A B E L A 6.11

PERCENTUAL DE JOVENS QUE FIZERAM PRÉ-NATAL DURANTE A ÚLTIMA GRAVIDEZ COM FILHO NASCIDO VIVO E DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS MESES DE GESTAÇÃO QUANDO FOI INICIADO O PRÉ-NATAL POR IDADE DA JOVEM QUANDO DO NASCIMENTO, ANOS DE ESCOLARIDADE, E SE A GRAVIDEZ FOI FRUTO DE CONCEPÇÃO PRÉ-MARITAL OU NÃO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	PERCENTUAL QUE FIZERAM PRÉ-NATAL	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO MÊS DE GRAVIDEZ EM QUE INICIOU O PRÉ - NATAL					Nº DE CASOS
		<u>Nº DE</u> <u>CASOS</u>	<u>1 - 2</u>	<u>3 - 4</u>	<u>5 ou +</u>	<u>TOTAL</u>	
<u>T O T A L</u>	81,8 (181)		44,6	43,9	11,5	100,0	(148)*
<u>IDADE QUANDO DO NASCIMENTO</u>							
12-19	78,7 (89)		32,9	55,7	11,4	100,0	(70)
20-24	84,8 (92)		55,1	33,3	11,5	100,0	(78)
<u>ANOS DE ESCOLARIDADE</u>							
0- 7	76,7 (120)		41,3	46,7	12,0	100,0	(92)
8 ou +	91,8 (61)		50,0	39,3	10,7	100,0	(56)
<u>FOI UMA CONCEPÇÃO PRÉ-MARI TAL?</u>							
SIM	81,2 (69)**		33,9	55,4	10,7	100,0	(56)
NÃO	82,1 (112)		51,1	37,0	12,0	100,0	(92)

* Exclui as jovens que não fizeram Pré-Natal

** Inclui 20 casos de jovens não casadas

T A B E L A 6.12

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO LOCAL ONDE TEVE O ÚLTIMO PARTO DE FILHO NASCIDO VIVO, POR IDADE DA JOVEM QUANDO DO NASCIMENTO, ANOS DE ESCOLARIDADE, SE A GRAVIDEZ FOI FRUTO DE CONCEPÇÃO PRÉ-MARITAL OU NÃO E SE FEZ PRÉ-NATAL

SÃO PAULO - SP- BRASIL -1988

<u>DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL :</u>		<u>LOCAL DO PARTO</u>		
	<u>HOSPITAIS DO GOVERNO OU INAMP'S</u>	<u>HOSPITAIS OU MATERNIDADES PRIVADAS</u>	<u>PARTO EM CASA</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
<u>T O T A L</u>	72,4	25,4	2,2	100,0 (181)
<u>IDADE QUANDO DO NASCIMENTO</u>				
12-19	71,9	25,8	2,2	100,0 (89)
20-24	72,8	25,0	2,2	100,0 (92)
<u>ANOS DE ESCOLARIDADE</u>				
0- 7	79,2	19,2	1,7	100,0 (120)
8 ou +	59,0	37,7	3,3	100,0 (61)
<u>FOI UMA CONCEPÇÃO PRÉ-MARITAL?</u>				
SIM	66,7	29,0	4,3	100,0 (69)
NÃO	75,9	23,2	0,9	100,0 (112)
<u>FEZ PRÉ-NATAL?</u>				
SIM	71,6	27,0	1,4	100,0 (148)
NÃO	75,8	18,1	6,1	100,0 (33)

T A B E L A 6.13

PERCENTUAL DO ÚLTIMO FILHO NASCIDO VIVO, ATRAVÉS DE PARTO
CESARIANA SEGUNDO VARIÁVEIS SELECIONADAS

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

	<u>TIVERAM PARTO CESARIANA</u>	
	<u>Nº DE CASOS</u>	
<u>T O T A L</u>	30,4	(181)
<u>IDADE QUANDO DO NASCIMENTO</u>		
12-19	23,6	(89)
20-24	37,0	(92)
<u>ANOS DE ESCOLARIDADE</u>		
0- 7	30,0	(120)
8 ou +	31,2	(61)
<u>FOI UMA CONCEPÇÃO PRÉ-MARITAL?</u>		
SIM	29,0	(69)
NÃO	31,3	(112)
<u>FEZ PRÉ-NATAL?</u>		
SIM	29,7	(148)
NÃO	33,3	(33)
<u>LOCAL DO PARTO-ÚLTIMO NASCIMENTO</u>		
HOSPITAL DO GOVERNO/INAMPS	30,5	(131)
HOSPITAL OU MATERNIDADE PRIVADOS	32,6	(46)
PARTO EM CASA	*	(04)

* Menos de 25 casos

T A B E L A 6.14

PERCENTUAL DO ÚLTIMO FILHO NASCIDO VIVO QUE FOI AMAMENTADO, SEGUN
DO VARIÁVEIS SELECIONADAS

SÃO PAULO- SP -BRASIL - 1988

	FORAM	AMAMENTADOS
		Nº DE CASOS
<u>T O T A L</u>	82,9	(181)
<u>IDADE QUANDO DO NASCIMENTO</u>		
12-19	84,3	(89)
20-24	81,5	(92)
<u>ANOS DE ESCOLARIDADE</u>		
0- 7	83,6	(120)
8 ou +	82,2	(61)
<u>FOI UMA CONCEPÇÃO PRÉ-MARITAL?</u>		
SIM	87,0	(69)
NÃO	80,4	(112)
<u>FEZ PRÉ-NATAL?</u>		
SIM	83,2	(148)
NÃO	78,8	(33)
<u>LOCAL DO PARTO-ÚLTIMO NASCIMENTO</u>		
HOSPITAL DO GOVERNO/INAMPS	80,2	(131)
HOSPITAL OU MATERNIDADE PRIVADOS	89,1	(46)
PARTO EM CASA	*	(4)

* Menos de 25 casos

T A B E L A 6.15

PERCENTUAL DE CRIANÇAS DE 1-12 MESES DE IDADE QUE ESTÃO SENDO AMAMENTADAS, SEGUNDO O NÚMERO DE MESES E A DURAÇÃO MÉDIA

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

<u>NÚMERO DE MESES DESDE O NASCIMENTO</u>	<u>% SENDO AMAMENTADA</u>	<u>DESVIO PADRÃO (D P)</u>
1	97,9	1,2
2	79,9	3,3
3	61,0	4,1
4	48,6	4,2
5	42,5	4,2
6	41,0	4,2
7	34,6	4,1
8	32,0	4,0
9	29,5	4,0
10	27,0	3,9
11	25,3	3,8
12	23,6	3,8
DURAÇÃO MÉDIA (EM MESES)	4,8	-

OBS: DO TOTAL DE 181 NASCIDOS VIVOS (ÚLTIMOS NASCIMENTOS) 4 CASOS FORAM EXCLUÍDOS DEVIDO AO DESCONHECIMENTO DA INFORMAÇÃO SOBRE AMAMENTAÇÃO.

ESTIMATIVA DA DURAÇÃO DA AMAMENTAÇÃO PELO MÉTODO DE PREVALENCIA/INCIDÊNCIA.

$B/A \times 12 \text{ MESES} = 22/55 \times 12 \text{ MESES} = 4,8 \text{ MESES}$

ONDE: A = TOTAL DOS NASCIDOS VIVOS 12 MESES ANTES DA ENTREVISTA, QUE FORAM AMAMENTADOS

B = TOTAL DOS NASCIDOS VIVOS QUE AINDA ESTAVAM SENDO AMAMENTADOS NA ÉPOCA DA ENTREVISTA

T A B E L A 7.1

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE O PROBLEMA MAIS
COMUM ENTRE OS JOVENS DA CIDADE DE SÃO PAULO, POR IDADE E
SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

OPINIÃO	I D A D E							
	M U L H E R E S				H O M E N S			
	TOTAL	15-17	18-19	20-24	TOTAL	15-17	18-19	20-24
Drogas	40,9	40,0	41,1	41,6	40,4	42,4	43,8	37,5
Falta de relaciona- mento com os pais/ falta de estrutura familiar	13,3	16,5	10,1	12,2	8,0	9,4	9,2	6,5
Crise financeira/ desemprego	5,2	3,2	4,4	7,2	11,7	6,1	8,5	17,0
Vício do Fumo/al- cool	4,0	5,6	4,4	2,5	4,7	4,9	5,9	4,0
Violência/Crime	3,6	3,2	3,2	4,2	5,6	7,4	5,2	4,6
Excesso de liberda- de sexual	3,5	2,1	3,2	4,7	1,5	1,6	1,3	1,4
Falta de relaciona- mento e brigas entre os jovens	3,4	3,2	3,8	3,3	1,5	2,4	1,3	0,8
Educação deficien- te/Falta de infor- mação em geral	3,4	2,1	3,2	4,4	4,8	3,7	1,3	7,1
Falta de liberdade	3,1	6,0	3,2	0,8	1,3	1,6	1,3	1,1
Falta de Educação Sexual/Gravidez na Adolescência	2,9	4,2	3,8	1,4	1,2	2,0	0,6	0,8
Outros	5,2	3,5	7,0	5,8	9,1	6,9	7,8	11,1
Não sabe dizer/não responde	11,6	10,5	12,7	11,9	10,3	11,4	13,7	8,0
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(285)	(158)	(361)	(750)	(245)	(153)	(352)

T A B E L A 7.2

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE O PROBLEMA MAIS COMUM ENTRE OS JOVENS DA CIDADE DE SÃO PAULO, POR ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

<u>E S C O L A R I D A D E</u>										
<u>O P I N I A O</u>	<u>TOTAL</u>	<u>M U L H E R E S</u>				<u>H O M E N S</u>				
		NI	NII	2º G	2º G CP	NI	NII	2º G	2º G CP	
		<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>UNIV.</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>UNIV.</u>	
DROGAS	40,9	26,2	42,3	38,6	47,7	40,4	32,3	41,1	45,1	33,3
FALTA DE RELACIONA- MENTO COM OS PAIS/ FALTA DE ESTRUTURA FAMILIAR	13,3	12,3	12,2	14,9	13,6	8,0	1,6	7,5	9,4	9,8
CRISE FINANCEIRA/ DESEMPREGO	5,2	9,2	3,5	5,8	6,4	11,7	17,7	9,4	11,4	15,4
VÍCIO DO FUMO/ÁLCOOL	4,0	6,2	5,0	4,6	0,0	4,7	11,3	6,3	1,6	3,2
VIOLÊNCIA/CRIME	3,6	4,6	4,7	2,1	3,2	5,6	0,0	6,9	5,7	4,9
EXCESSO DE LIBERDA- DE SEXUAL	3,5	0,0	3,5	3,3	5,2	1,5	0,0	1,2	2,4	0,8
FALTA DE RELACIONA- MENTO E BRIGAS EN- TRE OS JOVENS	3,4	1,5	2,6	4,1	4,5	1,5	0,0	1,9	1,2	1,6
EDUCAÇÃO DEFICIENTE/ FALTA DE INFORMAÇÃO EM GERAL	3,4	3,1	1,2	5,8	4,5	4,8	0,0	3,4	5,3	9,8
FALTA DE LIBERDADE	3,1	1,5	3,8	3,7	1,3	1,3	1,6	1,3	2,0	0,0
FALTA DE EDUCAÇÃO SE- XUAL/GRAVIDEZ NA ADO- LESCÊNCIA	2,9	3,1	4,1	2,5	0,6	1,2	1,6	2,2	0,4	0,0
OUTROS	5,2	1,5	4,4	5,0	9,0	9,1	6,4	6,6	8,9	17,1
NÃO SABE DIZER/NÃO RESPONDE	11,6	30,8	12,8	9,5	3,9	10,3	27,4	12,2	6,5	4,1
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)

T A B E L A 7.3

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SOBRE O MÉTODO ANTICONCEPTIVO QUE
NA OPINIÃO DOS JOVENS, SERIA O MAIS APROPRIADO PARA ELES,
POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

		I D A D E			H O M E N S		
		M U L H E R E S					
<u>MÉTODO</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	
PÍLULA	62,8	58,0	68,7	28,3	22,9	34,4	
CONDOM	16,4	20,5	11,4	50,8	55,0	46,0	
RÍTMO	4,4	4,3	4,4	2,8	2,0	3,7	
ABSTINÊNCIA SEXUAL	2,4	3,2	1,4	1,7	2,0	1,4	
INJEÇÕES MENSAS	2,2	2,7	1,7	0,9	1,3	0,6	
COITO INTERROMPIDO	1,2	0,9	1,7	6,5	7,0	6,0	
D I U	1,0	1,6	0,3	0,0	0,0	0,0	
NENHUM	1,0	0,7	1,4	0,1	0,2	0,0	
MÉTODOS CIRÚRGICOS DE FINITIVOS	0,4	0,0	0,8	0,5	0,0	1,1	
OUTROS	1,6	1,1	2,2	0,7	0,2	1,1	
NÃO SABE	6,6	7,0	6,1	7,6	9,3	5,7	
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Nº DE CASOS	(804)	(443)	(361)	(750)	(398)	(352)	

T A B E L A 7.4

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SOBRE O MÉTODO ANTICONCEPTIVO QUE
NA OPINIÃO DOS JOVENS, SERIA O MAIS APROPRIADO PARA ELES,
SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO-SP- BRASIL - 1988

MÉTODO	TOTAL	E S C O L A R I D A D E									
		M U L H E R E S					H O M E N S				
		NI INCP	NII INCP	2º G INCP	2º GCP OU UNIV.	NI INCP	NII INCP	2º G INCP	2º GCP OU UNIV.		
PÍLULA	62,8	60,0	66,2	54,8	69,0	28,3	30,6	26,3	28,9	30,9	
CONDOM	16,4	10,8	13,4	25,7	11,0	50,8	33,9	47,3	57,3	55,3	
RÍTIMO	4,4	3,1	3,5	5,4	5,2	2,8	0,0	2,8	2,0	5,7	
ABSTINÊNCIA SEXUAL	2,4	3,1	2,9	2,9	0,0	1,7	3,2	1,9	1,2	1,6	
INJEÇÕES MENCIAIS	2,2	3,1	2,0	2,1	2,6	0,9	1,6	1,2	0,8	0,0	
COITO INTERROMPIDO	1,2	1,5	2,3	0,4	0,0	6,5	3,2	9,1	6,1	2,4	
D I U	1,0	1,5	0,6	1,7	0,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	
NENHUM	1,0	1,5	0,9	0,3	1,3	0,1	0,0	0,0	0,0	0,8	
MÉTODOS CIRÚRGICOS DEFINITIVOS	0,4	0,6	0,4	0,0	0,0	0,5	1,6	0,3	0,4	0,8	
OUTROS	1,6	0,0	1,2	0,4	5,2	0,7	0,0	0,3	0,4	2,4	
NÃO SABE	6,6	15,4	6,4	5,4	5,2	7,6	25,8	10,7	2,8	0,0	
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)	

T A B E L A 7.5

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES EMITIDAS PELOS JOVENS
SOBRE OS PARCEIROS COM QUEM PODERIAM INICIAR E MANTER RE-
LAÇÕES SEXUAIS SEGUNDO IDADE, ESCOLARIDADE E RELIGIÃO, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

I D A D E	M U L H E R E S					H O M E N S					Nº DE
	MARI- DO	NOIVO	NAMO- RADO	AMIGO	Nº DE TOTAL* CASOS	ESPO- SA	NOIVA	NAMO- RADA	AMIGA	Nº DE TOTAL** CASOS	
15-17	50,5	31,2	16,8	0,7	100,0 (285)	20,4	26,9	34,3	16,7	100,0 (245)	
18-19	41,1	30,4	26,6	1,3	100,0 (158)	12,4	28,8	38,6	19,0	100,0 (153)	
20-24	37,4	33,8	26,9	0,6	100,0 (361)	9,7	34,4	35,5	19,6	100,0 (352)	
T O T A L	42,8	32,2	23,3	0,8	100,0 (804)	13,7	30,8	35,7	18,5	100,0 (750)	
E S C O L A - R I D A D E											
NI INCP	43,1	26,2	24,6	3,1	100,0 (65)	29,0	29,0	25,8	11,3	100,0 (62)	
NII INCP	49,0	31,5	18,1	0,9	100,0 (343)	16,9	35,4	29,5	16,6	100,0 (319)	
2º G INCP	41,9	36,1	21,6	0,4	100,0 (241)	9,8	30,9	39,4	19,9	100,0 (246)	
2º GCP OU UNIV.	30,3	30,3	36,8	0,0	100,0 (155)	5,7	19,5	49,6	24,4	100,0 (123)	
T O T A L	42,8	32,2	23,3	0,8	100,0 (804)	13,7	30,8	35,7	18,5	100,0 (750)	
R E L I G I Ã O											
PROTESTANTE/ CRENTE	65,3	27,4	6,3	0,0	100,0 (95)	52,2	21,7	13,0	13,0	100,0 (46)	
NÃO TEM RELI- GIÃO	43,1	20,7	32,8	1,7	100,0 (58)	21,5	16,1	34,4	24,7	100,0 (93)	
CATÓLICA	40,3	34,0	23,9	0,8	100,0 (611)	9,1	34,4	37,6	17,8	100,0 (569)	
OUTRAS	27,7	32,5	40,0	0,0	100,0 (40)	16,7	23,8	38,1	21,4	100,0 (42)	
T O T A L	42,8	32,2	23,3	0,8	100,0 (804)	13,7	30,8	35,7	18,5	100,0 (750)	

* Inclui 8 casos que não souberam dizer com quem poderiam ter relações sexuais

** Inclui 9 casos que não souberam dizer com quem poderiam ter relações sexuais

T A B E L A 7.6

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PARCEIROS COM OS QUAIS OS JOVENS COM EXPERIÊNCIA SEXUAL TIVERAM SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL, SEGUNDO SUAS OPINIÕES SOBRE OS PARCEIROS COM QUEM PODERIAM INICIAR E MANTER RELAÇÕES SEXUAIS, POR SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL- 1988

PARCEIRO (A)
DA 1ª RELAÇÃO

O P I N I Õ E S

M U L H E R E S

H O M E N S

	<u>TOTAL</u>	<u>MARIDO</u>	<u>NOIVO</u>	<u>NAMORADO</u>	<u>AMIGO</u>	<u>TOTAL</u>	<u>ESPOSA</u>	<u>NOIVA</u>	<u>NAMORADA</u>	<u>AMIGA</u>
MARIDO/ESPOSA	11,9	30,2	6,6	4,3	**	0,8	5,1	0,5	0,4	0,0
NOIVO (A)	14,6	11,5	19,2	11,1	**	0,6	1,7	1,0	0,4	0,0
NAMORADO (A)	66,8	50,0	68,9	77,8	**	23,1	15,2	33,2	19,5	18,9
AMIGO (A)	5,7	6,2	4,0	6,8	**	60,8	61,0	56,3	63,6	63,8
PROSTITUTA	0,0	0,0	0,0	0,0	**	9,6	13,6	6,0	8,9	12,6
EMPREGADA DOMESTICA	0,0	0,0	0,0	0,0	**	1,0	0,0	0,5	0,8	2,4
OUTROS (AS)	1,1	2,1	1,3	0,0	**	4,2	3,4	2,5	6,4	2,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS *	(370)	(96)	(151)	(117)	(2)	(627)	(59)	(199)	(236)	(127)

* Inclui 7 homens e 3 mulheres que não souberam responder com quem poderiam ter relações sexuais

** Menos de 25 casos

T A B E L A 7.7

PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS
ITENS QUE AVALIAM O CONHECIMENTO E AS ATITUDES FRENTE À SEXUALI-
DADE , SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

E S C O L A R I D A D E

CONHECIMENTOS E ATITUDES	M U L H E R E S					H O M E N S				
	NI		NII		2º G OU UNIV.	NI		NII		2º G OU UNIV.
	TOTAL	INCP	INCP	INCP		TOTAL	INCP	INCP	INCP	
Pode-se ter relações se- xuais durante a gravidez	77,5	69,2	73,8	77,6	89,0	60,4	51,6	53,9	65,4	71,5
A mulher pode engravidar durante sua primeira re- lação sexual	77,1	75,4	72,6	76,8	88,4	76,4	69,4	69,6	83,7	82,9
Você poderia ter amizade com uma pessoa homossexual	68,3	44,6	57,3	80,5	82,6	42,7	21,0	33,9	50,8	60,2
A masturbação deve ser pra- ticada de vez em quando	45,9	44,6	44,6	44,8	51,0	74,8	66,2	73,0	75,6	82,1
Relação sexual com cami- sinha diminui o prazer	35,3	46,2	40,8	29,5	27,7	67,3	66,1	68,0	66,7	67,5
A masturbação faz mal à saúde	27,2	44,6	35,9	19,5	12,9	37,3	53,2	45,4	27,6	27,6
Os sintomas de gonorréia são sempre visíveis nas mulheres	25,6	27,7	29,7	25,7	15,5	33,2	41,9	39,2	27,6	24,4
O desenvolvimento físico dos homens e mulheres ocorre na mesma idade	25,2	49,2	30,3	17,0	16,8	24,9	48,4	27,3	20,3	16,3
A mesma camisinha pode ser usada mais de uma vez	3,2	10,8	3,8	0,8	2,6	3,6	4,8	4,7	2,4	2,4
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)

T A B E L A 7.8

PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS QUE AVALIAM O CONHECIMENTO E AS ATITUDES FRENTE À SEXUALIDADE, SEGUNDO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

CONHECIMENTO E ATITUDES	N Í V E L S Ó C I O - E C O N Ô M I C O											
	M U L H E R E S						H O M E N S					
	MÉDIO			MÉDIO			MÉDIO			MÉDIO		
	TOTAL	BAIXO	BAIXO	MÉDIO	ALTO	ALTO	TOTAL	BAIXO	BAIXO	MÉDIO	ALTO	ALTO
Pode-se ter relações sexuais durante a gravidez	77,5	78,6	71,8	79,9	84,0	77,1	60,4	56,8	52,3	65,4	67,3	57,1
A mulher pode engravidar durante a primeira relação sexual	77,1	76,8	72,9	76,6	84,0	87,5	76,4	72,7	67,8	80,0	84,3	82,9
Você poderia ter amizade com uma pessoa homossexual	68,3	53,6	58,1	73,0	81,5	81,2	42,7	27,3	30,2	47,7	55,6	60,0
A masturbação deve ser praticada de vez em quando	45,9	44,6	45,1	46,7	47,9	41,7	74,8	72,7	71,7	77,7	74,5	80,0
Relação sexual com camisinha diminui o prazer	35,3	39,3	41,5	35,9	23,5	20,8	67,3	68,2	70,2	66,2	66,7	57,1
A masturbação faz mal à saúde	27,2	44,6	33,9	25,7	15,1	8,3	37,3	61,4	43,4	34,6	32,0	5,7
Os sintomas de gonorréia são sempre visíveis nas mulheres	25,6	39,3	24,9	25,3	26,0	14,6	33,2	52,3	35,7	30,8	33,3	8,6
O desenvolvimento físico dos homens e mulheres ocorre na mesma idade	25,2	41,1	33,2	20,4	17,6	10,4	24,9	43,2	34,1	21,2	14,4	8,6
A mesma camisinha pode ser usada mais de uma vez	3,2	7,1	5,0	2,3	0,0	2,1	3,6	4,6	5,4	2,7	1,3	5,7
Nº DE CASOS	(804)	(56)	(277)	(304)	(119)	(48)	(750)	(44)	(258)	(260)	(153)	(35)

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE A MEDIDA A
SER ADOTADA EM CASO DE GRAVIDEZ INDESEJADA, SEGUNDO ES
COLARIDADE, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL -1988

OPINIÕES	E S C O L A R I D A D E									
	M U L H E R E S					H O M E N S				
	NI	NII	2ºG	2ºGCP	ou UNIV.	NI	NII	2ºG	2ºGCP	ou UNIV.
	TOTAL	INCP	INCP	INCP		TOTAL*	INCP	INCP	INCP	
Ter a criança e criá-la sozinha	71,3	60,0	69,7	76,8	71,0	45,6	37,1	45,1	46,8	48,8
Convencer o rapaz a casar-se	15,6	23,1	18,7	12,9	9,7	23,9	21,0	26,0	24,4	18,7
Abortar	5,0	4,6	2,3	5,0	11,0	11,5	6,4	9,1	12,2	18,7
Obrigar o rapaz a casar-se	3,1	4,6	5,5	0,4	1,3	8,8	14,5	10,3	6,5	6,5
Ter a criança e dá-la	3,0	4,6	2,9	2,5	3,2	7,5	16,1	7,2	7,7	3,2
Não Sabe/Não tem opinião	2,1	3,1	0,8	2,4	3,8	1,1	3,2	0,9	0,8	0,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)

* Inclui 13 homens que alegaram outras opiniões frente a gravidez indesejada

T A B E L A 7.10

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE A MEDIDA A
SER ADOTADA EM CASO DE GRAVIDEZ INDESEJADA, SEGUNDO RE
LIGIÃO, POR SEXO

SÃO PAULO-SP-BRASIL- 1988

OPINIÕES	R E L I G I Ã O									
	M U L H E R E S					H O M E N S				
	TOTAL	CATÓ- LICA	PROTES- TANTE/ CRENTE	OUTRAS	NÃO TEM RELIGIÃO	TOTAL	* CATÓ- LICA	PROTES- TANTE/ CRENTE	OUTRAS	NÃO TEM RELIGIÃO
Ter a criança e criá-la sozinha	71,3	72,7	72,6	65,0	58,6	45,6	45,5	41,3	59,5	41,9
Convencer o rapaz a casar-se	15,6	14,1	20,0	15,0	24,1	23,9	25,5	28,3	14,3	16,1
Abortar	5,0	5,1	1,0	10,0	6,9	11,5	12,0	8,7	9,5	10,8
Obrigar o rapaz a casar-se	3,1	3,4	2,1	0,0	3,4	8,8	7,0	15,2	7,1	17,2
Ter a criança e dã-la	3,0	3,0	2,1	7,5	1,7	7,5	7,7	4,3	4,8	8,6
Não Sabe/Não tem opinião	2,1	1,8	2,1	2,5	5,1	1,1	1,0	0,0	0,0	2,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(611)	(95)	(40)	(58)	(750)	(569)	(46)	(42)	(93)

*Inclui 13 homens que alegaram outras opiniões frente a gravidez indesejada

T A B E L A 7.11

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS OPINIÕES SOBRE A MEDIDA A SER
ADOTADA , EM CASO DE GRAVIDEZ INDESEJADA, SEGUNDO NÍVEL SÓCIO-
ECONÔMICO E SEXO

SÃO PAULO -SP - BRASIL - 1988

OPINIÕES	NÍVEL SÓCIO - ECONÔMICO											
	M U L H E R E S						H O M E N S					
	TOTAL	MÉDIO BAIXO	MÉDIO BAIXO	MÉDIO MÉDIO	MÉDIO ALTO	MÉDIO ALTO	TOTAL*	MÉDIO BAIXO	MÉDIO BAIXO	MÉDIO MÉDIO	MÉDIO ALTO	MÉDIO ALTO
Ter a criança e criá-la sozinha	71,3	69,6	71,5	72,4	76,5	52,1	45,6	54,6	40,7	51,2	43,1	40,0
Convencer o rapaz a casar-se	15,6	19,6	15,9	16,4	11,8	12,5	23,9	22,7	28,7	19,2	24,2	22,9
Abortar	5,0	1,8	2,5	3,6	7,6	25,0	11,5	0,0	7,8	11,2	17,6	28,6
Obrigar o rapaz a casar-se	3,1	3,6	5,4	2,0	1,7	0,0	8,8	13,6	10,5	8,8	6,5	0,0
Ter a criança e dã-la	3,0	3,6	2,9	3,6	0,8	4,2	7,5	9,1	9,3	7,7	3,9	5,6
Não Sabe/Não tem opinião	2,1	1,8	1,8	2,0	1,7	6,2	1,1	0,0	2,3	0,4	0,6	0,0
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(56)	(277)	(304)	(119)	(48)	(750)	(44)	(258)	(260)	(153)	(35)

* Inclui 13 homens que alegaram outras opiniões frente a gravidez
indesejada

T A B E L A 7.12

PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ITENS QUE AVALIAM AS ATITUDES FRENTE A VIDA FAMILIAR, SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

E S C O L A R I D A D E

<u>ATITUDE</u>	<u>M U L H E R E S</u>					<u>H O M E N S</u>				
	NI	NII	2º G	2º GCP		NI	NII	2º G	2º GCP	
	<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>OU UNIV.</u>	<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>OU UNIV.</u>
Os Pais que dão educação sexual aos filhos despertam nos filhos, o interesse em ter relações sexuais	30,6	40,0	39,4	26,1	14,2	52,9	56,4	59,6	51,2	37,4
O homem deve decidir quantos filhos sua mulher deve ter	11,8	27,7	17,5	4,6	3,9	27,9	50,0	34,8	21,5	11,4
Deus é quem decide quantos filhos se deve ter	45,3	75,4	54,8	35,7	26,4	43,3	69,4	54,9	32,5	22,0
A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos sem a ajuda do marido	22,5	60,0	31,2	10,4	6,4	22,9	53,2	26,6	16,3	11,4
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)

T A B E L A 7.13

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS
QUE AVALIAM AS ATITUDES FRENTE A VIDA FAMILIAR, SEGUNDO NÍVEL
SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

ATITUDE	N Í V E L S Ó C I O - E C O N Ô M I C O											
	M U L H E R E S						H O M E N S					
	TOTAL	MÉDIO BAIXO	MÉDIO BAIXO	MÉDIO MÉDIO	MÉDIO ALTO	ALTO	TOTAL	MÉDIO BAIXO	MÉDIO BAIXO	MÉDIO MÉDIO	MÉDIO ALTO	ALTO
Os pais que dão educação sexual aos filhos despertam nos filhos, o interes- se em ter relações sexuais	30,6	41,1	40,4	25,3	22,7	14,6	52,9	61,4	55,0	52,3	51,0	40,0
O homem deve decidir quantos filhos se deve ter	11,8	23,2	14,8	11,8	4,2	0,0	27,9	36,4	40,7	25,4	13,1	5,7
Deus é quem decide quantos filhos se deve ter	45,3	66,1	59,9	38,8	28,6	18,8	43,3	70,4	58,5	38,5	24,2	17,1
A mulher é quem deve cuidar da casa e dos filhos sem a ajuda do marido	22,5	53,6	33,6	14,5	10,1	4,2	22,9	43,2	32,6	18,1	10,5	17,1
Nº DE CASOS	(804)	(56)	(277)	(304)	(119)	(48)	(750)	(44)	(258)	(260)	(153)	(35)

T A B E L A 7.14

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS ENTREVISTADOS QUE OPINARAM
SOBRE SE A MULHER DEVE TRABALHAR DEPOIS DE CASADA, SEGUNDO NÍ
VEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO-SP - BRASIL- 1988

E S C O L A R I D A D E

OPINIÃO	M U L H E R E S					H O M E N S				
	TOTAL	NI	NII	2ºG	2ºGCP ou UNIV.	TOTAL	NI	NII	2ºG	2ºGCP ou UNIV.
		INCP	INCP	INCP			INCP	INCP	INCP	
% Disseram sim	77,4	55,4	72,3	83,0	89,0	45,7	33,9	36,0	52,0	64,2
% Disseram não	13,9	32,3	20,4	7,0	2,6	30,7	46,8	40,4	21,1	16,3
% Disseram "de- pende"	8,7	12,3	7,3	10,0	8,4	23,2	19,4	23,5	26,0	18,7
TOTAL	100,00	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)

T A B E L A 7.15

PERCENTUAL DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS DADAS PELOS JOVENS QUE MORAM COM O PAI E/OU MÃE, AO AVALIAREM O RELACIONAMENTO FAMILIAR, SEGUNDO IDADE , POR SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

<u>RELACIONAMENTO</u>	<u>I D A D E</u>					
	<u>M U L H E R E S</u>			<u>H O M E N S</u>		
	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
MÃE SE IMPORTA	95,2	94,8	97,4	95,1	95,9	93,9
PAI SE IMPORTA	72,0	73,8	68,6	77,1	80,4	72,3
TEM LIBERDADE EM CASA	71,8	67,5	79,9	83,4	81,2	86,4
MÃE EXIGENTE	40,4	41,6	38,1	33,7	36,7	29,5
PAI EXIGENTE	37,0	41,9	27,8	28,0	32,1	22,3
BRIGA MUITO COM A MÃE	18,5	19,0	17,5	11,4	12,2	10,2
BRIGA MUITO COM O PAI	11,5	12,7	9,3	10,9	10,0	12,1
Nº DE CASOS	(557)	(363)	(197)	(632)	(368)	(264)

T A B E L A 7.16

PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ÍTENS QUE AVALIAM AS CONCEPÇÕES FRENTE AOS PAPÉIS MASCULINO/FEMININO SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

São Paulo- SP - BRASIL - 1988

CONCEPÇÕES	E S C O L A R I D A D E									
	M U L H E R E S					H O M E N S				
	TOTAL	NI	NII	2º G	2º GCP	TOTAL	NI	NII	2º G	2º GCP
		INCP	INCP	INCP	OU UNIV.		INCP	INCP	INCP	OU UNIV.
Os homens entendem mais de sexo do que as mulheres	48,3	81,5	62,7	34,8	23,2	38,9	51,6	48,9	28,9	26,8
O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual	72,0	78,5	81,3	67,2	56,1	82,0	88,7	85,9	80,1	72,4
A mulher deve chegar virgem ao casamento	41,0	63,1	50,4	32,4	24,5	47,1	72,6	57,4	35,4	30,9
Os homens necessitam ter mais relações sexuais do que as mulheres	66,4	83,1	75,2	61,4	47,7	63,3	71,0	68,3	59,4	54,5
A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de se casar	33,1	18,5	28,6	35,7	45,2	29,2	14,5	23,8	32,1	44,7
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)

T A B E L A 7.17

PERCENTUAL DE JOVENS QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE AOS ITENS
QUE AVALIAM AS CONCEPÇÕES FRENTE AOS PAPÉIS MASCULINO/FEMININO
SEGUNDO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

N Í V E L S Ó C I O - E C O N Ô M I C O

CONCEPÇÕES	<u>M U L H E R E S</u>						<u>H O M E N S</u>					
	TOTAL	MÉDIO		MÉDIO		ALTO	TOTAL	MÉDIO		MÉDIO		ALTO
		BAIXO	BAIXO	MÉDIO	ALTO			BAIXO	BAIXO	MÉDIO	ALTO	
Os homens entendem mais de sexo do que as mulheres	48,3	76,8	59,9	44,1	31,1	16,7	38,9	59,1	51,2	33,1	27,4	17,1
O homem deve chegar ao casamento com experiência sexual	72,0	83,9	77,3	75,0	58,0	43,8	82,0	86,4	88,0	84,6	71,2	60,0
A mulher deve chegar virgem ao casamento	41,0	57,1	49,5	39,1	27,7	18,8	47,1	63,6	62,0	39,6	35,3	22,9
Os homens necessitam ter mais relações sexuais do que as mulheres	66,4	89,3	75,4	63,2	55,5	35,4	63,3	79,6	65,1	67,7	55,6	31,4
A mulher pode ter relações sexuais com vários homens antes de se casar	33,1	25,0	23,8	31,6	47,9	68,8	29,2	20,4	15,5	30,4	45,8	60,0
Nº DE CASOS	(804)	(56)	(277)	(304)	(119)	(48)	(750)	(44)	(258)	(260)	(153)	(35)

T A B E L A 7.18

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS, SEGUNDO SE CONSIDERAM QUE OS ÍTENS RELACIONADOS ABAIXO, CARACTERIZAM MELHOR SÓ O HOMEM, SÓ A MULHER, OS DOIS OU NENHUM , POR SEXO

SÃO PAULO - SP -- BRASIL - 1988

	M U L H E R E S						H O M E N S					
	OS DOIS	HOMEM	MULHER	NENHUM	NÃO SABE	TOTAL*	OS DOIS	HOMEM	MULHER	NENHUM	NÃO SABE	TOTAL**
Ser carinhoso (a)	90,4	2,5	7,0	0,1	0,0	100,0	90,0	2,1	7,5	0,3	0,1	100,0
Ter competência profissional	81,7	13,9	2,2	1,5	0,6	100,0	70,5	26,9	1,2	0,8	0,5	100,0
Saber controlar suas emoções	74,1	8,5	15,4	1,5	0,5	100,0	73,6	11,7	12,5	1,3	0,8	100,0
Ser independente	72,4	10,3	9,4	6,8	1,0	100,0	64,3	21,9	3,3	9,5	1,1	100,0
Ser vaidoso (a)	67,9	4,0	22,1	5,0	1,0	100,0	60,8	4,3	24,5	9,1	1,3	100,0
Ser sensível	55,4	2,0	39,6	2,7	0,4	100,0	52,8	4,9	37,2	2,5	2,5	100,0
Ser forte fisicamente	43,7	49,6	2,5	2,5	1,7	100,0	32,5	63,2	1,5	1,9	0,9	100,0
Ter habilidade para tarefas domésticas	42,5	0,1	56,7	0,4	0,2	100,0	41,2	2,4	54,9	0,7	0,8	100,0
Ser dominado(a)	38,7	7,3	15,6	35,8	2,6	100,0	31,2	7,1	23,5	36,1	2,1	100,0

* Amostra feminina equivalente a 804 casos

** Amostra masculina equivalente a 750 casos

T A B E L A 7.19

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONSIDERAM QUE OS ITENS RELACIONADOS
ABAIXO CARACTERIZAM MELHOR AMBOS OS SEXOS SEGUNDO NÍVEL DE ES-
COLARIDADE, POR SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

E S C O L A R I D A D EM U L H E R E SH O M E N S

		NI	NII	2º G	2º GCP OU		NI	NII	2º G	2º GCP OU
	<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>UNIV.</u>	<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>UNIV.</u>
Ser carinhoso (a)	90,4	86,2	91,0	88,8	93,6	90,0	82,3	90,3	91,1	91,1
Ter competência pro - fissional	81,7	67,7	73,8	89,2	93,6	70,5	59,7	59,6	78,0	89,4
Saber controlar suas emoções	74,1	66,2	73,7	77,2	73,6	73,6	69,4	69,6	76,0	81,3
Ser independente	72,4	67,7	63,3	78,0	85,8	64,3	50,0	56,1	70,3	79,7
Ser vaidoso (a)	67,9	58,5	64,7	72,2	72,3	60,8	53,2	58,6	63,8	64,2
Ser sensível	55,4	56,9	49,3	56,0	67,1	52,8	43,6	47,3	54,1	69,1
Ser forte fisicamente	43,7	56,9	48,1	36,1	40,0	32,5	46,8	33,2	27,2	34,2
Ter habilidade para tarefas domésticas	42,5	36,9	32,6	43,6	65,2	41,2	41,9	32,9	42,7	59,4
Ser dominado (a)	38,7	33,8	37,9	40,3	40,0	31,2	14,5	34,5	31,7	30,1
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(750)	(62)	(319)	(246)	(123)

T A B E L A 8.1

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACREDITAM OU NÃO QUE
 UMA PESSOA PODE ESTAR CONTAMINADA COM O VÍRUS DA AIDS, E NÃO
 APRESENTAR SINTOMAS DA DOENÇA POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	<u>I D A D E</u>					
	<u>M U L H E R E S</u>			<u>H O M E N S</u>		
	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
SIM	79,8	77,4	82,8	84,4	81,4	87,7
NÃO	14,4	16,9	11,4	12,1	14,9	9,1
NÃO SABE	5,7	5,6	5,8	3,5	3,8	3,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS (804)		(443)	(361)	(748) *	(397)	(351)

*Exclui 2 casos que nunca ouviram falar sobre AIDS

T A B E L A 8.2

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACREDITAM OU NÃO QUE
 UMA PESSOA PODE ESTAR CONTAMINADA COM O VÍRUS DA AIDS, E NÃO
 APRESENTAR SINTOMAS DA DOENÇA POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988E S C O L A R I D A D EM U L H E R E SH O M E N S

		NI	NII	2ºG	2ºGCP OU UNIV.		NI	NII	2ºG	2ºGCP OU UNIV.
	<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>		<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	
SIM	79,8	69,2	73,2	86,7	88,4	84,4	75,4	79,3	88,2	94,3
NÃO	14,4	24,6	19,5	9,2	7,1	12,1	13,1	16,0	11,0	4,1
NÃO SABE	5,7	6,2	7,3	4,2	4,5	3,5	11,5	4,7	0,8	1,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(748)*	(61)	(319)	(245)	(123)

* Exclui 2 casos que nunca ouviram falar sobre a AIDS

T A B E L A 8.3

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONSIDERAM EXISTIR OU NÃO, CURA PARA A AIDS, SEGUNDO SE ACREDITAM OU NÃO QUE UMA PESSOA PODE ESTAR CONTAMINADA COM O VÍRUS DA DOENÇA E NÃO APRESENTAR SINTOMAS , POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	<u>M U L H E R E S</u>				<u>H O M E N S</u>			
	<u>A C R E D I T A M</u>				<u>A C R E D I T A M</u>			
	<u>TOTAL</u>	<u>SIM</u>	<u>NÃO</u>	<u>NÃO SABE</u>	<u>TOTAL</u>	<u>SIM</u>	<u>NÃO</u>	<u>NÃO SABE</u>
<u>EXISTE CURA</u>								
SIM	6,2	4,7	16,4	2,2	5,5	5,4	7,7	0,0
NÃO	89,9	92,2	81,9	78,3	92,2	92,6	92,3	84,6
NÃO SABE	3,9	3,1	1,7	19,6	2,3	2,1	0,0	15,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(804)	(642)	(116)	(46)	(748)*	(631)	(91)	(26)

* Exclui 2 casos que nunca ouviram falar sobre a A I D S

T A B E L A 8.4

PERCENTUAL DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS AOS ITENS QUE AVALIAM DE
QUE FORMA OS JOVENS ACREDITAM QUE PODEM CONTRAIR AIDS, POR IDA
DE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	<u>I D A D E</u>					
	<u>M U L H E R E S</u>			<u>H O M E N S</u>		
<u>FORMAS DE CONTAMINAÇÃO</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
INJEÇÕES	98,6	98,0	99,4	98,5	98,0	99,1
RELAÇÕES SEXUAIS	98,4	98,0	98,9	99,1	98,7	99,4
TRANSFUSÃO DE SANGUE	97,0	96,8	97,2	96,9	96,2	97,7
DOANDO SANGUE	86,3	87,8	84,5	86,5	88,4	84,3
AMAMENTAÇÃO PELA MÃE COM AIDS	78,5	75,8	81,7	75,8	76,8	74,6
PICADA DE MOSQUITO	39,7	40,2	39,1	35,7	38,3	32,8
USAR BANHEIRO DE PESSOAS INFECTADAS	38,9	41,8	35,5	31,3	33,2	29,1
USAR TALHERES DE PESSOAS INFECTADAS	30,2	33,4	26,3	26,6	27,0	26,2
BEIJANDO	22,3	22,8	21,6	26,2	28,5	23,6
RESPIRAR O AR DE PESSOAS INFECTADAS	21,0	24,2	17,2	16,7	16,9	16,5
APERTANDO A MÃO	3,9	3,2	4,7	2,7	2,5	2,8
Nº DE CASOS	(804)	(443)	(361)	(748)*	(397)	(351)

* Exclui dois casos que nunca ouviram falar sobre a AIDS

T A B E L A 8.5

PERCENTUAL DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS AOS ÍTENS QUE AVALIAM DE QUE FORMA OS JOVENS ACREDITAM QUE PODEM CONTRAIR AIDS, POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>E S C O L A R I D A D E</u>										
<u>M U L H E R E S</u>						<u>H O M E N S</u>				
FORMAS DE CONTA- MINAÇÃO	TOTAL	NI	NII	2º G	2º GCP OU UNIV.	TOTAL	NI	NII	2º G	2º GCP OU UNIV.
		INCP	INCP	INCP	INCP		INCP	INCP	INCP	INCP
INJEÇÕES	98,6	98,5	97,1	100,0	100,0	98,5	91,8	98,8	99,6	99,2
RELAÇÕES SEXUAIS	98,4	96,9	97,7	99,6	98,7	99,1	98,4	99,1	99,6	98,4
TRANSFUSÃO DE SANGUE	97,0	95,4	96,8	96,3	99,4	96,9	91,8	97,5	97,6	96,8
DOANDO SANGUE	86,3	92,3	88,6	85,5	80,0	86,5	93,4	89,0	85,7	78,1
AMAMENTAÇÃO PELA MÃE COM AIDS	78,5	76,9	82,5	74,3	76,8	75,8	77,1	79,6	73,5	69,9
PICADA DE MOSQUITO	39,7	64,6	47,5	32,8	22,6	35,7	50,8	44,8	24,9	26,0
USAR BANHEIRO DE PES- SOAS INFECTADAS	38,9	63,1	46,9	30,7	23,9	31,3	45,9	37,0	26,9	17,9
USAR TALHERES DE PES- SOAS INFECTADAS	30,2	52,3	39,6	19,1	17,4	26,6	44,3	30,7	21,2	17,9
BEIJANDO	22,3	23,1	24,2	21,6	18,7	26,2	36,1	25,7	24,1	26,8
RESPIRAR O AR DE PES- SOAS INFECTADAS	21,0	46,2	29,2	12,0	6,4	17,7	26,2	21,3	12,6	8,1
APERTANDO A MÃO	3,9	3,1	5,3	2,9	2,6	2,7	6,6	3,8	1,2	0,8
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(748)*	(61)	(319)	(245)	(123)

* Exclui 2 casos que nunca ouviram falar sobre a AIDS

T A B E L A 8.6

PERCENTUAL DAS RESPOSTAS DOS JOVENS QUE AVALIAM PESSOAS COM ALTO RISCO EM CONTRAIR AIDS, SEGUNDO CARACTERÍSTICA DA PESSOA, POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS	I D A D E					
	M U L H E R E S			H O M E N S		
	% COM ALTO RISCO			% COM ALTO RISCO		
	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
PROSTITUTAS	96,8	96,4	97,2	96,9	97,0	96,9
HOMEM BISSEXUAL	93,8	93,5	94,2	95,3	95,5	95,2
HOMEM HOMOSSEXUAL	93,3	92,1	94,7	96,3	97,2	95,2
VICIADOS EM DROGAS INJE- TÁVEIS	91,3	90,3	92,5	93,4	93,5	93,4
MULHER BISSEXUAL	88,8	87,8	90,0	90,8	89,9	91,7
HOMEM SOLTEIRO COM VIDA SEXUAL	86,3	85,3	87,5	86,9	87,2	86,6
MULHER HOMOSSEXUAL	83,3	84,4	82,0	81,7	82,6	80,6
MULHER SOLTEIRA COM VI- DA SEXUAL	80,6	80,1	81,2	84,2	85,4	82,9
HOMEM CASADO	35,4	37,5	33,0	24,3	24,7	23,9
MULHER CASADA	19,8	21,4	17,7	8,4	9,3	7,4
CRIANÇAS	6,3	5,0	8,0	4,6	3,8	5,4
Nº DE CASOS	(804)	(443)	(361)	(748)*	(397)	(351)

* Exclui 2 casos que nunca ouviram falar sobre AIDS

T A B E L A 8.7

PERCENTUAL DAS RESPOSTAS DOS JOVENS QUE AVALIAM PESSOAS COM ALTO RISCO EM CONTRAIR AIDS, SEGUNDO CARACTERÍSTICA DA PESSOA, POR ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>CARACTERÍSTICAS DAS</u> <u>PESSOAS</u>	<u>E S C O L A R I D A D E</u>									
	<u>M U L H E R E S</u>					<u>H O M E N S</u>				
	<u>% COM ALTO RISCO</u>					<u>% COM ALTO RISCO</u>				
	<u>TOTAL</u>	<u>NI</u> <u>INCP</u>	<u>NII</u> <u>INCP</u>	<u>2ºG</u> <u>INCP</u>	<u>2ºGCP</u> <u>OU</u> <u>UNIV.</u>	<u>TOTAL</u>	<u>NI</u> <u>INCP</u>	<u>NII</u> <u>INCP</u>	<u>2ºG</u> <u>INCP</u>	<u>2ºGCP</u> <u>OU</u> <u>UNIV.</u>
PROSTITUTAS	96,8	90,8	97,1	96,7	98,7	96,9	91,8	97,2	98,0	96,8
HOMEM BISSEXUAL	93,8	87,7	93,0	95,4	95,5	95,3	91,8	95,0	97,6	93,5
HOMEM HOMOSSEXUAL	93,3	90,8	91,4	93,0	98,1	96,3	91,8	96,2	98,8	93,5
VICIADOS EM DROGAS INJETÁVEIS	91,3	90,8	88,0	92,1	97,4	93,4	90,2	91,5	96,3	94,3
MULHER BISSEXUAL	88,8	80,0	88,3	90,9	90,3	90,8	88,5	88,4	94,7	90,2
HOMEM SOLTEIRO COM VIDA SEXUAL	86,3	87,7	84,8	90,9	81,9	86,9	80,3	86,8	91,0	82,1
MULHER HOMOSSEXUAL	83,3	80,0	87,5	83,4	75,5	81,7	80,3	84,3	81,2	76,4
MULHER SOLTEIRA COM VIDA SEXUAL	80,6	84,6	80,7	82,6	75,5	84,2	82,0	85,6	86,5	77,2
HOMEM CASADO	35,4	50,8	40,5	31,5	23,9	24,3	41,0	28,2	20,8	13,0
MULHER CASADA	19,8	35,4	23,0	17,8	9,0	8,4	21,3	8,8	7,4	3,2
CRIANÇAS	6,3	12,3	7,3	5,4	3,2	4,6	4,9	5,3	2,9	5,7
Nº DE CASOS	(804)	(65)	(343)	(241)	(155)	(748)*	(61)	(319)	(245)	(123)

* Exclui 2 casos que nunca ouviram falar sobre AIDS

T A B E L A 8.8

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SOBRE A COMPARAÇÃO DA OPINIÃO DOS
JOVENS SOLTEIROS SEXUALMENTE ATIVOS SOBRE O RISCO GERAL
E O RISCO INDIVIDUAL DE CONTRAIR AIDS, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
<u>RISCO</u>	<u>RISCO GERAL*</u>	<u>RISCO INDIVIDUAL</u>	<u>RISCO GERAL**</u>	<u>RISCO INDIVIDUAL</u>
Nenhum risco	0,0	71,6	0,0	56,9
Pouco risco	27,2	24,7	13,2	39,1
Muito risco	71,6	3,7	85,3	3,0
Não sabe	1,2	0,0	1,5	1,0
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(81)	(81)	(197)	(197)

* Mulher solteira com vida sexual

** Homem solteiro com vida sexual

T A B E L A 8.9

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SOBRE A COMPARAÇÃO DA OPINIÃO DOS JO-
VENS CASADOS OU UNIDOS, SOBRE O RISCO DE CONTRAIR AIDS DOS HOMENS E MU-
LHERES CASADOS DA POPULAÇÃO GERAL E DO RISCO INDIVIDUAL, POR
SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>R I S C O</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>RISCO GERAL</u>	<u>RISCO INDIVIDUAL</u>	<u>RISCO GERAL</u>	<u>RISCO INDIVIDUAL</u>
NENHUM	16,7	82,8	18,0	83,6
POUCO RISCO	61,7	13,3	63,9	14,8
MUITO RISCO	17,8	0,6	16,4	0,0
NÃO SABE	3,9	3,3	1,6	1,6
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(180)	(180)	(61)	(61)

T A B E L A 8.10

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS QUE ACREDITAM QUE SE PODE CONTRAIR AIDS ATRAVÉS DE RELAÇÕES SEXUAIS, SEGUNDO AS OPINIÕES DELES SOBRE AS MEDIDAS A SEREM ADOTADAS PARA DIMINUIR O RISCO DE CONTRAIR AIDS, SEM DEIXAR DE MANTER RELAÇÕES SEXUAIS, POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO-SP- BRASIL - 1988

E S C O L A R I D A D E

<u>OPINIÕES</u>	<u>M U L H E R E S</u>					<u>H O M E N S</u>				
	<u>TOTAL</u>	<u>NI</u> <u>INCP</u>	<u>NII</u> <u>INCP</u>	<u>2º G</u> <u>INCP</u>	<u>2ºGCP</u> <u>OU</u> <u>UNIV.</u>	<u>TOTAL</u>	<u>NI</u> <u>INCP</u>	<u>NII</u> <u>INCP</u>	<u>2º G</u> <u>INCP</u>	<u>2ºGCP</u> <u>OU</u> <u>UNIV.</u>
USAR CAMISINHA	76,4	63,5	76,4	77,9	79,1	78,7	53,3	77,8	84,4	81,8
TER UM SÓ PARCEIRO (CONHECER BEM)	4,9	4,8	3,3	5,4	7,8	4,4	6,7	5,1	2,9	5,0
NÃO TRANSAR COM MUITA GENTE	2,5	3,2	1,8	2,9	3,3	7,6	10,0	6,6	6,6	10,7
OUTROS	3,4	1,6	3,3	2,9	5,2	3,8	3,3	3,8	4,1	1,7
NÃO SABE	12,8	27,0	15,2	10,8	4,6	5,5	23,3	6,6	2,0	0,8
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(791)	(63)	(335)	(240)	(153)	(741)	(60)	(316)	(244)	(121)

T A B E L A 8.11

PERCENTUAL DE JOVENS* QUE CONSIDERAM QUE PARA EVITAR A AIDS,
DEVE-SE USAR CONDOM SOMENTE QUANDO SE TEM RELAÇÃO SEXUAL ANAL,
SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP- BRASIL - 1988

<u>ESCOLARIDADE</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
ATÉ NII INCP	28,4	(102)	18,4	(98)
2º G INCP	9,4	(53)	21,0	(38)
2º G CP OU UNIV	9,4	(32)	**	(22)
T O T A L	19,8	(187)	18,4	(158)

* Somente os jovens que não mencionaram o uso do condom como medida preventiva a ser adotada, na tabela anterior

** Menos de 25 casos

T A B E L A 8.12

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SOLTEIROS OU NÃO UNIDOS COM EXPERIÊNCIA SEXUAL QUE ESTÃO ADOTANDO MEDIDAS PARA DIMINUIR O RISCO DE CONTRAIR AÍDS, SEGUNDO A DESCRIÇÃO DAS MEDIDAS ADOTADAS, POR IDADE E SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL- 1988

M E D I D A S	I D A D E					
	M U L H E R E S			H O M E N S		
	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
TER SOMENTE UM PARCEIRO/NÃO TRANSAR COM MUITA GENTE	27,6	21,6	30,9	47,4	45,1	49,2
USAR CONDOM E DIMINUIR O NÚMERO DE PARCEIROS	26,7	32,4	23,5	40,7	41,4	40,1
USAR SOMENTE AGULHAS DESCARTÁVEIS/PREOCUPAR-SE MAIS COM A HIGIENE	23,8	21,6	25,0	0,8	0,9	0,8
NÃO TER CONTATO COM PESSOAS DO GRUPO DE RISCO/NÃO TER RELAÇÕES SEXUAIS COM PROSTITUTAS E/OU BISSEXUAIS	2,8	2,7	2,9	6,3	4,2	8,0
OUTROS	19,0	21,6	17,6	4,8	8,4	1,9
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(105)	(37)	(68)	(477)	(215)	(262)

T A B E L A 8.13

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS SOLTEIROS OU NÃO UNIDOS COM EXPERIÊNCIA SEXUAL QUE ESTÃO ADOTANDO MEDIDAS PARA DIMINUIR O RISCO DE CONTRAIR AIDS, SEGUNDO A DESCRIÇÃO DAS MEDIDAS ADOTADAS, POR ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

E S C O L A R I D A D E

<u>M E D I D A S</u>	<u>M U L H E R E S</u>				<u>H O M E N S</u>			
	<u>TOTAL</u>	<u>ATÉ NII INCP</u>	<u>2º G INCP</u>	<u>2ºGCP OU UNIV.</u>	<u>TOTAL</u>	<u>ATÉ NII INCP</u>	<u>2º G INCP</u>	<u>2ºGCP OU UNIV</u>
TER SOMENTE UM PARCEIRO/NÃO TRANSAR COM MUITA GENTE	27,6	22,7	30,6	32,0	47,4	45,8	50,6	45,6
USAR CONDOM E DIMINUIR O NÚMERO DE PARCEIROS	26,7	22,7	22,2	40,0	40,7	38,2	40,7	46,7
USAR SOMENTE AGULHAS DESCARTÁVEIS/PREOCUPAR-SE MAIS COM A HIGIENE	23,8	27,3	25,0	16,0	0,8	0,0	1,8	1,1
NÃO TER CONTATO COM PESSOAS DO GRUPO DE RISCO/NÃO TER RELAÇÕES SEXUAIS COM PROSTITUTAS E/OU BISEXUAIS	2,8	2,3	2,8	4,0	6,3	9,8	3,1	3,3
OUTROS	19,0	25,0	19,4	8,0	4,8	6,2	3,7	3,3
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nº DE CASOS	(105)	(44)	(36)	(25)	(477)	(225)	(162)	(90)

T A B E L A 9.1

PERCENTUAL DE JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE MACONHA
E/OU DROGAS QUÍMICAS SEGUNDO IDADE, ESCOLARIDADE E NÍVEL SÓCIO -
ECONÔMICO, POR SEXO

São Paulo - SP - BRASIL - 1988

<u>I D A D E</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>MACONHA</u>	<u>DROGAS QUÍMICAS</u>	<u>MACONHA</u>	<u>DROGAS QUÍMICAS</u>
15-19	99,3	90,1	99,0	98,2
20-24	99,2	95,6	99,4	97,7
<u>ESCOLARIDADE</u>				
NI INCP	96,9	84,6	96,8	91,9
NII INCP	99,4	89,5	99,1	98,1
2º G INCP	99,2	96,3	99,6	99,2
2º GCP OU UNIV.	100,0	96,8	100,0	98,4
<u>NÍVEL SÓCIO ECONÔMICO</u>				
BAIXO	100,0	92,9	93,2	95,4
MÉDIO BAIXO	98,2	90,2	98,8	96,5
MÉDIO	100,0	91,1	100,0	98,5
MÉDIO ALTO	99,2	98,3	100,0	100,0
ALTO	100,0	100,0	100,0	100,0
TOTAL	99,2	92,5	99,2	98,0
Nº DE CASOS	(804)	(804)	(750)	(750)

T A B E L A 9.2

PERCENTUAL DE JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE MACONHA E/OU DROGAS QUÍMICAS E QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE ÀS QUESTÕES FORMULADAS SOBRE ESTES DOIS TEMAS, SEGUNDO IDADE E SEXO

SÃO PAULO- SP - BRASIL - 1988

I D A D E

M U L H E R E S

H O M E N S

<u>MACONHA</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>	<u>TOTAL</u>	<u>15-19</u>	<u>20-24</u>
FUMAR FAZ MAL À SAÚDE	95,2	95,7	94,7	91,5	93,1	89,7
FUMAR DEVE SER CONSIDERADO CRIME	63,8	62,3	65,6	64,2	67,0	61,1
TRAFICAR DEVE SER CONSIDERADO CRIME	92,4	91,6	93,3	92,3	93,4	91,1
Nº DE CASOS	(798)	(440)	(358)	(744)	(394)	(350)
<u>DROGAS QUÍMICAS</u>						
USAR FAZ MAL À SAÚDE	99,1	99,2	98,8	98,8	99,2	98,3
USAR DEVE SER CONSIDERADO CRIME	80,0	77,9	82,3	81,4	82,6	79,9
TRAFICAR DEVE SER CONSIDERADO CRIME	94,9	94,0	95,9	95,2	94,9	95,6
Nº DE CASOS	(744)	(399)	(345)	(735)	(391)	(344)

T A B E L A 9.3

PERCENTUAL DE JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE MACONHA E/OU DROGAS QUÍMICAS E QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE ÀS QUESTÕES FORMULADAS SOBRE ESTES DOIS TEMAS, SEGUNDO ESCOLARIDADE E SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

E S C O L A R I D A D E

	<u>M U L H E R E S</u>					<u>H O M E N S</u>				
		NI	NII	2º G	2º GCP OU UNIV.		NI	NII	2º G	2º GCP OU UNIV.
<u>MACONHA</u>	<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>		<u>TOTAL</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	<u>INCP</u>	
FUMAR FAZ MAL À SAÚDE	95,2	92,1	97,4	93,3	94,8	91,5	86,7	93,7	91,4	88,6
FUMAR DEVE SER CONSIDERADO CRIME	63,8	85,7	73,9	51,5	51,6	64,2	78,3	73,1	60,0	43,1
TRAFICAR DEVE SER CONSIDERADO CRIME	92,4	93,7	94,1	91,6	89,0	92,3	88,3	94,6	90,2	92,7
Nº DE CASOS	(798)	(63)	(341)	(239)	(155)	(744)	(60)	(316)	(245)	(123)
<u>DROGAS QUÍMICAS</u>										
USAR FAZ MAL À SAÚDE	99,1	98,2	99,3	98,7	99,3	98,8	94,7	99,0	99,2	99,2
USAR DEVE SER CONSIDERADO CRIME	80,0	98,2	86,0	68,5	78,7	81,4	89,5	86,9	80,7	64,5
TRAFICAR DEVE SER CONSIDERADO CRIME	94,9	96,4	95,4	92,7	96,7	95,2	91,2	96,5	93,9	96,7
Nº DE CASOS	(744)	(55)	(307)	(232)	(150)	(735)	(57)	(313)	(244)	(121)

T A B E L A 9.4

PERCENTUAL DE JOVENS QUE CONHECEM OU OUVIRAM FALAR DE MACONHA E/OU DROGAS QUÍMICAS E QUE RESPONDERAM AFIRMATIVAMENTE ÀS QUESTÕES FORMULADAS SOBRE ESTES DOIS TEMAS, SEGUNDO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO E SEXO

SÃO PAULO SP - BRASIL - 1988

N Í V E L S Ó C I O - E C O N Ô M I C O

M U L H E R E S

H O M E N S

<u>MACONHA</u>	<u>TOTAL</u>	<u>BAIXO</u>	<u>MÉDIO</u> <u>BAIXO</u>	<u>MÉDIO</u> <u>MÉDIO</u>	<u>MÉDIO</u> <u>ALTO</u>	<u>ALTO</u>	<u>TOTAL</u>	<u>BAIXO</u>	<u>MÉDIO</u> <u>BAIXO</u>	<u>MÉDIO</u> <u>MÉDIO</u>	<u>MÉDIO</u> <u>ALTO</u>	<u>ALTO</u>
FUMAR MACONHA FAZ MAL À SAÚDE	95,2	96,4	95,2	97,4	93,2	85,4	91,5	90,2	92,4	93,8	87,6	82,7
FUMAR MACONHA DE- VE SER CONSIDERA- DO CRIME	63,8	83,9	74,6	63,2	42,4	35,4	64,2	70,7	74,9	64,2	52,9	28,6
TRAFICAR MACONHA DEVE SER CONSIDE- RADO CRIME	92,4	92,9	92,3	94,1	89,0	89,6	92,3	87,8	92,6	92,3	94,1	88,6
Nº DE CASOS	(798)	(56)	(272)	(304)	(118)	(48)	(744)	(41)	(255)	(260)	(153)	(35)

DROGAS QUÍMICAS

USAR DROGAS QUÍ- MICAS FAZ MAL À SAÚDE	99,1	100,0	98,4	99,3	100,0	97,9	98,8	95,2	98,4	99,6	99,4	97,1
USAR DROGAS DEVE SER CONSIDERADO CRIME	78,0	94,2	86,4	79,4	66,7	66,7	81,4	88,1	87,2	81,2	76,5	54,3
TRAFICAR DROGAS QUÍMICAS DEVE SER CONSIDERADO CRIME	94,9	96,2	94,0	95,7	93,2	97,9	95,2	90,5	95,6	95,3	96,7	91,4
Nº DE CASOS	(744)	(52)	(250)	(277)	(117)	(48)	(735)	(42)	(249)	(256)	(153)	(35)

T A B E L A 9.5

PERCENTUAL DOS JOVENS QUE CONSIDERAM QUE A ORIENTAÇÃO SOBRE O PERIGO DE USAR DROGAS, DESPERTA NAS PESSOAS A CURIOSIDADE PARA USÁ-LAS, POR ESCOLARIDADE E NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO, POR SEXO

SÃO PAULO - SP - BRASIL - 1988

<u>ESCOLARIDADE</u>	<u>M U L H E R E S</u>		<u>H O M E N S</u>	
	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>	<u>%</u>	<u>Nº DE CASOS</u>
NI INCP	43,1	(65)	35,5	(62)
NII INCP	45,2	(343)	47,6	(319)
2º G INCP	41,5	(241)	43,1	(246)
2º G CP OU UNIV.	27,7	(155)	46,3	(123)
T O T A L	40,6	(804)	44,9	(750)
<u>NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO</u>				
BAIXO	44,6	(56)	38,6	(44)
MÉDIO BAIXO	42,2	(277)	42,6	(258)
MÉDIO	42,8	(304)	45,8	(260)
MÉDIO ALTO	31,1	(119)	47,7	(153)
ALTO	35,4	(48)	51,4	(35)
T O T A L	40,6	(804)	44,9	(750)

